

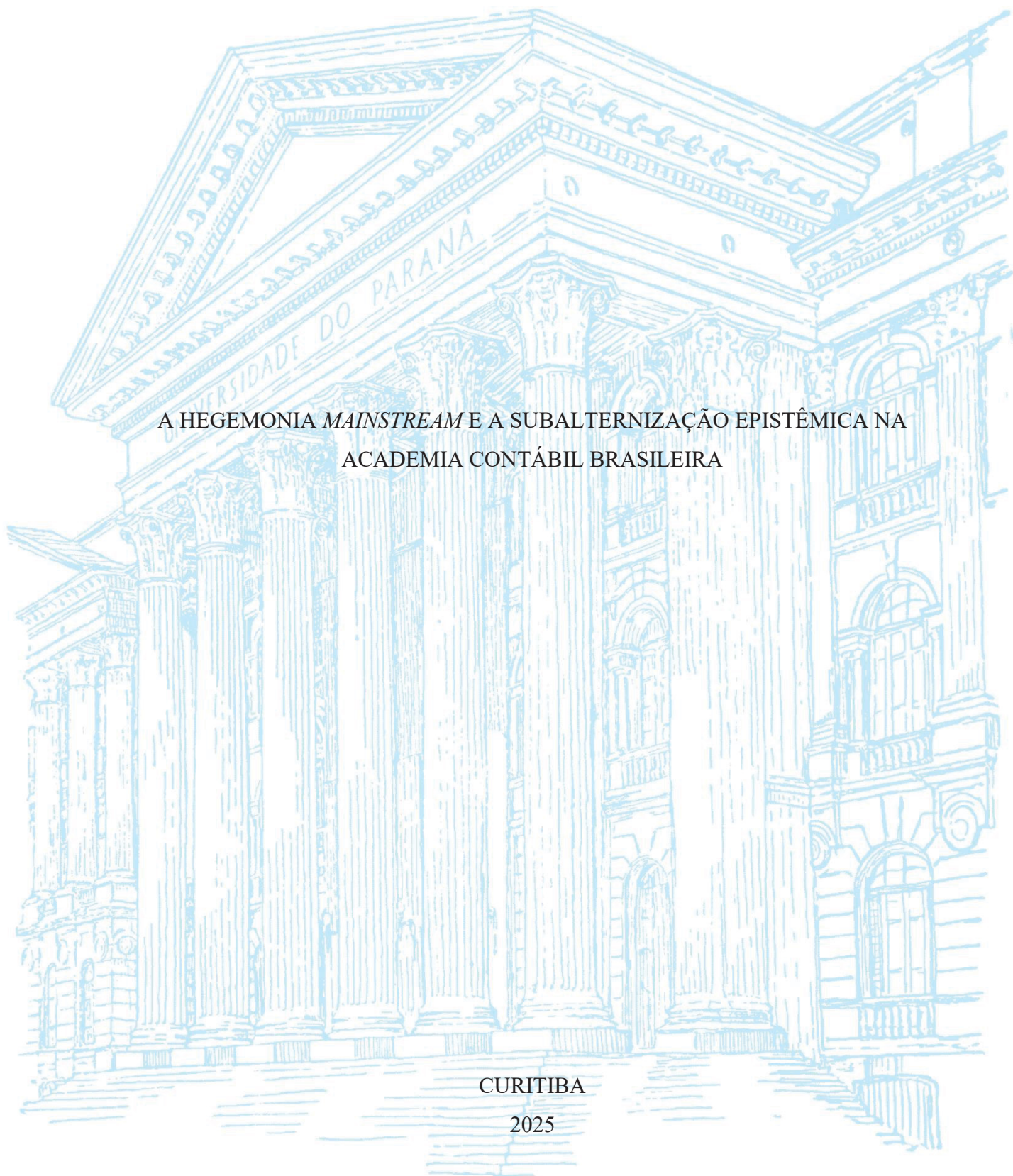
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANDRE SCHEDELOSKI

A HEGEMONIA *MAINSTREAM* E A SUBALTERNIZAÇÃO EPISTÊMICA NA
ACADEMIA CONTÁBIL BRASILEIRA

CURITIBA

2025



ANDRE SCHEDELOSKI

A HEGEMONIA *MAINSTREAM* E A SUBALTERNIZAÇÃO EPISTÊMICA NA
ACADEMIA CONTÁBIL BRASILEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Contabilidade, Setor de Ciências Sociais Aplicadas
da Universidade Federal do Paraná, como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em Contabilidade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sayuri Unoki de Azevedo

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

Schedeloski, Andre

A hegemonia mainstream e a subalternização epistêmica na academia contábil brasileira / Andre Schedeloski .– 2025.

1 recurso on-line: PDF.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Contabilidade.

Orientadora: Profa. Dra. Sayuri Unoki de Azevedo

1. Contabilidade. 2. Análise crítica do discurso. 3. Hegemonia.

I. Azevedo, Sayuri Unoki de. II. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Contabilidade. III. Título.

Bibliotecária: Kathya Fecher Dias – CRB-9/2198

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação CONTABILIDADE da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **ANDRE SCHEDELOSKI** intitulada: **A HEGEMONIA MAINSTREAM E A SUBALTERNIZAÇÃO EPISTÊMICA NA ACADEMIA CONTÁBIL BRASILEIRA**, sob orientação da Profa. Dra. SAYURI UNOKI DE AZEVEDO, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 19 de Fevereiro de 2025.

Assinatura Eletrônica

21/02/2025 13:54:02.0

SAYURI UNOKI DE AZEVEDO

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

20/02/2025 18:16:03.0

FERNANDA FILGUEIRAS SAUERBRONN

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO)

Assinatura Eletrônica

19/02/2025 17:48:41.0

FLAVIANO COSTA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

AGRADECIMENTOS

Nas minhas primeiras semanas na graduação, eu soube que queria fazer mestrado. Porém, por uma série de fatores e escolhas, essa vontade ficou em segundo plano por muitos anos. Quando decidi bancar esse desejo, me deparei com uma jornada difícil, repleta de desafios e inseguranças que eu nem sequer imaginava. E, se não fosse pelo apoio e pelo suporte de diversas pessoas, eu não estaria realizando esse sonho.

Primeiramente, agradeço à minha família por me incentivar, por compreender todas as minhas ausências e todos meus momentos de impaciência. Agradeço à minha mãe Doroti e ao meu pai Vicente por toda a ajuda e suporte nesses dois longos anos. Obrigado por terem feito o possível para que eu pudesse me dedicar totalmente ao mestrado e, acima de tudo, obrigado por sempre me incentivarem a continuar estudando. Se hoje estou aqui finalizando um mestrado, é porque desde sempre vocês me ensinaram a importância da educação. Agradeço também ao meu irmão Afonso e a minha cunhada Mariana por me encorajarem a entrar no mestrado e por ouvirem sobre as dificuldades da pós-graduação. Obrigado por verem em mim um potencial que eu não via e me fazerem entender que a pós-graduação também era um lugar para mim. Agradeço também ao meu sobrinho Alvinho, pela vontade de passar mais tempo contigo e de te ver crescer me deu fôlego nessa reta final do mestrado. Família, amo todos vocês! No meu diploma vai estar apenas meu nome, mas saibam que ele também é de vocês.

Agradeço também aos meus amigos, por não me odiarem por todos roles furados, por todos os bares pagos, pelos sofás cedidos, pelos memes compartilhados, pelas reclamações ouvidas. Chau, Fer, João, Jo, Katia, Newton, Rob e Rubi, muito obrigado por me apoiarem em mais um projeto meio maluco e por continuarem na minha vida. Agora podem voltar a me convidar para as coisas que eu prometo tentar em ir.

Agradeço também aos amigos feitos no PPGCONT, por compartilharem diversas alegrias e sofrimentos, por me apoiarem em todas as dificuldades acadêmicas, mas principalmente por ter feito toda essa experiência menos solitária. Amanda, Camila, Cris, Gleisson, Pavel e Thaís, obrigado pela companhia e por terem feito essa jornada mais leve. Que ainda tenhamos muitas festas de congresso para irmos juntos.

Agradeço também aos membros do LEPEC, por toda ajuda, conselhos e risadas compartilhadas. Obrigado por terem feito do nosso laboratório um espaço acolhedor e de paz no meio das diversas turbulências do mestrado. Agradeço também aos meus colegas de turma, por todos os desafios que passamos juntos. Obrigado por todas as trocas e parcerias que tivemos.

Agradeço a professora Sayuri Unoki de Azevedo, por todos conselhos, direcionamentos e orientações nesse período. Obrigado por apoiar minha ideia e me incentivar a seguir com a temática que eu gosto. Enquanto eu pesquisava sobre as resistências sofridas por pesquisadores não *mainstream*, só ficava mais grato por ter uma orientadora que me encorajava a seguir firme com meu posicionamento. Obrigado por me mostrar que podemos fazer da academia um ambiente acolhedor, por todo aprendizado e pelo companheirismo em embarcar numa dissertação desafiadora para ambos. Espero que a gente continue nossa parceria e desbravando juntos diferentes temáticas e metodologias.

Agradeço a todos professores membros das bancas de dissertação, por todo conhecimento compartilhado que ajudaram muito no crescimento do trabalho. Agradeço à professora Nayane Thaís Krespi Musial pelas contribuições na pré-qualificação, me ajudando a definir melhor o direcionamento do trabalho. Agradeço também ao professor Flaviano Costa pela participação em todas as fases dessa pesquisa, contribuindo tanto com a melhora do trabalho quanto me encorajando a seguir com a temática. Agradeço também à professora Fernanda Filgueiras Sauerbronn pela participação nas bancas de qualificação e defesa, contribuindo com diversas reflexões e direcionamentos que engrandeceram muito o trabalho. Agradeço a todos por todas as contribuições e por fazerem parte dessa trajetória tão importante para mim.

Agradeço também a todos os professores que tive contato no PPGCONT, por todo aprendizado, por todas ajudas e conversas. Agradeço também aos servidores da UFPR Camila, Marcio e Tânia, pelas dúvidas sanadas durante esse processo.

Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo auxílio financeiro durante todo o mestrado.



(Laerte)

RESUMO

A academia contábil brasileira é caracterizada pelo domínio de pesquisas influenciadas por tendências funcionalistas-positivistas, formando uma hegemonia epistemológica *mainstream* que cria resistências e barreiras para o desenvolvimento de abordagens diferentes. Essa hegemonia dominante sustenta a agenda neoliberal, capitalista e de globalização do Neocolonialismo e mantém a Colonialidade, por meio de práticas de subalternização epistêmica que colonizam as reflexões da área. Pela perspectiva da Análise de Discurso Crítica Relacional-Dialética, as práticas sociais de subalternização epistêmica atuam restringindo e moldando a forma como pesquisadores se identificam. Os discursos hegemônicos presentes nessas práticas são interiorizados e inculcados no processo identificacional, desencorajando o enfrentamento dos valores neoliberais naturalizados na área contábil. Para se libertar dessa reprodução colonial do conhecimento, é necessária a decolonização do ser por meio do entendimento de como os discursos hegemônicos são inculcados. Nesse contexto, tive como objetivo compreender o processo identificacional de pesquisadores não *mainstream* frente às práticas sociais de subalternização epistêmica na academia contábil brasileira. Para tanto, realizei entrevistas semiestruturadas com pesquisadores não *mainstream* da área contábil, que foram analisadas e interpretadas por meio do enquadre teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica Relacional-Dialética, observando os estilos discursivos utilizados e seus significados identificacionais. Na análise e interpretação das entrevistas, observei que os pesquisadores não *mainstream* percebem uma divisão entre eles e os acadêmicos que seguem a abordagem hegemônica, se identificando em uma posição subalterna pelas dificuldades de obter reconhecimento e de debater suas temáticas de interesse. Além disso, se sentem forçados à normalização aos padrões hegemônicos ou ao isolamento. As diversas resistências sofridas dificultam o acesso dos pesquisadores não *mainstream* aos principais meios de divulgação científica da área contábil e evitam que a hegemonia seja questionada. Como forma de insurgência contra a Colonialidade, os pesquisadores não *mainstream* desenvolveram agências transformadoras decoloniais. Essas agências permitem que os entrevistados ajam para o desfazimento das estruturas coloniais por meio da ocupação e participação em diferentes espaços acadêmicos, de estratégias para a permanência de grupos marginalizados na academia, da promoção da colaboração entre acadêmicos e do estreitamento do diálogo com a sociedade. Com a compreensão do processo identificacional dos pesquisadores não *mainstream*, contribuo para a reflexão sobre as estruturas coloniais que estão sendo reforçadas pela produção científica contábil e sobre o potencial pouco explorado para emancipação social da área. Também contribuo com a reflexão sobre a manutenção da Colonialidade na academia contábil brasileira e como as resistências se concentram no apagamento e inferiorização de identidades sociais, demonstrando a importância de considerar o processo de colonização do ser que ocorre na área. Por fim, contribui também com a reflexão sobre as estratégias utilizadas para a decolonização da academia contábil brasileira, em que seus focos estão na re-humanização da área como forma de promover o reconhecimento de epistemes diversas.

Palavras-chave: Academia contábil; Hegemonia *mainstream*; Colonialidade; Subalternização epistêmica; Processo identificacional; Análise do Discurso Crítica.

ABSTRACT

The Brazilian accounting academy is characterized by the dominance of research influenced by functionalist-positivist trends, forming a mainstream epistemological hegemony that creates resistance and barriers to the development of alternative approaches. This dominant hegemony sustains the neoliberal, capitalist, and globalization agenda of Neocolonialism and maintains Coloniality, through practices of epistemic subalternization that colonize the reflections in the field. From the perspective of Critical Relational-Dialectical Discourse Analysis, the social practices of epistemic subalternization act by restricting and shaping how researchers identify themselves. The hegemonic discourses present in these practices are internalized and inculcated in the identification process, discouraging the confrontation of the neoliberal values naturalized in the accounting field. To break free from this colonial reproduction of knowledge, it is necessary to decolonize the self by understanding how hegemonic discourses are inculcated. In this context, my goal was to understand the identification process of non-mainstream researchers in the face of social practices of epistemic subalternization in the Brazilian accounting academy. To do so, I conducted semi-structured interviews with non-mainstream accounting researchers, which were analyzed and interpreted through the theoretical-methodological framework of Critical Relational-Dialectical Discourse Analysis, observing the discursive styles used and their identificational meanings. In the analysis and interpretation of the interviews, I observed that non-mainstream researchers perceive a division between themselves and academics who follow the hegemonic approach, identifying themselves in a subaltern position due to the difficulties in gaining recognition and discussing their topics of interest. Additionally, they feel forced to conform to hegemonic standards or to isolate themselves. The various resistances they face hinder non-mainstream researchers' access to the main scientific dissemination channels in the accounting field and prevent the hegemony from being questioned. As a form of insurgency against Coloniality, non-mainstream researchers have developed decolonial transformative agencies. These agencies allow the interviewees to act toward the dismantling of colonial structures through participation in different academic spaces, strategies for the permanence of marginalized groups in academia, promoting collaboration among academics, and strengthening dialogue with society. With the understanding of the identification process of non-mainstream researchers, I contribute to the reflection on the colonial structures that are being reinforced by accounting scientific production and the underexplored potential for social emancipation in the field. I also contribute to the reflection on the maintenance of Coloniality in the Brazilian accounting academy and how resistances focus on the erasure and subordination of social identities, demonstrating the importance of considering the process of the colonization of the self that occurs in the field. Finally, I also contribute to the reflection on the strategies used for the decolonization of the Brazilian accounting academy, where the focus is on the re-humanization of the field as a way to promote the recognition of diverse epistemes.

Keywords: Accounting academy; Mainstream Hegemony; Coloniality; Epistemic Subalternization; Identificational Process; Critical Discourse Analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Prática social e ordens do discurso</i>	23
Figura 2 - <i>Articulações das ordens do discurso</i>	24
Figura 3 - <i>Entrevistas realizadas</i>	39
Figura 4 - <i>Enquadre da Análise de Discurso Crítica Relacional-Dialética</i>	39
Figura 5 - <i>Categorias analíticas</i>	42

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAAE	- Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CEP/CHS	- Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais
EnANPAD	- Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração
PPG	- Programa de Pós-graduação
PPGs	- Programas de Pós-graduação
UFPR	- Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMA DE PESQUISA	13
1.2 OBJETIVOS.....	16
1.2.1 Objetivo Geral	16
1.2.2 Objetivos Específicos	16
1.3 JUSTIFICATIVA	17
2 ASPECTOS TEÓRICOS.....	18
2.1 ENQUADRE TEÓRICO DA ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA RELACIONAL-DIALÉTICA.....	18
2.1.1 Ordens do discurso	22
2.1.2 O processo identificacional	25
2.2 A HEGEMONIA <i>MAINSTREAM</i> NA ACADÊMIA CONTÁBIL BRASILEIRA	26
2.3 A COLONIALIDADE E A SUBALTERNIZAÇÃO EPISTÊMICA NA ACADEMIA CONTÁBIL BRASILEIRA	31
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	34
3.1 POSICIONAMENTO EPISTEMOLÓGICO	34
3.2 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA	35
3.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	36
3.4 PROCEDIMENTO DE GERAÇÃO DE DADOS	37
3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	39
4 A SUBALTERNIZAÇÃO EPISTÊMICA DE PESQUISADORES NÃO <i>MAINSTREAM</i> NA ACADEMIA CONTÁBIL BRASILEIRA.....	43
4.1 O PROCESSO IDENTIFICACIONAL DE PESQUISADORES NÃO MAINSTREAM FRENTE ÀS PRÁTICAS SOCIAIS DE SUBALTERNIZAÇÃO EPISTÊMICA	43
4.1.1 Trajetória acadêmica: “É como se você estivesse à margem”.....	43
4.1.2 Relação com orientadores: “A gente se percebeu enquanto pesquisador”	51
4.1.3 Experiências em congressos: “Se você continuar fazendo esse tipo de coisa que você faz a gente vai continuar te agredindo até você obedecer”	57
4.1.4 Experiências com periódicos: “O processo de publicação não é objetivo”	62
4.1.5 O entrelaçamento de identidades marginalizadas: “Minhas identidades se somavam para ser exatamente o oposto ao mainstream”	66

4.2 AS IDENTIDADES SUBALTERNIZADAS DE PESQUISADORES NÃO <i>MAINSTREAM</i> E A MANUTENÇÃO DA COLONIALIDADE	69
4.3 A AGÊNCIA TRANSFORMADORA DOS PESQUISADORES NÃO <i>MAINSTREAM</i>	72
5 REFLEXÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	83
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....	88
APÊNDICE B – REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO	89
ANEXO 1 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA.....	91

1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo apresento a contextualização da pesquisa e a questão que direciona este trabalho, seguido do objetivo geral e dos objetivos específicos e, por fim, das justificativas desta dissertação.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMA DE PESQUISA

A academia contábil brasileira é caracterizada pelo domínio de pesquisas influenciadas por tendências funcionalistas-positivistas popularizadas nos Estados Unidos (Bartoluzzio et al., 2024; E. Martins, 2005; Magrini et al., 2024). A supremacia dessa abordagem de pesquisa foi fomentada pelo desenvolvimento do Neoliberalismo e pela relevância da contabilidade dentro da lógica econômica e financeira, funcionando como fornecedora de medidas econômicas objetivas e projetivas (Fox, 2018; Magrini et al., 2024; Sauerbronn et al., 2023b; Zimmerman, 2001). A difusão desse *mainstream* de pesquisa promove uma produção científica voltada para atender o mercado neoliberal e para a reprodução de dinâmicas capitalistas (Fox, 2018; Sauerbronn et al., 2023b; Silva et al., 2022; Zimmerman, 2001).

Com o esgotamento do Normativismo como a abordagem dominante no final da década de 1990 e uma procura por maior rigor nos procedimentos metodológicos das pesquisas locais, a academia contábil brasileira importou o modelo empírico-teórico norte-americano baseado na evidenciação, na comprovação de hipóteses e com foco em questões práticas (E. Martins, 2005; E. A. Martins, 2012). A influência norte-americana foi facilitada pela proximidade da academia brasileira com o campo profissional, priorizando a produção de conhecimento de caráter instrumental e que atenda a prática contábil (Homero Junior, 2017a; 2021; Magrini et al., 2024). Com a difusão do modelo norte-americano, as pesquisas funcionalistas-positivistas se tornaram o *mainstream* na academia brasileira a partir dos anos 2000, prevalecendo os discursos profissionais e neoliberais sobre os científicos e acadêmicos, e subordinando a produção de conhecimento aos interesses da prática contábil (Homero Junior, 2017b; Magrini et al., 2024).

Neste contexto, o *mainstream* foi naturalizado como a forma legítima de se fazer pesquisa contábil no Brasil, em uma hegemonia que orienta a construção de conhecimentos para que estejam em conformidade com seus pressupostos (Bartoluzzio et al., 2024; Homero Junior, 2021; Nganga et al., 2023). A hegemonia epistemológica *mainstream* cria resistências e barreiras para o desenvolvimento de abordagens diferentes, resultando em baixa diversidade

epistêmica e reproduzindo dinâmicas coloniais (Bartoluzzio et al., 2024; Sauerbronn et al., 2023b). Essa reprodução busca sustentar a agenda neoliberal, capitalista e de globalização do Neocolonialismo e manter a Colonialidade (Magrini et al., 2024; Sauerbronn et al., 2024).

Conforme argumentado por Grosfoguel (2007), o sucesso do Neocolonialismo consiste em fazer com que os indivíduos que estão socialmente localizados no lado colonizado pensem epistemicamente como os que estão em posições dominantes. A subalternização epistêmica do pensamento crítico sobre o conhecimento hegemônico provindo do lado colonizado da dinâmica colonial perpetua o mito de um conhecimento universal verdadeiro e encobre as estruturas coloniais de conhecimento (Grosfoguel, 2007). Essa dinâmica é mantida por meio da naturalização de práticas que constroem o desenvolvimento de epistemologias diversas e que mantém a reprodução da Colonialidade como padrão de que define a produção de conhecimento (Pardo, 2019; Resende & Ramalho, 2006; Sauerbronn et al., 2023b). Na academia contábil brasileira, essa manutenção ocorre com a colonização das reflexões da área por meio de práticas sociais de subalternização epistêmica.

Na comunidade científica contábil brasileira, a subalternização epistêmica ocorre por meio da vigilância epistêmica durante a formação dos discentes, envolvendo orientadores, colegas e pares, e nos congressos e periódicos da área (Bartoluzzio et al., 2024; Homero Junior, 2021; Magrini et al., 2024; Pereira et al., 2019). A vigilância auxilia no impedimento do desenvolvimento de perspectivas diferentes do *mainstream* e normaliza acadêmicos dentro dos valores hegemônicos (Bartoluzzio et al., 2024; Homero Junior, 2021). Em sua pesquisa, Bartoluzzio et al. (2024) relatam o desencorajamento de abordagens consideradas alternativas durante o processo de formação, enfatizando a resistência por parte de professores a essas abordagens e a imposição da vertente dominante. O desencorajamento de pesquisas não *mainstream* também parte de colegas e de pares por meio de recriminações e repreensões (Bartoluzzio et al., 2024; Homero Junior, 2021).

Além disso, os currículos dos Programas de Pós-Graduação (PPGs) da área também funcionam na manutenção da hegemonia *mainstream*. Ao analisarem o currículo da pós-graduação da área contábil no Brasil, Nganga et al. (2022) verificaram que apenas 53% dos cursos de doutorado possuem disciplina obrigatória de epistemologia. Além disso, a oferta de disciplinas sobre abordagens diferentes do *mainstream* de pesquisa é escassa, com apenas um Programa de Pós-Graduação (PPG) atualmente contando com uma disciplina eletiva sobre o tema (Nganga et al., 2022; Sauerbronn et al., 2023a). O estudo de Bartoluzzio et al. (2024) apresenta análises semelhantes, destacando que o processo de socialização dos estudantes de doutorado da área carece de disciplinas que direcionem para a discussão epistemológica. Esse

cenário indica uma formação sem reflexões sobre como o conhecimento é construído e direcionada ao *mainstream* como uma abordagem natural a ser seguida (Nganga, 2019).

As resistências às pesquisas não *mainstream* também ocorrem em congressos e durante o processo de publicação em periódicos da área (Bartoluzzio et al., 2024; Homero Junior, 2021). A falta de avaliadores com conhecimentos necessários para contribuir com os estudos acarreta em episódios de normalização das pesquisas, por meio da utilização de critérios de qualidade *mainstream* para efetuar as avaliações de pesquisas com outras abordagens (Magrini et al., 2024; Nganga, 2019; Homero Junior, 2021; Pereira et al., 2019).

Conforme argumentado por Bartoluzzio et al. (2024), a vigilância epistêmica reforça o discurso de que há uma única forma de se construir o conhecimento contábil. Pela perspectiva da Análise de Discurso Crítica Relacional-Dialética, as práticas sociais de subalternização epistêmica atuam mediando a relação entre a estrutura hegemônica e os eventos, controlando as possibilidades de mudanças estruturais e mantendo a reprodução da estrutura da hegemonia epistemológica (Fairclough, 2003; Resende, 2019). Essa estrutura hegemônica restringe e molda a forma como pesquisadores se identificam, contribuindo para a continuidade das práticas sociais (Fairclough, 1992/2001; Resende & Ramalho, 2006). Os discursos hegemônicos presentes nessas práticas são interiorizados e inculcados no processo identificacional, direcionando os estilos discursivos utilizados e impactando na identidade social, na autoidentificação e na agência individual (Ramalho & Resende, 2011).

A inculcação desses discursos desencoraja pesquisadores a enfrentar os valores neoliberais naturalizados na área contábil e reforça a subalternização da produção de conhecimentos locais (Bartoluzzio et al., 2024; Magrini et al., 2024; Resende, 2019). Apesar da consolidação de uma comunidade de pesquisadores de abordagens não *mainstream* no Brasil, a hegemonia epistemológica ainda limita os temas que essa comunidade pode acessar (Homero Junior, 2021). As pesquisas críticas e interpretativas ganharam espaço em congressos e eventos, porém ainda se limitando a temas que não contestem diretamente os conhecimentos ligados à profissão contábil e sua agenda neoliberal (Homero Junior, 2021). Ao ceder espaços considerados periféricos para as pesquisas não *mainstream*, a hegemonia epistemológica legitima sua dominância com uma falsa diversidade epistêmica e reforça a visão estreita da contabilidade (Homero Junior, 2021).

Para se libertar dessa reprodução colonial do conhecimento, é necessário o engajamento com as epistemologias subalternizadas e provocar o desprendimento da Colonialidade (Mignolo, 2007b; Queiroz, 2020; Pardo, 2019). A decolonização do conhecimento se inicia com a decolonização do ser, por meio do entendimento de como os

discursos hegemônicos são inculcados nas identidades sociais, na autoidentificação e na agência (Fairclough, 2003; Queiroz, 2020; Resende, 2019). Portanto, segundo Resende (2019), é possível a obtenção de consciência libertadora e o desprendimento dos padrões de identificação que limitam as possibilidades de resistência e transformação. Devido à natureza dialética das práticas sociais e das estruturas hegemônicas, a promoção da reflexividade sobre práticas de subalternização e os padrões de identificação discursivos tem o potencial de acarretar em uma reforma dessas práticas e em alterações nas possibilidades estruturais (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Fairclough, 2003).

Considerando o contexto hegemônico *mainstream* da academia contábil no Brasil e a importância do desprendimento dos padrões identificacionais para a decolonização do conhecimento, a questão que direciona este trabalho é a seguinte: como ocorre o processo identificacional de pesquisadores não *mainstream* frente às práticas sociais de subalternização epistêmica na academia contábil brasileira?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Em conformidade com a questão de pesquisa, o objetivo geral deste trabalho é compreender o processo identificacional de pesquisadores não *mainstream* frente às práticas sociais de subalternização epistêmica na academia contábil brasileira.

1.2.2 Objetivos Específicos

a) Analisar os estilos discursivos e seus significados identificacionais utilizados pelos pesquisadores não *mainstream* frente às práticas sociais de subalternização epistêmica da academia contábil brasileira;

b) Compreender como os discursos hegemônicos são interiorizados e inculcados no processo identificacional e impactam nas identidades sociais, nas autoidentificações e nas agências individuais de pesquisadores não *mainstream* da academia contábil brasileira;

c) Refletir sobre a decolonização das identidades sociais construídas discursivamente pelos pesquisadores não *mainstream* da área contábil brasileira.

1.3 JUSTIFICATIVA

Nesta pesquisa, reforço o entrelaçamento da contabilidade com os processos sociais, culturais e políticos, principalmente pelo seu papel na difusão dos ideais neoliberais e colonialistas (Sauerbronn et al., 2024). Como prática social, a contabilidade carrega elementos discursivos que reproduzem e mantêm a hegemonia neocolonialista, naturalizando as relações de poder e a regulação do capitalismo (Ballestrin, 2013; Queiroz, 2020; Sauerbronn et al., 2024). Assim, por meio da discussão apresentada, contribuo com a ampliação do entendimento dos entrelaçamentos contextuais e temporais da contabilidade, salientando que os discursos profissionais e acadêmicos são permeados pelas dinâmicas globais capitalistas e neoliberais (Lourenço & Sauerbronn, 2016; Sauerbronn et al., 2023b; Silva et al., 2022).

Em perspectiva teórica, esta pesquisa se alinha com a agenda proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999) para a Análise de Discurso Crítica Relacional-Dialética. Para os autores, as reestruturações econômicas e sociais ocorridas nas últimas décadas aumentaram a importância das dimensões discursivas na vida social, se tornando necessário estudos que capturem a ambivalência e complexidade dos discursos. Ao analisar a dimensão discursiva das práticas sociais que perpetuam hegemonias colonizadoras na academia contábil brasileira, atendo à necessidade exposta por Chouliaraki e Fairclough (1999) de estudos críticos do discurso sobre as práticas sociais de colonização e globalização.

Em âmbito acadêmico, contribuo com o processo reflexivo dos acadêmicos da área contábil e a revisão das práticas sociais de subalternização epistêmica. Conforme estudos anteriores (Bartoluzzio et al., 2024; Homero Junior, 2017a; 2017b; 2021; 2022; Magrini et al., 2024; Nganga et al., 2022; Nganga et al., 2023; Pereira et al., 2019), a hegemonia *mainstream* e seus discursos criam barreiras que desencorajam tentativas de questionamento. Conforme exposto por Queiroz (2020), compreender os modos como os efeitos socioculturais e discursivos do capitalismo e da Colonialidade afetam o saber e o ser é uma prática reflexiva decolonial necessária. Por meio da perspectiva decolonial e do foco da pesquisa nos pesquisadores não *mainstream* da área, busco auxiliar no debate sobre o desprendimento dos discursos hegemônicos e no processo de reelaborar reflexivamente as práticas sociais que constroem o pensar e o ser na academia contábil brasileira (Queiroz, 2020; Resende, 2019). Conforme Chouliaraki e Fairclough (1999), o processo reflexivo permite a mudança do discurso e, conseqüentemente, ações para a mudança das próprias práticas sociais.

De forma conseqüente, contribuo com o debate sobre a necessidade de maior pluralismo na pesquisa contábil brasileira. Conforme Magrini et al. (2024) e Nganga et al.

(2023), é necessária uma maior diversidade de vertentes ontológicas, epistemológicas, abordagens e métodos nas pesquisas da área. Ao buscar desvelar a hegemonia epistemológica e levantar debates sobre a decolonização da academia contábil, atuo em conformidade com Magrini et al. (2024) que defendem que é preciso reconhecer os desafios, fortalecer as discussões sobre mudanças paradigmáticas e fomentar aspectos que contribuem para a pluralidade da pesquisa e do conhecimento.

Considerando a proximidade da academia contábil com o campo profissional, a maior pluralidade epistemológica na área tem potencial de agregar diferentes conhecimentos para a prática contábil, impactando na reflexividade dos discursos profissionais (Homero Junior, 2021; Magrini et al., 2024; Nganga et al., 2023). Em uma perspectiva decolonial, contribuo com a reflexão sobre o caráter neoliberal da contabilidade e a possibilidade de discursos não hegemônicos passarem a integrar a prática.

2 ASPECTOS TEÓRICOS

Neste capítulo exponho os aspectos teóricos que fundamentam esta pesquisa. Na subseção 2.1, discorro sobre o enquadre teórico da abordagem relacional-dialética da Análise de Discurso Crítica e a importância do processo identificacional frente às práticas sociais que servem de base para as análises deste trabalho. Em seguida, apresento na subseção 2.2 a conjuntura da hegemonia *mainstream* na academia contábil brasileiro. E, por fim, na subseção 2.3 discorro sobre a Colonialidade da academia contábil e a importância da decolonização do ser.

2.1 ENQUADRE TEÓRICO DA ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA RELACIONAL-DIALÉTICA

A Análise de Discurso Crítica Relacional-Dialética proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (1992/2001; 2003) considera que a vida social é composta por elementos sociais interconectados dialeticamente, com a linguagem sendo uma parte irreduzível dessa formação. Nessa relação dialética entre sociedade e linguagem, as questões sociais são também questões discursivas e identificacionais (Fairclough, 2003; Ramalho & Resende, 2011). Por meio do processo identificacional e dos estilos discursivos utilizados, identidades relativamente estáveis são apresentadas e papéis sociais são assumidos (Fairclough, 2003).

Para Fairclough (1992/2001), as principais tradições linguísticas apresentam limitações nas suas concepções de discurso. A tradição saussureana tem seu foco no estudo do sistema linguístico e não no seu uso, considerando a fala como um ato individual que não é acessível ao estudo sistemático devido a sua imprevisibilidade (Fairclough, 1992/2001). Por sua vez, a concepção sociolinguística afirma que o uso da linguagem é moldado socialmente, porém possui uma ênfase unilateral nas variações linguísticas causadas por fatores sociais, desconsiderando o próprio uso da linguagem como um fator de mudança e como suas propriedades são determinadas pela estrutura social (Fairclough, 1992/2001).

Buscando ultrapassar essas limitações e reunir a análise de discurso orientada linguisticamente e o pensamento social e político relevante para o discurso e a linguagem, Fairclough (1992/2001) propôs a Teoria Social do Discurso que considera o discurso como prática social. Segundo o autor, o discurso é uma forma de ação sobre o mundo e sobre os outros e um modo de representação, além de possuir uma relação dialética com a estrutura social. Baseando-se na abordagem da Linguística Sistêmico-Funcional, Fairclough (1992/2001) distingue três funções da linguagem: identitária, relacional e ideacional. A função identitária está relacionada com os modos como as identidades sociais são estabelecidas pelo discurso, enquanto a função relacional se centra em como as relações sociais entre os participantes do discurso são negociadas e a função ideacional tem seu foco nos modos como o discurso significa o mundo e seus processos e entidades (Fairclough, 1992/2001). Nesta perspectiva de Fairclough (1992/2001), a prática discursiva contribui para reproduzir a sociedade e para transformá-la.

A relação dialética entre o discurso e a estrutura social, segundo Fairclough (1992/2001), é complexa e contraditória, com as práticas sociais possuindo orientações econômicas, políticas, culturais e ideológicas. O discurso está implicado em todas essas diferentes orientações, mantendo e transformando relações de poder e constituindo e naturalizando posições nestas relações (Fairclough, 1992/2001). Baseando-se na concepção foucaultiana de que o indivíduo que enuncia um discurso não é uma entidade que existe fora e independentemente do discurso, Fairclough (1992/2001) argumenta que o evento discursivo depende da complexa configuração de orientações e do posicionamento dos indivíduos nas relações de poder.

Em sequência, Chouliaraki e Fairclough (1999) aprofundam as bases onto-epistêmicas da Análise de Discurso Crítica Relacional-Dialética, com base no Realismo Crítico e na Modernidade Tardia, e revisam a concepção de discurso como prática social. Chouliaraki e Fairclough (1999) propõem que a vida social é formada pelas práticas sociais, ou seja, por meios

habituais em que as pessoas aplicam recursos, atrelados a tempos e lugares particulares, para agir e interagir no mundo. As práticas sociais funcionam como uma conexão entre as estruturas abstratas e os eventos concretos, constituindo uma ligação entre a sociedade e as pessoas vivendo suas vidas.

Essa concepção se baseia na premissa provinda do Realismo Crítico de que a vida social é um sistema aberto em que qualquer evento é regido por mecanismos que operam de forma simultânea (Bhaskar, 2008; Chouliaraki & Fairclough, 1999). As diversas dimensões da vida, como biológica, econômica, social e semiótica, são denominadas de estratos e possuem estruturas, mecanismos e poderes gerativos distintos (Bhaskar, 2008; Chouliaraki & Fairclough, 1999). As estruturas são as características mais fixas dos estratos e representam as possíveis configurações de comportamentos e relações, enquanto os mecanismos são os processos que ocorrem dentro dessas estruturas e que possuem o potencial de gerar eventos (Bhaskar, 2008; Ramalho & Resende, 2011).

Os mecanismos de diferentes estratos operam de forma simultânea, em uma relação de interdependência causal em que a operação de qualquer mecanismo gerativo é sempre mediada pela operação simultânea de outros (Ramalho & Resende, 2011). Deste modo, os eventos, como efeitos dos mecanismos, são complexos e interiorizam traços de diversos estratos (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Ramalho & Resende, 2011). Nesta perspectiva, as manifestações linguísticas emergem de mecanismos biológicos e sociais, podendo ser analisadas em referência a esses estratos e estando presentes em diferentes esferas da vida social (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Ramalho & Resende, 2011).

No estrato semiótico, a estrutura se configura como o sistema linguístico, englobando as opções lexicais, gramaticais e semânticas, enquanto os eventos são as manifestações da linguagem, como os textos produzidos em situações específicas por indivíduos particulares (Fairclough, 2003; Ramalho & Resende, 2011). Como ponto de conexão entre as estruturas abstratas e os eventos concretos, a linguagem se manifesta como discurso, um dos elementos que compõem as práticas sociais (Chouliaraki & Fairclough, 1999).

Para Chouliaraki e Fairclough (1999), as práticas sociais se localizam em redes de relações com outras práticas, com essas relações externas determinando suas relações internas. As relações internas das práticas sociais ocorrem por meio da articulação de diferentes elementos sociais: fenômeno mental, por meio de pessoas, crenças, valores, atitudes e histórias; relações sociais, com a ação e interação; atividade material, por meio do mundo material; e discurso, como modo de ação semiótico sobre o mundo e a sociedade (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Ramalho & Resende, 2011). Conforme resumido por Ramalho e Resende

(2011), pessoas usam recursos do mundo material para agir e interagir com outras pessoas, estabelecendo relações e fazendo uso da linguagem.

Quando esses elementos são reunidos em uma prática específica são chamados de momentos e possuem uma relação dialética entre si, com um momento internalizando os outros sem ser redutível a esses (Chouliaraki & Fairclough, 1999). Esse aspecto discursivo irreduzível é central no processo de reflexividade, implicando que todas as práticas envolvem a linguagem de certo modo e são representadas discursivamente (Chouliaraki & Fairclough, 1999). O monitoramento reflexivo da ação humana se potencializou com as diversas reestruturações nos âmbitos econômicos e sociais, como o desenvolvimento da globalização, da cultura do consumo e da sociedade da informação ocorridas durante a Modernidade Tardia (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Fairclough, 2003; Giddens, 1999/2002).

O extremo dinamismo de um mundo em que as mudanças sociais ocorrem em um ritmo acelerado afeta as práticas sociais e os modos de comportamento, ocasionando na descontinuidade de culturas e preceitos pré-estabelecidos, no exame reflexivo constante das práticas (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Giddens, 1999/2002). A reflexividade consiste no constante exame e reforma das práticas sociais e ocorre fundamentada nos conhecimentos sobre as circunstâncias da vida social, sendo a base para a construção das representações que as pessoas fazem do mundo e de suas identidades (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Giddens, 1990; 1999/2002; Resende & Ramalho, 2006).

As reestruturações ocorridas durante a Modernidade Tardia também causaram mudanças no uso da linguagem e aumentaram a importância do discurso na vida social e da reflexividade humana na manutenção e transformação das práticas sociais (Chouliaraki & Fairclough, 1999). Deste modo, na concepção de Chouliaraki e Fairclough (1999), o discurso se refere aos elementos semióticos das práticas sociais, incluindo a linguagem, a comunicação não verbal e imagens, e possui uma relação dialética com a sociedade, implicando que as questões sociais são, em partes, questões discursivas, assim como questões discursivas são, de forma parcial, questões sociais.

Posteriormente, baseando-se na concepção de Chouliaraki e Fairclough (1999), Fairclough (2003) reforça que a relação entre as possibilidades estruturais e o que de fato acontece é complexa, em que os eventos não são efeitos diretos das estruturas sociais abstratas. Essa relação é mediada pelas práticas sociais, que atuam como formas de controlar a seleção, a retenção e a exclusão de determinadas possibilidades estruturais ao longo do tempo (Fairclough, 2003). Além disso, nessa relação dialética o processo de articulação e modificação ocorre ininterruptamente (Ramalho & Resende, 2011).

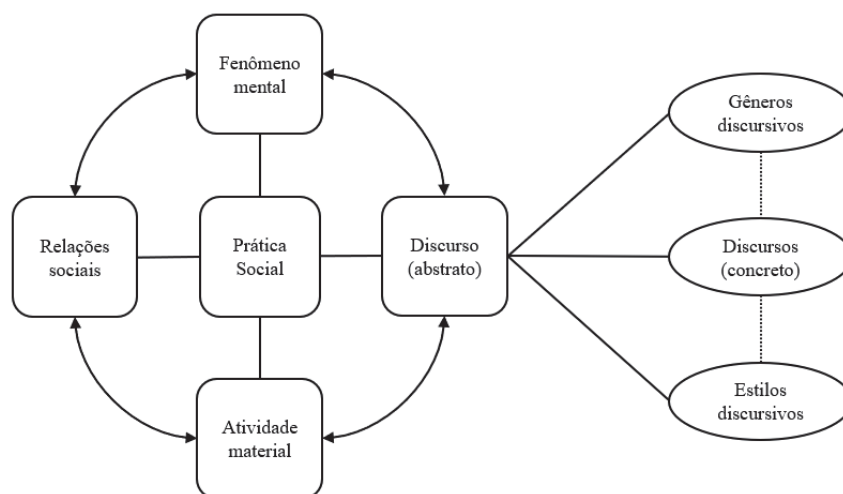
A relação dialética entre os elementos que compõem as práticas sociais também ocorre de forma ininterrupta (Fairclough, 2003). Conforme exemplificado por Fairclough (2003), o discurso de uma prática social não é a mesma coisa que suas relações sociais, porém, como cada um internaliza o outro, as relações sociais são parcialmente discursivas por natureza e o discurso é parcialmente relações sociais. Portanto, conforme apontado por Resende & Ramalho (2011), esse conceito de discurso permite compreender tanto o uso da linguagem ancorado em estruturas semióticas e sociais, como a flexibilidade dos eventos comunicativos que permite a criatividade do indivíduo através das escolhas no uso da linguagem.

Em uma revisão das funções da linguagem proposta por Fairclough (1991/2001) e aprofundada por Chouliaraki e Fairclough (1999), Fairclough (2003) aponta que as escolhas no uso da linguagem acontecem através de modos e significados distintos de ação e interação, representação e identificação, denominados de ordens do discurso.

2.1.1 Ordens do discurso

Para Fairclough (2003), a capacidade linguística de construção de significados está na articulação entre os recursos externos sociais e os recursos semânticos e gramaticais internos. Essas articulações formam uma rede de ordens do discurso que direciona e regula as possibilidades de ações discursivas humanas (Ramalho e Resende, 2011).

A rede de opções discursivas é formada por gêneros discursivos, discursos e estilos discursivos que representam, respectivamente, formas de ação, representação e identificação (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Fairclough, 2003). O termo discurso é utilizado em dois sentidos, conforme Figura 1: de forma mais abstrata apontando para a linguagem como elemento irreduzível das práticas sociais e de forma mais concreta como uma ordem do discurso (Fairclough, 2003).

Figura 1 - *Prática social e ordens do discurso*

Fonte: Adaptado de Ramalho & Resende (2011).

A rede de ordens de discurso e seus significados sistematizada por Fairclough (2003) tem como base as contribuições teóricas da Linguística Sistêmico-Funcional e dos estudos desenvolvidos por Foucault. A Linguística Sistêmico-Funcional trata a linguagem como um sistema aberto, em que os eventos linguísticos são estruturados nesse sistema, mas também possuem o potencial de transformá-lo (Resende & Ramalho, 2006). Para essa abordagem, a utilização da linguagem permite a fabricação e troca de significados por meio de três macrofunções que os eventos linguísticos podem desempenhar: textual, interpessoal (formada pela função relacional e a identitária) e ideacional (Queiroz, 2020).

Dos estudos desenvolvidos por Foucault, Fairclough (2003) se baseou nos três eixos de sua obra. Nos trabalhos arqueológicos (eixo do saber), a compreensão dos conhecimentos e do que é considerado como verdadeiro era atribuída às regras de combinação de aspectos discursos (Fairclough, 1991/2001). Na transição para os estudos genealógicos (eixo do poder), Foucault se centraliza nas relações mútuas entre os sistemas de poder, considerando o discurso secundário a esses sistemas (Fairclough, 1991/2001). Por fim, os estudos éticos foucaultianos (eixo do sujeito) possuem foco nas diferentes formas pelas quais os indivíduos são constituídos como sujeitos frente aos sistemas de poder (Queiroz, 2020).

As macrofunções da Linguística Sistêmico-Funcional foram articuladas por Fairclough (2003) com os eixos dos estudos foucaultianos (poder, saber e sujeito) e os elementos das ordens do discurso conforme a Figura 2:

Figura 2 - *Articulações das ordens do discurso*

Elementos das ordens do discurso	Significados do discurso	Macrofunções da linguagem	Eixos foucaultianos
Gêneros discursivos	Acional	Macrofunção textual e função relacional	Eixo do poder (Genealogia)
Discursos (concreto)	Representacional	Macrofunção ideacional	Eixo do saber (Arqueologia)
Estilos discursivos	Identificacional	Função identitária	Eixo do sujeito (Ética)

Fonte: Adaptado de Queiroz (2020).

Os gêneros discursivos são os tipos de linguagens utilizados na execução de uma atividade social, com o significado acional se relacionando com as formas de agir e interagir no curso de eventos sociais e com as relações de ação sobre os outros (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Fairclough, 2003; Ramalho & Resende, 2011). A concepção de gênero discursivo está direcionada para a forma como a linguagem contribui para a interação entre sujeitos na vida social (Queiroz, 2020). Essa concepção se relaciona com a macrofunção textual, que direciona a organização de informações por meio da gramática como um mecanismo de estruturação das escolhas linguísticas, e com a função relacional, como um processo de significação da interação social por meio do uso da linguagem (Queiroz, 2020). Baseado nos estudos genealógicos (eixo do poder), em que Foucault trata da insurreição dos saberes contra os efeitos centralizadores de poder vinculados aos discursos, esse momento discursivo é reconhecido como um mecanismo articulatório de controle das configurações do discurso, facilitando o exercício de poder (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Queiroz, 2020; Ramalho e Resende, 2011). Como aspecto especificamente discursivo da ação, os gêneros discursivos estão ligados à negociação das relações sociais e modos relativamente estáveis de agir e interagir sobre outras pessoas (Fairclough, 1992/2001; 2003).

Os discursos, em sua forma mais concreta, são formas de representar aspectos do mundo, como seus processos, relações e estruturas (Fairclough, 2003). Se articulam com a macrofunção ideacional que está relacionada com a compreensão da realidade e a representação da experiência na linguagem, remetendo a relação simbólica entre o indivíduo e eventos, ações, estados e processos da atividade humana (Queiroz, 2020; Resende & Ramalho, 2006). O significado representacional não se relaciona apenas com as significações de como são diversos aspectos no momento atual, mas também com representações projetivas e imaginárias de mundos possíveis, indicando projetos de mudanças em direções específicas (Fairclough, 1992/2001; 2003). Com base nos estudos arqueológicos foucaultianos (eixo do saber), que se centram na constituição histórica dos saberes em discursos considerados como verdadeiros, o

significado representacional pressupõe o controle sobre as coisas e o conhecimento (Fairclough, 2003; Queiroz, 2020; Ramalho e Resende, 2011). Os discursos mais concretos constituem parte dos recursos utilizados pelas pessoas para se relacionarem, podendo ser por meio da cooperação, competição e/ou dominação (Resende & Ramalho, 2006).

Os estilos discursivos se associam com o processo de autoidentificação e com a identidade social, por meio de modos relativamente estáveis de identificar a si mesmo e a outros e de assumir papéis sociais (Fairclough, 2003). Essa concepção se baseia na função identitária e em seu processo de significação de pessoas durante as interações sociais por meio do uso da linguagem (Queiroz, 2020). O significado identificacional está relacionado com os estudos éticos de Foucault (eixo do sujeito), em que o foco é em questões éticas de resistência e de produção de si, considerando o processo desumanizante de objetificação do sujeito (Queiroz, 2020). Desta forma, o significado identificacional tem seu foco no indivíduo e na forma como as identidades sociais são estabelecidas no discurso e constrangidas pelas práticas sociais e pelas estruturas (Fairclough, 1992/2001; 2003; Queiroz, 2020).

Da mesma forma que na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional as três macrofunções se interrelacionam, de tal forma que todo evento linguístico é multifuncional e serve diversas funções de forma simultânea, a relação entre as ordens do discurso é dialética (Fairclough, 2003; Resende & Ramalho, 2006). Os elementos e os significados das ordens do discurso se conectam e internalizam uns aos outros, em que representações (discursos) podem ser executadas em formas específicas de agir e se relacionar (gêneros) e inculcadas em formas específicas de identificação (estilos) e, por sua vez, ações (gêneros) e identidades (estilos) são representados em discursos (Fairclough, 2003).

Apesar da investigação dos estilos discursivos possibilitar a identificação de como os discursos são inculcados nas identidades sociais, autoidentificações e na agência das pessoas por meio da forma como essas engajam na vida social, o processo identificacional é complexo, envolve também aspectos além do discurso, como sociais e pessoais (Fairclough, 2003; Queiroz, 2020).

2.1.2 O processo identificacional

O estilo de linguagem utilizado expressa como as pessoas se identificam e identificam outras pessoas, porém esse processo não ocorre de uma maneira simples e unidirecional (Ramalho & Resende, 2011). Conforme apresenta Fairclough (2003), a identificação é apenas parcialmente discursiva, englobando também processos de corporalização, como formas de se

portar e se apresentar. Além disso, devido ao movimento de constituição recíproco que ocorre entre a ação individual e a estrutura social, as identificações não são nem completamente livres e nem completamente constrangidas pela estrutura social (Ramalho & Resende, 2011).

A identificação pode sofrer a interferência de instituições dominantes, porém somente quando e se os indivíduos interiorizam esses discursos, construindo um significado identificacional com base nessa inculcação (Ramalho & Resende, 2011). Fairclough (2003) defende que o engajamento prático com o mundo que as pessoas vivenciam desde o nascimento, em um processo contínuo de aprendizagem, identificação e formação de uma consciência sobre si mesmo, tem um aspecto importante no processo de inculcação. Essa autoconsciência construída no engajamento prático é uma condição prévia do processo identificacional e da construção das identidades sociais por meio do processo reflexivo na interiorização de discursos (Fairclough, 2003).

Conforme enfatizam Ramalho & Resende (2011), é necessário considerar tanto as permissões e constrangimentos sociais, quanto a agência individual, reprodutora ou transformadora, na construção das identidades. Para Fairclough (2003), é por meio da reflexividade que pessoas assumem agências reprodutoras, em que se sujeitam à impossibilidade de operar escolhas, ou agências transformadoras, capazes de ações coletivas e moldar mudanças sociais.

2.2 A HEGEMONIA *MAINSTREAM* NA ACADÊMIA CONTÁBIL BRASILEIRA

A partir dos anos 2000, a academia contábil brasileira se tornou fortemente influenciada pela tendência iniciada nos Estados Unidos, que priorizava pesquisas orientadas para a explicação e previsão da prática contábil por meio da evidenciação e comprovação de hipóteses (Bartoluzzio et al., 2024; E. Martins, 2005; Magrini et al., 2024). Popularizada na academia norte-americana no final dos anos 1960, essa vertente virou símbolo da pesquisa em contabilidade e substituiu o Normativismo como perspectiva dominante na área (Bartoluzzio et al., 2024; E. Martins, 2005; Magrini et al., 2024). Desde então, a abordagem funcionalista-positivista vem sendo empregada na maioria dos trabalhos e tornou-se a forma legitimada de construção do conhecimento contábil (Bartoluzzio et al., 2024; Homero Junior, 2017b; Magrini et al., 2024).

A abordagem funcionalista-positivista se baseia na existência de uma realidade objetiva e concreta e em investigações empíricas que buscam conhecimento tecnicamente explorável (Chua, 1986, Lourenço & Sauerbronn, 2016). A realidade objetiva é exterior ao

sujeito e ao pesquisador, em que as pessoas são objetos passivos que racionalmente buscam seus objetivos (Chua, 1986; Ryan et al., 2002). Além disso, a sociedade e as organizações são consideradas estáveis e comportamentos considerados disfuncionais são gerenciados por meio de sistemas de controle (Chua, 1986; Ryan et al., 2002). Desta forma, a ciência contábil sob essa abordagem aceita as estruturas institucionais existentes, busca uma posição neutra e tem seu foco de preocupação com aspectos práticos da contabilidade (Chua, 1986; Ryan et al., 2002). Nessa perspectiva o conhecimento é visto como cumulativo e gerado por métodos que certificam os resultados de verificações empíricas, sendo que esses resultados precisam ser passíveis de replicabilidade (Soares et al., 2024).

Além disso, os preceitos da abordagem funcionalista-positivista rejeitam a noção da realidade como subjetiva e dependente da concepção humana sobre ela, desconsiderando que a produção de conhecimento envolve questões mais amplas de âmbito cultural, político e econômico, do que apenas critérios racionais (Soares et al., 2024). Dessa forma, rejeita-se a possibilidade de diferentes teorias sobre um mesmo tópico coexistirem e trazerem explicações diversas para o mesmo fenômeno, além de resultados científicos não generalizáveis e replicáveis (Soares et al., 2024). Ao adotar esses preceitos, a hegemonia *mainstream* reconhece a contabilidade como um fenômeno puramente organizacional ou financeiro, não considerando sua formação baseada na interação de diferentes instituições e sua natureza mutável relacionada com contextos sociopolíticos e econômicos (Nascimento et al., 2022). Dessa forma, o poder que a contabilidade possui de afetar a realidade social e agir sobre o mundo e sujeitos é ignorado, não reconhecendo os valores que direcionam essa ação (Nascimento et al., 2022; Soares et al., 2024).

Na academia contábil brasileira, a sedimentação dessa nova abordagem dominante aconteceu seguindo o *mainstream* norte-americano (E. A. Martins, 2012). Em sua investigação sobre as raízes filosóficas da academia contábil brasileira, E. A. Martins (2012) argumenta que o esgotamento do Normativismo e uma crescente preocupação com a metodologia das pesquisas tornaram o ambiente propício para o crescimento de uma nova vertente dominante. A preocupação da academia local em melhorar os aspectos metodológicos de seus trabalhos, em conjunto com a pressão avaliativa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para mais publicações em periódicos científicos, levou a importação de técnicas e modelos utilizados fora do país, principalmente o modelo empírico-teórico norte-americano (E. A. Martins, 2012). Com a noção desse modelo como sinônimo de ciência, esse movimento ganhou força ao ajudar na legitimação da contabilidade como uma área de pesquisa científica frente às suas áreas correlatas (E. A. Martins, 2012). Conforme defende E. A. Martins

(2012), a importação do modelo empírico-teórico norte-americano, sem maiores investigações epistemológicas sobre seu enquadramento onto-epistemológico, ocasionou na falta de entendimento dos conceitos filosóficos que balizam o processo de geração de conhecimento e levou a uma ciência monoparadigmática desinformada.

A dominação dessa abordagem *mainstream* na área contábil também é fortalecida pela falta de autonomia do campo de pesquisa frente ao campo profissional (Homero Junior, 2017a). A falta de autonomia leva a prevalência de discursos profissionais sobre os discursos acadêmicos e científicos, orientando a produção de conhecimento para o mundo prático do trabalho (Homero Junior, 2017a; Magrini et al., 2024). Diversos acadêmicos de destaque conciliam carreiras acadêmicas com a atuação em consultorias, conselhos e comitês, refletindo os discursos profissionais e caráter instrumental na produção acadêmica (Homero Junior, 2017a; 2021).

Além disso, a propagação desse *mainstream* na área também está relacionada com o fornecimento de medidas econômicas objetivas para a reprodução do sistema neoliberal e das dinâmicas globais capitalistas (Sauerbronn et al., 2023b; Silva et al., 2022). Conforme Sardeiro (2024), os padrões internacionais priorizam investidores como usuários primários da contabilidade, carregando narrativas discursivas que marginalizam outros usuários e estreitam a compreensão da contabilidade como produtora de informações para o sistema capitalista. Em seu estudo que objetivou identificar as premissas compartilhadas pela comunidade acadêmica brasileira que contribuem para a prevalência da abordagem funcionalista-positivista entre as pesquisas, Homero Junior (2017b) argumenta que no discurso da comunidade acadêmica nacional predomina uma visão neoliberal, compromissada com a expansão dos mercados de capitais e a não interferência estatal. Além disso, Homero Junior (2017b) também salienta que a principal característica nesse discurso é a subordinação aos interesses da profissão contábil, em que os resultados das práticas contábeis são analisados, porém sem a investigação sobre os processos que levaram a eles.

A hegemonia epistemológica *mainstream* direciona os critérios para a construção de conhecimento contábil, excluindo outras problematizações, metodologias e métodos que não estejam alinhados com seus pressupostos (Bartoluzzio et al., 2024; Homero Junior, 2021; Nganga et al., 2023). A academia contábil brasileira, segundo Bartoluzzio et al. (2024), é “marcada pela baixa diversidade onto-epistêmica, com uma visão restrita da contabilidade que nega o desenvolvimento de visões alternativas capazes de desafiar as práticas hegemônicas nas quais a contabilidade está imbricada” (p. 25). Essa naturalização do *mainstream* como a forma legítima de pesquisa leva a diferentes resistências e barreiras às adoções de novas abordagens,

com o estabelecimento de estratégias de conservação e perpetuação da ordem científica e a marginalização de abordagens consideradas alternativas (Bartoluzzio et al., 2024; Homero Junior, 2021; Magrini et al., 2024).

As relações estabelecidas nos PPGs reforçam a hegemonia epistemológica na área contábil por meio da vigilância epistêmica que busca impor a visão *mainstream* de pesquisa (Bartoluzzio et al., 2024). Essa vigilância epistêmica, que ocorre de forma estreita e não necessariamente explícita, visa impedir a continuidade de projetos considerados radicais para a comunidade acadêmica e normalizar acadêmicos que decidem ativamente romper com os valores hegemônicos (Bartoluzzio et al., 2024; Homero Junior, 2021). A normalização ocorre desde a socialização com pares, colegas e professores na academia contábil até nas avaliações de trabalhos submetidos a eventos e periódicos (Bartoluzzio et al., 2024; Homero Junior, 2021; Magrini et al., 2024; Pereira et al., 2019).

Em um relato sobre sua experiência na pós-graduação como pesquisador não *mainstream*, Homero Junior (2021) comenta sobre as recriminações sofridas por colegas que consideravam suas ideias de pesquisa radicais e de difícil publicação. Homero Junior (2021) argumenta que esses comportamentos podem ser vistos como uma estratégia de preservação do *mainstream* frente à ameaça de ruptura que uma abordagem epistemológica diferente oferece. As posturas conservadoras de colegas e pares em conjunto com a falta de diversidade de pensamento epistemológico nos PPGs da área contábil criam barreiras de integração e levam ao isolamento de pesquisadores não *mainstream* (Bartoluzzio et al., 2024; Homero Junior, 2021). Conforme as análises de Bartoluzzio et al. (2024), pesquisadores que seguem abordagens diferentes do *mainstream* possuem dificuldades em encontrar colegas e pares para debater assuntos e obter orientações.

A organização dos currículos também reforça essa estrutura nos PPGs (Bartoluzzio et al., 2024). Em sua problematização sobre os componentes curriculares dos cursos de doutorado da área de Ciências Contábeis, Nganga et al. (2022) identificaram que disciplinas voltadas para a epistemologia são ofertadas em 11 dos 15 cursos em funcionamento no Brasil, sendo que em 8 programas a oferta é em modo obrigatório. Contudo, os currículos carecem de disciplinas direcionadas para epistemologias não *mainstream*, com apenas um PPG apresentando uma disciplina eletiva sobre o tema (Nganga et al., 2022; Sauerbronn et al., 2023a). Esse contexto, segundo Nganga et al. (2022), indica uma possível formação acrítica para a pesquisa sem a devida reflexão sobre a construção do conhecimento. Conforme argumenta Nganga (2019), a ausência de discussões que propiciem a reflexão crítica e aprofundada da pesquisa leva

pesquisadores a assumirem que estejam trilhando um caminho natural e inevitável, ao invés de fazerem escolhas quanto ao tipo de pesquisas que desejam construir.

De forma semelhante, Bartoluzzio et al. (2024) ressaltam a baixa oferta de disciplinas de epistemologia ao levantarem relatos que enfatizam uma formação voltada para meios utilitários de pesquisa, desconsiderando pressupostos filosóficos e com ausência de disciplinas direcionadas para a discussões epistemológicas. Segundo Bartoluzzio et al. (2024), a organização pedagógica dos currículos reforça a baixa diversidade epistêmica e restringe o desenvolvimento de perspectivas alternativas. Desta forma, a escassez de disciplinas que possibilitem o debate sobre diferentes abordagens e a pluralidade epistemológica perpetuam a dominação do *mainstream* na academia contábil brasileira (Homero Junior, 2021; Magrini et al., 2024).

A vigilância epistêmica também ocorre por meio de professores e orientadores durante o processo de formação (Bartoluzzio et al., 2024). Conforme apresenta Magrini et al. (2024), muitos docentes não costumam pensar em formas de pesquisa que não atendam aos interesses neoliberais. Esse foco excessivo em uma forma particular de investigação reforça a ideia de existir apenas uma única forma de se fazer pesquisa contábil, desencorajando acadêmicos a realizar pesquisas não *mainstream* (Bartoluzzio et al., 2024).

Durante a orientação, docentes também podem ser resistentes e não apoiar pesquisas consideradas alternativas, além de buscar impor a abordagem dominante aos orientandos (Bartoluzzio et al., 2024; Magrini et al., 2024). Em sua pesquisa sobre como a comunidade acadêmica molda o processo de socialização dos estudantes de doutorado no Brasil, Bartoluzzio et al. (2024) argumentam que a relação entre orientador e orientando é marcada por um desequilíbrio de poder, orientada pelos valores dos docentes, em que a imposição de uma abordagem representa uma violência simbólica que leva estudantes à perda de interesse pela pesquisa. Para Bartoluzzio et al. (2024), a orientação pode servir como forma de reprodução dos valores hegemônicos da área e desencorajar os orientados a buscarem seus interesses próprios com autonomia.

As repreensões e desencorajamentos às abordagens não *mainstream* também se apresentam nas avaliações, pareceres e durante os congressos (Bartoluzzio et al., 2024; Homero Junior, 2021). Em sua pesquisa, Bartoluzzio et al. (2024) indicam que existe a falta de avaliadores com fundamentação paradigmática diversa e conhecimento para contribuir com artigos não *mainstream*. Essa situação acarreta em avaliações e pareceres hostis, tanto contra a pesquisa como contra os pesquisadores (Bartoluzzio et al., 2024; Magrini et al., 2024; Nganga, 2019). Durante as apresentações nos congressos, as repreensões também ocorrem, em episódios

de censuras explícitas de abordagens e de pesquisas que não se enquadrem no *mainstream* (Homero Junior, 2021).

As barreiras às diferentes abordagens também ocorrem no processo de publicação e divulgação científica contábil, com os periódicos dando preferência para trabalhos positivistas (Magrini et al., 2024; Pereira et al., 2019). Isso acontece tanto pelas políticas de publicação que priorizam objetos de pesquisa e abordagens metodológicas alinhadas com o *mainstream*, como pela utilização de critérios de qualidade positivistas e quantitativos para analisar pesquisas com outros paradigmas e qualitativas (Homero Junior, 2021; Pereira et al., 2019). Esses mecanismos sustentam o *mainstream* nos meios de comunicação científica da área ao limitar a diversidade de pensamento e as possíveis perspectivas de ampliação de conhecimento contábil (Magrini et al., 2024).

Essas diferentes barreiras e resistências demonstra que os discursos monoparadigmáticos estão presentes de maneira dominante no campo de pesquisa contábil, criando barreiras que desencorajam pesquisadores não *mainstream* a enfrentar a hegemonia da área (Bartoluzzio et al., 2024; Magrini et al., 2024). Apesar dessa conjuntura, as abordagens críticas e interpretativas têm ganhado maior espaço em eventos e periódicos brasileiros e consolidando uma comunidade de pesquisadores (Homero Junior, 2021). Porém, Homero Junior (2021) salienta que esses movimentos “limitam-se a temas periféricos no campo, tais como educação e pesquisa, gênero e raça, história, eventualmente contabilidade socioambiental, ou quaisquer outros tópicos que ‘não sejam contabilidade’” (p. 231). Para o autor, nas pesquisas não *mainstream* a contabilidade aparece como um pano de fundo para a investigação de outros temas, enquanto o acesso a tópicos diretamente relacionados com a profissão contábil ainda é interdito. Essa situação confere uma falsa aparência de diversidade ao campo contábil, contribuindo para reforçar a legitimidade da pesquisa *mainstream* na área (Homero Junior, 2021).

2.3 A COLONIALIDADE E A SUBALTERNIZAÇÃO EPISTÊMICA NA ACADEMIA CONTÁBIL BRASILEIRA

Os processos históricos de dissolução das colônias instauradas pelo Imperialismo Europeu, seguidos da ascensão do capitalismo financeiro no século XX, criaram as condições para avanço de novas formas de colonização e para a mudança do centro de poder da Europa para os Estados Unidos (Sauerbronn et al., 2024). O Neocolonialismo busca se legitimar por meio da perpetuação de uma missão civilizatória para sociedades subdesenvolvidas, se

respaldando na propagação de políticas de manutenção do capitalismo, da globalização e do Neoliberalismo (Sauerbronn et al., 2024).

Com o desenvolvimento do Neocolonialismo e do Neoliberalismo em um cenário político e econômico de valorização de mercados financeiros, a contabilidade assumiu um papel central na difusão neoliberal e no alcance colonialista (Sauerbronn et al., 2024). Com as práticas contábeis se tornando parte da tecnologia colonialista, a academia da área passou a ser influenciada pelos ideais neoliberais e a produzir pesquisas direcionadas para a reprodução do capitalismo e do Neoliberalismo (Sauerbronn et al., 2024; Sauerbronn et al., 2023b; Silva et al., 2022). Essa perspectiva passou a dominar a academia brasileira, criando um monopólio da autoridade científica que reproduz dinâmicas coloniais de subalternização epistêmica (Magrini et al., 2024; Sauerbronn et al., 2023b).

Conforme argumentado por Grosfoguel (2007), o sucesso das dinâmicas atuais de colonização consiste em fazer com que os indivíduos localizados socialmente no lado colonizado pensem epistemicamente como os sujeitos em posições dominantes. Dessa forma, ao desvincular a localização epistêmica da localização social dos indivíduos, continua-se a promover uma falsa noção de conhecimento universal e verdadeiro, desassociado de questões geopolíticas e político-corporais (Grosfoguel, 2007). Nessa dinâmica, as perspectivas que consideram a localização epistêmica e social do indivíduo, e produzem questionamento sobre as relações de poder envolvidas na dinâmica neocolonial, são subalternizadas pelas epistemologias hegemônicas, que dificultam a circulação livre de conhecimentos diversos, atuando no apagamento ou inferiorização de perspectivas diferentes (Grosfoguel, 2007; Queiroz, 2020).

No âmbito acadêmico, as perspectivas hegemônicas eliminam da reflexão epistemológica o contexto cultural e político local, limitando o trabalho de pesquisa a aprender teorias baseadas em experiências e problemas de regiões no centro do poder e aplicá-las em dimensões geográficas e temporais diferentes das que foram produzidas (Queiroz, 2020; Resende, 2019). A reprodução da epistemologia hegemônica *mainstream* desmantela a capacidade questionadora local sustentando uma agenda neoliberal de pesquisa e reproduzindo a Colonialidade (Magrini et al., 2024).

Diferente da concepção de colonialismo que representa a relação política e econômica centrada na soberania de uma nação sobre outra, a Colonialidade se refere aos padrões de poder surgidos na modernidade que definem cultura, trabalho, relações e a produção de conhecimento além dos limites coloniais (Queiroz, 2020; Resende, 2019; Sauerbronn et al., 2023b). Sua manutenção acontece por meio da utilização de mecanismos hegemônicos baseados em

consentimento e na naturalização de práticas e relações sociais (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Quijano, 1992; Resende & Ramalho, 2006). A reprodução da Colonialidade acontece por meio de sistemas de conhecimentos, valores e crenças, pelas relações de poder e nas formas de identificação, sendo regulada por discursos e normas que constroem e constituem os sujeitos no capitalismo (Ballestrin, 2013; Queiroz, 2020).

Um dos focos de manutenção da Colonialidade é na produção das academias científicas, por meio da assimilação acrítica de conhecimentos considerados superiores, da submissão curricular a modelos originados em centros de poder e da reprodução de temáticas (Pardo, 2019; Resende & Ramalho, 2006; Sauerbronn et al., 2023b). Essa manutenção acontece na academia contábil brasileira, por meio da colonização das reflexões da área e pela reprodução de conhecimentos que atendem ao mercado neoliberal, subalternizando perspectivas que não sigam esses direcionamentos (Magrini et al., 2024; Sauerbronn et al., 2023b). A divisão geopolítica do trabalho acadêmico, onde se teoriza em um centro de poder e se aplica as teorias em espaços colonizados, tem impacto sobre as possibilidades de conhecimento, inferiorizando a produção baseada em experiências sociais e históricas brasileiras (Resende, 2019). Nessa visão dualista da divisão geopolítica, as diferenças culturais são naturalizadas e os povos colonizados considerados inferiores, além de promover uma noção distorcida de progresso como linear e unidirecional (Gomez-Villegas & Larrinaga, 2023; Quijano, 2000). Essa hierarquização do conhecimento, em conjunto com o conceito linear de progresso, transforma indivíduos coexistentes em não contemporâneos, normalizando formas de interpretações e compreensões e promovendo a Colonialidade do conhecimento (Gomez-Villegas & Larrinaga, 2023; Quijano, 2000).

Nesse contexto, se faz necessário reconhecer a diversidade epistemológica e desvelar a lógica da Colonialidade, da subalternização epistêmica e da reprodução da matriz colonial do conhecimento por meio da decolonização (Mignolo, 2007b; Queiroz, 2020). A Decolonialidade intenciona assinalar e provocar posicionamentos de transgressão, intervenção e insurgência por meio do desprendimento do pensamento colonial e engajamento com conhecimentos e vivências subalternizadas, viabilizando construções alternativas (Mignolo, 2007b; Pardo, 2019). Conforme aponta Walsh (2018), a Decolonialidade não é uma condição estática ou uma busca por esclarecimento, mas implica em tornar visível e promover perspectivas e posicionamentos radicalmente distintos, que desfazem o ideal de uma única estrutura e possibilidade de existência, análise e pensamento.

Para Resende (2019), a decolonização do conhecimento deve se dirigir a três caminhos convergentes: poder, saber e ser. A decolonização do poder se baseia em assumir a potência de

criação teórica e metodológica local, superando o conhecimento universalizante e questionando imposições e disciplinas (Resende, 2019). Com relação ao saber, a decolonização se relaciona com a compreensão de que não existe conhecimento universal, diferente do proposto pela lógica colonialista, permitindo a crítica de métodos e teorias (Resende, 2019). E, para decolonizar o ser, Resende (2019) argumenta sobre a necessidade do uso estratégico das possibilidades de comunhão de saberes, possibilitando processos reflexivos que alterem a agência individual. A junção desses caminhos forma um ciclo virtuoso entre consciência (ser), crítica (saber) e criatividade (poder) (Resende, 2019).

Considerando as perspectivas críticas do discurso na Decolonialidade do conhecimento, Resende (2019) argumenta que a Colonialidade do saber está relacionada aos discursos por meio dos quais o mundo social é compreendido, com esses colonizando os estilos discursivos do ser e criando padrões de identificação que limitam a ação. Dessa forma, a Decolonialidade do ser é a primeira ruptura decolonial, ao recusar papéis subalternos e obter consciência libertadora (Resende, 2019).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, descrevo os procedimentos adotados no desenvolvimento desta pesquisa. Primeiro discorro sobre o posicionamento epistemológico na subseção 3.1, seguindo com a delimitação e o delineamento da pesquisa nas subseções 3.2 e 3.3, respectivamente. Posteriormente, na subseção 3.4 apresento os procedimentos de geração de dados e, na subseção 3.5, os procedimentos de análise de dados.

3.1 POSICIONAMENTO EPISTEMOLÓGICO

No desenvolvimento desta pesquisa, adoto a abordagem da pesquisa contábil crítica. Essa abordagem busca a transformação e emancipação por meio do questionamento da ordem social estabelecida, de ideologias, de discursos e das práticas de dominação (Alvesson & Deetz, 2000; Ryan et al., 2002). Para as investigações críticas, um objeto de estudo é entendido por meio da contextualização histórica de seu desenvolvimento, considerando o contexto cultural, político e econômico que leva a dominação e restrição na tomada de decisão humana (Alvesson & Deetz, 2000; Ryan et al., 2002). Nesse contexto, as pesquisas críticas possuem caráter emancipador buscando dar voz a grupos marginalizados para desafiar as injustiças sociais e inspirar movimentos de resistência às opressões (Denzin, 2018).

Para analisar o processo identificacional de pesquisadores não *mainstream* frente às práticas sociais de subalternização epistêmica na academia contábil brasileira, é necessário reconhecer a influência dos discursos hegemônicos e dos processos de colonização dos saberes que constituíram a área (Magrini et al., 2024; Sauerbronn et al., 2023b). Neste sentido, para esta pesquisa, opto pela Decolonialidade, uma resposta e prática epistêmica contra as matrizes coloniais e a favor da possibilidade de diversas epistemes (Walsh, 2018). Esse movimento implica no reconhecimento e desfazimento de estruturas hierárquicas entrelaçadas ao capitalismo global e a modernidade ocidental que controlam a vida, o conhecimento, o pensamento e o ato de ser (Walsh, 2018).

A Decolonialidade manifestou-se na década de 1990 por meio de pesquisadores da América Latina, fomentada por discussões e contribuições críticas locais, como a teoria da dependência, a teologia da libertação, a pedagogia do oprimido e debates sobre a modernidade e a pós-modernidade (Leal & Moraes, 2018; Sauerbronn et al., 2024). Esse movimento se opõe à naturalização da modernidade como um processo universal, enfatiza as relações de poder por trás dos discursos sobre progresso e desenvolvimento, e contesta a violência política-epistêmica da modernidade (Mignolo, 2011; Leal & Moraes, 2018; Sauerbronn et al., 2024).

A Decolonialidade é um pensamento de fronteira que busca a conscientização para o desprendimento de bases epistemológicas colonizadoras, desafiando a localização geopolítica da razão científica e defendendo os princípios do conhecimento negados pela Colonialidade (Leal & Moraes, 2018; Mignolo, 2011; 2014). Esse desprendimento permite uma universalidade plural, viabilizando a existência de outras epistemologias, e princípios do conhecimento subalternizados pelas epistemologias colonizadoras (Mignolo, 2007a; Pardo, 2019; Sauerbronn et al., 2024).

3.2 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

A hegemonia *mainstream* na academia contábil é mantida por meio de diversas práticas sociais que criam barreiras para o desenvolvimento de perspectivas epistemológicas diferentes (Bartoluzzio et al., 2024; Homero Junior, 2021; Magrini et al., 2024). Para esta pesquisa, focalizo nas práticas sociais de subalternização epistêmica que ocorrem dentro dos PPGs da área e que foram explicitadas por pesquisas anteriores (Bartoluzzio et al., 2024; Homero Junior, 2021; Magrini et al., 2024; Nganga et al., 2022).

Em consonância com o posicionamento epistemológico, assim como com o contexto analisado, priorizo estudos sobre a hegemonia *mainstream* e a marginalização de outras

abordagens de pesquisa realizados por pesquisadores brasileiros. Portanto, mantenho a postura decolonial de desafiar a localização geopolítica do conhecimento e promover a produção de conhecimento em contextos locais (Mignolo, 2011; Resende, 2019), por meio do diálogo com estudos que carreguem as experiências sociais e históricas da acadêmica contábil brasileira.

Da mesma forma, em concordância com a postura decolonial de Resende (2019), em que a primeira ruptura decolonial ocorre pela decolonialidade do ser e pelo desprendimento de padrões que limitam ação, mantenho o foco desta pesquisa no processo identificacional dos pesquisadores não *mainstream*. Para tanto, foram analisados os estilos discursivos, não abrangendo as outras ordens do discurso. Conforme apresentado por Fairclough (2003), apesar das ordens do discurso possuírem uma relação dialética entre si, suas categorias analíticas distintas permitem a análise separada conforme o enfoque da pesquisa. Essa distinção é possível pela forma como as ordens do discurso se relacionam com aspectos diferentes das práticas sociais (Fairclough, 2003). Enquanto os estilos discursivos apresentam as relações das pessoas consigo mesmas, os gêneros discursivos demonstram as relações de poder desenvolvidas com outros indivíduos e os discursos com as representações de conhecimentos sobre o mundo (Fairclough, 2003).

3.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Analisar o processo identificacional frente a práticas sociais implica em compreender o discurso como um modo de ação historicamente situado, que é constituído socialmente e constitutivo das identidades sociais dos indivíduos (Resende & Ramalho, 2006). Esse processo de compreensão e, posteriormente, explanação ocorreu por meio da minha interpretação como pesquisador, considerando o meu posicionamento social, conhecimentos e experiências (Ramalho & Resende, 2011). O posicionamento ativo do pesquisador nas interpretações das realidades sociais é uma característica das pesquisas qualitativas (Bauer et al., 2008). Segundo Bauer et al. (2008), a abordagem qualitativa, como investigação social, é um processo de pesquisa que combina quatro dimensões: interesses do conhecimento, delineamento, geração de dados e análise dos dados.

Com relação aos interesses do conhecimento, e conforme discorrido anteriormente, nesta investigação adoto a abordagem da pesquisa contábil crítica com uma postura decolonial, que intenciona a conscientização e o desprendimento da Colonialidade, tornando possível a existência de princípios do conhecimento subalternizados (Leal & Moraes, 2018; Sauerbronn et al., 2024).

Sobre o delineamento da pesquisa e a análise de dados, utilizo o enquadre teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica Relacional-Dialética proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999). Esse enquadre teórico-metodológico se destaca por articular análises linguísticas com contextualizações sociais, interrelacionando essas articulações com a crítica social (Ramalho & Resende, 2011). A opção por esse desenho e método de pesquisa se deve pela Análise de Discurso Crítica Relacional-Dialética preocupar-se com os efeitos hegemônicos sobre conhecimentos, relações e identidades, sendo orientada para a compreensão dos modos como o momento discursivo trabalha na prática social e os efeitos de lutas hegemônicas (Fairclough, 2003; Ramalho & Resende, 2011).

Por sua vez, a geração de dados será realizada por meio de entrevistas individuais semiestruturadas. Optei por esse tipo de entrevista pois o seu planejamento aberto permite, ao mesmo tempo, que o pesquisador explore os assuntos do estudo em profundidade e que os participantes da pesquisa tenham espaço para expressar seus pontos de vista e acrescentar informações baseadas em suas experiências (Flick, 2008; Gaskell, 2008).

Nas subseções seguintes, apresento os procedimentos de geração de dados e o detalhamento da análise e interpretação conforme o enquadre teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica Relacional-Dialética.

3.4 PROCEDIMENTO DE GERAÇÃO DE DADOS

Para a geração de dados e constituição do *corpus* da pesquisa, foram conduzidas entrevistas individuais semiestruturadas com pesquisadores não *mainstream* da academia contábil brasileira. O roteiro de perguntas foi elaborado com base nas práticas sociais que subalternizam as epistemologias não *mainstream* na academia contábil presente em estudos anteriores (Bartoluzzio et al., 2024; Homero Junior, 2021; Magrini et al., 2024; Nganga, 2019; Nganga et al., 2022; Pereira et al., 2019), estando exposto no Apêndice A.

O roteiro das entrevistas foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), sendo aprovado conforme Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) sob o número 82536324.0.0000.0214, presente no Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética número 7.057.341, apresentado no Anexo 1. Após a aprovação do CEP/CHS, foram realizadas duas entrevistas como pré-teste com pesquisadores não *mainstream* da área contábil, validando que as perguntas elencadas possibilitavam a geração dos dados necessários para o cumprimento do objetivo da pesquisa.

Para a participação na pesquisa, foram convidados pesquisadores brasileiros com trabalhos aprovados na temática Estudos Críticos e Interpretativos em Contabilidade na área de Contabilidade do Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (EnANPAD). O EnANPAD é um relevante congresso anual dentro do campo das ciências contábeis, fornecendo um espaço de interlocução, debate e interação entre pesquisadores (ANPAD, 2024). A criação dessa temática focada em trabalhos contábeis críticos e interpretativos em 2019 se destaca como um dos principais eventos fomentadores para a constituição de uma comunidade de pesquisa não *mainstream* na academia contábil brasileira (Sauerbronn et al., 2023a).

Entre as cinco edições realizadas com a temática Estudos Críticos e Interpretativos em Contabilidade entre 2019 e 2023, o congresso EnANPAD conta com 48 trabalhos aprovados com a autoria de 77 pesquisadores. Esses pesquisadores tiveram seus currículos disponíveis na Plataforma *Lattes* analisados, selecionando os que possuem o doutorado finalizado, com toda sua trajetória na pós-graduação *stricto sensu* sendo em PPGs da área contábil, e que possuem pesquisas não aderentes ao *mainstream* da academia contábil. Essa escolha foi feita por considerar importante que os entrevistados possuíssem ampla vivência da academia contábil brasileira, podendo assim contribuir para a pesquisa ao compartilhar experiências ocorridas em diferentes estágios de sua carreira acadêmica.

Desta forma, chegou-se a uma seleção de onze pesquisadores que foram convidados a participar da entrevista via *e-mail*, que foram coletados a partir de suas publicações mais recentes. Cinco pesquisadores aceitaram participar desse estudo e foram entrevistados de forma remota pela plataforma Microsoft Teams, o que permitiu a participação de pessoas em diferentes localidades. Para a apresentação de excertos das entrevistas, decidi pela utilização de pseudônimos promovendo o anonimato dos participantes da pesquisa e também buscando humanizar os entrevistados. Com essa escolha, espero aproximar leitores das experiências compartilhadas e de um entendimento mais amplo de como os diferentes episódios apresentados participam na construção das identidades dos pesquisadores entrevistados. Na Figura 3 são apresentadas informações sobre as entrevistas realizadas e os pseudônimos escolhidos para proteger o anonimato dos entrevistados. A escolha dos pseudônimos se deu de forma aleatória pela lista de nomes mais populares no Brasil, conforme informações IBGE (2016).

Figura 3 - Entrevistas realizadas

Pseudônimo	Data da entrevista	Duração (h:m:s)
Lucas	10 de outubro de 2024	01:25:35
Bruno	14 de outubro de 2024	00:46:40
Adriana	15 de outubro de 2024	00:50:53
Juliana	17 de outubro de 2024	00:34:29
Felipe	24 de outubro de 2024	00:57:51

Fonte: elaborado pelo autor.

As entrevistas foram gravadas conforme permissão dos pesquisadores por meio da assinatura do Registro de Consentimento Livre e Informado (RCLI), que consta no Apêndice B. Após a realização e gravação, as entrevistas foram transcritas com auxílio da plataforma Transkriptor, mediante leitura e revisão para que as transcrições fossem mantidas o mais próximo da fala dos entrevistados, preservando pausas e vícios de linguagem. Após essa etapa, as transcrições foram enviadas para verificação dos entrevistados para fins de validação e possível supressão de trechos que esses não gostariam que constassem nas análises. Após essa verificação, foi utilizado o *software Atlas.ti* versão 9.1.3.0 para auxílio na organização das transcrições e na análise e interpretação dos dados.

3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Nesta pesquisa, foi utilizado o enquadre teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica Relacional-Dialética proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999) para analisar o processo identificacional frente às práticas sociais de subalternização epistêmica dos participantes entrevistados. Esse enquadre propõe uma explanação crítica dos mecanismos que produzem problemas sociais e se baseia em cinco etapas, organizadas neste trabalho conforme a Figura 4:

Figura 4 - Enquadre da Análise de Discurso Crítica Relacional-Dialética

Etapas	Organização
1) Percepção de um problema social	Seção 1
2) Identificação de obstáculos para a superação do problema	
a) Análise da conjuntura	Subseção 2.2 e 2.3
b) Análise das práticas particulares	Subseção 2.2 e 2.3
c) Análise de discurso	Subseção 4.1
3) Investigação da função do problema na prática	Subseção 4.2
4) Investigação de possíveis modos de ultrapassar os obstáculos	Subseção 4.3
5) Reflexão sobre a análise	Seção 5

Fonte: Adaptado de Chouliaraki e Fairclough (1999) e Ramalho e Resende (2011).

A Análise de Discurso Crítica Relacional-Dialética se inicia com a percepção de um problema social com aspectos discursivos (Chouliaraki & Fairclough, 1999). Conforme agenda de pesquisa proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999), os problemas sociais investigados por esse enquadre teórico-metodológico estão relacionados com as contradições, complexidades e ambivalências dos discursos na modernidade tardia, englobando questões sobre colonização, apropriação, globalização, reflexividade, ideologias e identidades, entre outras. Nesta pesquisa, essa etapa foi realizada na seção 1 com a contextualização da hegemonia epistemológica na academia contábil brasileira e a identificação da necessidade de investigar o processo identificacional de pesquisadores não *mainstream* frente às práticas sociais de subalternização epistêmica provenientes dessa hegemonia.

A segunda etapa do enquadre teórico-metodológico proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999) busca a identificação de obstáculos para a superação do problema identificado anteriormente, por meio da análise da conjuntura, das práticas particulares e de discurso. A análise da conjuntura investiga as especificidades da configuração das práticas em que o problema social discursivo está localizado (Chouliaraki & Fairclough, 1999). Para Chouliaraki e Fairclough (1999), a conjuntura representa um caminho específico por meio da rede de práticas sociais que constitui a estrutura social e sua análise permite ao pesquisador obter uma percepção ampla sobre em que os discursos que serão analisados estão inseridos para embasar suas interpretações.

Na segunda análise desta etapa, ocorre a investigação da relação dialética entre os discursos estudados e os outros elementos das práticas sociais (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Ramalho & Resende, 2011). Conforme apresentado por Chouliaraki e Fairclough (1999), o objetivo dessa análise é compreender como a relação dialética dos discursos funciona e especificar as relações de internalização entre os momentos das práticas sociais. As análises da conjuntura e das práticas particulares, segundo Ramalho e Resende (2011), garantem que os discursos estudados sejam relacionados a suas causas mais amplas e a seu contexto particular, provendo maior profundidade na interpretação. Neste trabalho, essas análises permeiam as subseções 2.2 e 2.3, por meio da exposição da hegemonia *mainstream* na academia contábil brasileira, das práticas de subalternização de epistemologias não *mainstream* e da forma como essa hegemonia é mantida por meio da Colonialidade dos conhecimentos.

Na terceira análise da segunda etapa, a análise do discurso, se investiga as conexões entre os elementos discursivos e o problema analisado, orientada tanto para a estrutura analisada quanto para a interação discursiva (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Ramalho & Resende, 2011). Conforme explicado por Ramalho e Resende (2011), se analisa tanto os recursos sociais

por meio das ordens de discurso que possibilitam e constroem a interação, como as maneiras como esses recursos são articulados em textos. Essa análise se baseia no pressuposto que a relação entre o elemento discurso e as ordens do discurso depende da natureza da prática social, da conjuntura em que esse discurso está localizado e na forma como esse elemento se configura dentro delas (Chouliaraki & Fairclough, 1999). As ordens do discurso e seus significados regulam e direcionam as possibilidades de ações discursivas por meio de traços semânticos, gramaticais e lexicais (Ramalho & Resende, 2011). Apesar da relação entre as ordens do discurso ser dialética, cada uma se realiza em traços linguísticos específicos, gerando categorias analíticas distintas que permitem a análise isolada dos significados discursivos conforme o objetivo do estudo (Fairclough, 2003; Ramalho & Resende, 2011).

Nesta pesquisa, essa análise ocorre na subseção 4.1, por meio dos estilos discursivos utilizados pelos pesquisadores entrevistados e seus significados identificacionais. Para Fairclough (2003), os estilos são realizados dentro de recursos linguísticos como vocabulário, por meio de advérbios intensificadores, e a utilização de metáforas. Além disso, são analisados o compromisso com o que é tido como verdadeiro e necessário e com o que é desejável ou indesejável (Fairclough, 2003). Em resumo, os estilos discursivos movimentam as categorias analíticas de avaliação, metáfora e modalidade (Fairclough, 1992/2001; 2003; Ramalho & Resende, 2011).

A categoria analítica de avaliação tem seu foco nas apreciações e perspectivas sobre aspectos do mundo, sobre o que se considera bom e ruim, desejável e indesejável (Fairclough, 2003; Ramalho & Resende, 2011). As avaliações podem ser separadas em três subcategorias: afirmações avaliativas, avaliações afetivas e presunções valorativas (Ramalho & Resende, 2011). Nas afirmações avaliativas, o elemento avaliativo é mais explícito se apresentando na forma de adjetivos, advérbios avaliativos e verbos utilizados (Fairclough, 2003; Ramalho & Resende, 2011). As avaliações afetivas são marcadas por processos mentais afetivos que envolvem eventos psicológicos como reflexões, sentimentos e percepções, e, por sua vez, as presunções valorativas correspondem a forma de avaliação mais implícita, não apresentando marcadores avaliativos de forma explícita e apresentando o carácter avaliativo por meio de conotações (Fairclough, 2003; Ramalho & Resende, 2011).

As metáforas consistem na compreensão de uma coisa por meio dos termos de outra, estruturando pensamentos, percepções e identidades, realçando ou encobrindo determinadas características do que representam (Fairclough, 1992/2001; Ramalho & Resende, 2011). As metáforas podem ser conceituais, quando se compreende um aspecto no termo de outros; orientacionais, quando conceitos são organizados em relação a uma orientação espacial; ou

ontológicas, quando utilizadas na compreensão de experiências em termos de entidades e objetivos (Ramalho & Resende, 2011).

Na categoria analítica modalidade, é analisado o comprometimento com o que é tido como verdadeiro e necessário, envolvendo as diferentes formas que atitudes podem ser expressas, sinalizando certezas, dúvidas, imprecisões e possibilidades (Fairclough, 2003). As modalidades podem ser epistêmicas, quando ocorre a troca de conhecimento e indicam um comprometimento com o que é verdadeiro, ou deônticas, quando ocorrem em relação a atividades e indicam obrigação ou necessidade (Fairclough, 2003).

A seguir, na Figura 4, apresento o esquema das categorias e subcategorias de análise, com exemplificações conforme os dados gerados para a pesquisa:

Figura 5 - Categorias analíticas

Categoria Analítica	Subcategorias analíticas	Exemplos
Avaliação	Afirmações avaliativas	É um sentimento <i>muito ambíguo</i>
	Avaliações afetivas	Eu <i>quero</i> pegar meu título aqui
	Presunções valorativas	Eu não era <i>relevante</i> lá dentro
Metáfora	Conceituais	É como se você <i>estivesse à margem</i>
	Orientacionais	Então assim, é <i>dá pra baixo</i>
	Ontológicas	<i>Minhas identidades se somavam</i>
Modalidade	Epistêmicas	<i>Nunca tive problemas com isso</i>
	Deônticas	<i>Eu tive que fazer escolhas</i>

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

Após a finalização da segunda etapa do enquadre teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica Relacional-Dialética, inicia-se a investigação da função do problema na prática. Esta terceira etapa tem o objetivo de identificar mecanismos que sustentam o aspecto problemático nas práticas particulares, verificando como o aspecto problemático do discurso que está em foco na investigação tem uma função específica dentro da prática (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Ramalho & Resende, 2011). Essa análise ocorre na subseção 4.2 por meio da análise de como as identidades subalternizadas de pesquisadores não *mainstream* atual na manutenção da Colonialidade na área contábil.

Com a explanação e avaliação das práticas e seus problemas, inicia-se a quarta etapa de investigação de possíveis caminhos para ultrapassar os obstáculos. O objetivo dessa etapa é discernir possíveis recursos para que mudanças ocorram, tendo seu foco na gama de possibilidades sob as condições estruturais e nas propriedades das estruturas que permitem espaços para ações transformadoras (Chouliaraki & Fairclough, 1999). Nesse trabalho, essa investigação está presente na subseção 4.3, onde analiso as ações dos pesquisadores não *mainstream* possibilitadas por suas agências transformadoras.

Por fim, a última etapa do enquadre propõe uma reflexão sobre a análise efetuada e sua contribuição para a emancipação social, avaliando os limites e alcances da pesquisa (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Ramalho & Resende, 2011). A pesquisa crítica social, defendem Chouliaraki e Fairclough (1999), deve ser reflexiva sobre a posição a partir da qual foi realizada. Essa etapa se encontra na seção 5 do trabalho, onde discorro sobre meu posicionamento durante as análises e interpretações efetuadas e apresento as contribuições e limitações da pesquisa.

4 A SUBALTERNIZAÇÃO EPISTÊMICA DE PESQUISADORES NÃO *MAINSTREAM* NA ACADEMIA CONTÁBIL BRASILEIRA

Neste capítulo, apresento a análise e interpretação das entrevistas efetuadas, com base nos conceitos de Colonialidade e no enquadre teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica Relacional-Dialética, para entender como as práticas sociais de subalternização epistêmica da academia contábil brasileira são inculcados no processo identificacional de pesquisadores não *mainstream*. Na subseção 4.1 apresento a análise de discurso conforme as categorias analíticas elencadas anteriormente, na subseção 4.2 investigo o aspecto problemático das práticas sociais analisadas e, na subseção 4.3, apresento as ações transformadoras dos pesquisadores não *mainstream*.

4.1 O PROCESSO IDENTIFICACIONAL DE PESQUISADORES NÃO *MAINSTREAM* FRENTE ÀS PRÁTICAS SOCIAIS DE SUBALTERNIZAÇÃO EPISTÊMICA

4.1.1 Trajetória acadêmica: “É como se você estivesse à margem”

Ao serem questionados sobre suas trajetórias acadêmicas, os pesquisadores entrevistados destacam as dificuldades de possuir um posicionamento epistemológico diferente do hegemônico *mainstream*. Em relação a sua experiência, Lucas compartilhou o seguinte:

[01] **Lucas:** Olha, é no mestrado não muito, assim, mas o doutorado foi *horrível*, tanto que uma das razões de eu fazer um segundo doutorado é porque *eu quero pegar meu título aqui pra poder me apresentar como doutor* pela [Universidade] e meio que esquecer, meio que apagar se eu pudesse, *passar uma borracha* nessa experiência na [Universidade], eu faria isso.

No excerto 01, Lucas apresenta uma afirmação avaliativa por meio do uso do adjetivo *horrível*, denotando a alta intensidade da perspectiva negativa que possui da sua experiência durante o período de doutorado. Essa perspectiva negativa é corroborada pela combinação da afirmação afetiva *eu quero pegar meu título* com a modalidade deôntica em *pra poder me apresentar como doutor*, que demonstra o desejo de Lucas de finalizar o novo doutorado que está cursando em outra universidade pois o considera uma condição para que não precise mais utilizar a titulação do primeiro doutorado. Ao utilizar a metáfora conceitual *passar uma borracha*, Lucas explicita como não se identifica com o programa de pós-graduação (PPG) de seu diploma, evocando a possibilidade de apagar a experiência com seu primeiro doutorado e escrever outra no lugar.

Essas trajetórias acadêmicas são marcadas por diversas resistências aos posicionamentos dos pesquisadores não *mainstream*, conforme comentou Bruno sobre o seu período de formação:

[02] **Bruno:** Então, tive *muita resistência, muita resistência* e, assim... *eu tive que fazer escolhas de quais batalhas eu ia bata eu ia lutar*. Chegou um ponto que no meu primeiro ano de doutorado *ou eu ia pra terapia ou eu desistia*. Então eu fui pra terapia porque tava sendo um *processo muito violento* meu primeiro ano de doutorado.

Por meio da repetição (*muita resistência*) e da avaliação afirmativa (*processo muito violento*), Bruno demonstra que a sua experiência foi marcada por dificuldades tão intensas que passaram a lhe causar sofrimento e o direcionaram a necessidade de priorizar sua saúde mental para conseguir finalizar sua formação na pós-graduação (modalidade deôntica em *eu tive que fazer escolhas* e em *ou eu ia pra terapia ou eu desistia*). A metáfora conceitual *quais batalhas eu ia bata eu ia lutar* demonstra que Bruno compreende sua experiência como formada por diversos conflitos, em que se identifica em uma posição de adversário/oponente aos causadores das resistências e violências sofridas.

Nas entrevistas, foi destacado o papel dos colegas de PPG em oferecer resistências às perspectivas epistemológicas não *mainstream*, tanto por meio de alertas como de questionamentos, conforme excertos a seguir:

[03] **Lucas:** E quem mais me *alertava* ou me aconselhava, que era “olha, cuidado, isso é muito radical e etc” eram meus colegas doutorandos na época...

[04] **Juliana:** Aí eu lembro, ah, fazer disciplina seminário de tese, como eu falei, “ah, qual que é o seu projeto? Ah, não, mas isso não é contabilidade, não é relevante, não é pesquisa, *blá, blá, blá*”.

[05] **Bruno:** É... *muitos, muitos, muitos* dos meus colegas durante o doutorado *questionavam a minha capacidade e competência, questionavam o meu lugar* dentro da contabilidade. Então, questionavam, por exemplo, “ai por que você não faz sua tese na antropologia? Por que você não faz na educação? Me prova que isso daí é contabilidade!”.

No excerto 03, o uso do termo *alertava* indica uma presunção valorativa, direcionando tanto para o sentido de avisar como para o de alarmar e provocar uma inquietação. De forma similar no excerto 04, Juliana compartilha uma experiência com questionamentos de colegas que buscam invalidar a relevância de sua pesquisa durante uma disciplina. Utilizando a onomatopeia *blá blá blá*, Juliana demonstra como considera essas indagações sem conteúdo e repetitivas. Essas posturas conservadoras de colegas buscam preservar a hegemonia *mainstream* da possível ruptura que abordagens diferentes podem causar na área contábil (Homero Junior, 2021).

No excerto 05, Bruno utiliza a repetição (*muitos, muitos, muitos*) em conjunto com presunções valorativas para demonstrar que os questionamentos recriminatórios de grande parte de seus colegas eram percebidos como tentativas de invalidar a sua identidade como pesquisador contábil (*questionavam o meu lugar*) e seu reconhecimento (*questionavam a minha capacidade e competência*). De forma similar, Adriana comentou sobre a dificuldade de receber reconhecimento pelos seus colegas e como isso também direciona para um processo de subalternização:

[06] **Adriana:** E... mas assim, foi muito difícil porque os colegas, muitas vezes, é em discussões ali de textos, que eram já textos mais *mainstream*, nas disciplinas no geral, é... *tinha essa questão da de você ser mais importante porque você conhece a teoria econômica, ou porque você pesquisa finanças, né?* Porque *acho que tem essa concepção*, principalmente dos alunos é de graduação e pós-graduação, de que tem essa *superioridade* *mainstream*. Então, você já *enfrenta uma primeira barreira* ali de reconhecimento dos seus colegas, né?

No excerto 06, Adriana sinaliza um alto comprometimento com a afirmação que discentes que estejam mais familiarizados com os tópicos *mainstream* são considerados mais importantes pelos colegas (modalidade epistêmica em *tinha essa questão da de você ser mais importante e acho que tem essa concepção*). Considerando essa modalidade em conjunto da utilização do termo *superioridade* (presunção valorativa) seguido da metáfora conceitual *enfrenta uma primeira barreira*, interpreta-se que Adriana percebe uma divisão entre os posicionamentos epistemológicos. Nessa divisão, os pesquisadores *mainstream* ocupam uma posição superior por terem conhecimentos de interesse da hegemonia epistemológica da área

contábil, enquanto os pesquisadores não *mainstream* possuem dificuldades em obter reconhecimento e são inferiorizados em uma posição epistêmica subalterna (Grosfoguel, 2007).

Além das recriminações que ocorrem por meio dos questionamentos e alertas, essa divisão entre os colegas de PPG também ocorre por atos de exclusão, conforme excerto a seguir:

[07] **Bruno:** E eu lembro que não ficou só no discurso, *chegou na prática essa violência*. Tinha uma disciplina que nós sentávamos em meia lua. Então, a primeira pessoa que chegava, organizava. E teve uma aula que eu fui o primeiro. Eu cheguei, sen organizei a meia-lua, sentei no meu lugar *tranquilamente*. Todos os meus colegas de turma foram chegando e sentando *exatamente em oposição* a mim. E sentando um do lado do outro. Até formar um *paredão*, ter tipo umas três cadeiras vazias e eu. Então chegou ao ponto de... deles. Deles *falarem com os corpos* “você não é um de nós”.

No excerto 07, Bruno demonstra como classificar o ato de exclusão sofrido como uma forma de violência (modalidade epistêmica em *chegou na prática essa violência*) e revela a não antecipação do ocorrido (afirmação avaliativa em *tranquilamente*). A divisão aludida por Adriana no excerto 06 aparece no relato de Bruno por meio da presunção avaliativa em *exatamente em oposição*, que carrega tanto o significado de local que os colegas escolheram sentar durante a disciplina, quanto a referência a uma relação antagônica com esses. A utilização da metáfora conceitual *paredão* indica a percepção de Bruno dessa relação, remetendo a uma barreira de difícil transposição que o separava dos demais colegas. Dessa forma, por meio da violência silenciosa na escolha dos lugares durante a disciplina (metáfora conceitual em *falarem com os corpos*), os colegas deixam evidente sua posição superior e a posição subalterna que acreditam que Bruno ocupa (metáfora ontológica em *materializarem essa exclusão*). Nesse episódio, assim como nas recriminações e dificuldades em obter reconhecimento dos colegas de PPG, percebe-se como os colegas buscam constranger as identidades sociais dos pesquisadores entrevistados a seguir a norma hegemônica (Fairclough, 1992/2001).

Além dos colegas, os professores dos PPGs também oferecem resistências, conforme o acontecimento compartilhado no próximo excerto:

[08] **Bruno:** Eu lembro um dia específico, enquanto ainda tava no mestrado, então ainda tava ali na minha fase interpretativa, que eu fui almoçar com uma amiga e o orientador dela *se enfiou no meio* do nosso almoço e foi com a gente. [...] Ele virou pra mim e falou “você tem que sair dessa [linha de pesquisa], isso daí não dá futuro pra ninguém não, cê tá desperdiçado aí nisso, vem ser meu orientado no doutorado que eu resolvo tua vida”. Então assim, é *daí pra baixo*...

No excerto 08, Bruno indica a indesejabilidade da presença do professor (metáfora orientacional em *se enfiou no meio*), podendo interpretar que seja devido a sua percepção

contrária às abordagens não *mainstream* e inferiorização de pesquisas que não atendam aos interesses neoliberais. Como indicado pela metáfora orientacional *daí pra baixo*, as resistências oferecidas por professores não ficam apenas nos questionamentos e repreensões em forma de conselhos. Além das falas contrárias às pesquisas não *mainstream*, os participantes das entrevistas também apontaram a falta de entendimento das suas pesquisas e posicionamentos por parte dos professores:

[09] **Lucas:** [...] eu só via, às vezes, uma cara assim, eles me olhavam hm... meio de “não sei muito bem do que você tá falando, mas ah faz aí, cê tá afim, segue”. [...] Hã eu tinha a impressão de que eles não muito, não tinham familiaridade com essa literatura assim, ficavam meio curiosos e tal, mas também *não se importavam muito*, sabe? Na verdade, assim, eu... eu tinha a impressão de que eu não era *relevante* lá dentro pra eles estarem *se preocupando comigo*, entendeu?

No excerto 09, Lucas aponta a falta de conhecimento dos professores sobre temáticas fora do *mainstream*, além de uma falta de interesse em se aprofundar nessa literatura (presunção valorativa em *não se importavam muito*). Da mesma forma que não se importavam com as temáticas não hegemônicas, os professores também não se importavam com pesquisadores não *mainstream* (presunção valorativa em *relevante* e em *se preocupando comigo*).

Na área contábil é comum que docentes se aprofundem apenas em literatura que atenda aos interesses neoliberais (Magrini et al., 2024). Ao privilegiarem conhecimentos alinhados às temáticas *mainstream*, os professores embasam a visão dos discentes dos PPGs de que pesquisadores *mainstream* possuem mais importância em detrimento de pesquisadores com abordagens diferenciadas. Ao se autoidentificarem nessa posição de falta de reconhecimento por parte dos professores, os pesquisadores entrevistados assumiram uma agência questionadora, buscando levantar debates em sala de aula:

[10] **Lucas:** E aí eu assim, eu em sala de aula, eu criava *muito problema* lá. Não problema assim, mas eu *confrontava* os professores, questionava, gosta... Era aquele *aluno pentelho*, sabe? De ficar enchendo o saco, assim, questionando e debatendo e *desafiando* os professores e tal. Então... enfim foi um processo mui... do ponto de vista pessoal, *muito desgastante* assim. E aí, tanto que eu saí de lá e nunca mais voltei na [Universidade].

[11] **Bruno:** E assim, nessa eu discutia mesmo, *soltava o verbo*. Aí o que que aconteceu? Um desses dias que eu fui pro congresso, eu faltei nessa disciplina. Na semana seguinte que eu regressei, ao voltar do intervalo, na frente da sala toda, um dos colegas virou pra mim e falou, “nossa [nome], coincidentemente, semana passada que você faltou, a aula fluiu tão bem, a gente até conseguiu terminar no horário”.

No excerto 10, Lucas aponta que suas tentativas de debates buscavam desafiar e até confrontar os conhecimentos discutidos em sala de aula (presunção avaliativa em *confrontava*

e *desafiando*), comportamento que o mesmo considera problemática e inconveniente (afirmações avaliativas em *muito problema e aluno pentelho*). Manter essa postura desafiadora e questionar a importância dada apenas para os conteúdos vinculados ao *mainstream* de pesquisa era cansativo, sendo um dos motivos de Lucas considerar sua experiência na pós-graduação como horrível (afirmação avaliativa em *muito desgastante*). De forma similar no excerto 11, Bruno também indica que possuía uma postura questionadora durante as disciplinas (metáfora conceitual em *soltava o verbo*), sendo essa reprimida pelos colegas de sala. Em ambos excertos, percebe-se como o processo reflexivo dos entrevistados não permitiu a inculcação dos discursos subalternizadores, os direcionando para uma agência individual transformadora (Fairclough, 2003; Ramalho & Resende, 2011).

Apesar de desgastante, a busca pelo questionamento e pelo debate pode servir para trazer reconhecimento, conforme compartilhado por Adriana:

[12] **Adriana:** É... acho que tem um pouco isso, mas ao perceber também que a *capacidade teórica* de quem acho que vai pela linha crítica também é um pouco maior, porque a gente precisa ler mais coisas né *interdisciplinares*. Geralmente a linha *mainstream* também é *muito empirista*, né? Então eu acho que a gente tem uma capacidade, *desenvolve* essa capacidade muito mais que os outros. E aí você começa a se destacar em discussões que muitas vezes nos programas de doutorado vão pra a linha teórica. [...] Então, acho que tem um pouco... é uma, é um sentimento *muito ambíguo* de, ao mesmo tempo, exclusão e de reconhecimento. Acho que ele... ele meio que *se mistura* em diferentes momentos.

No excerto 12, Adriana faz uma distinção entre pesquisadores *mainstream* e não *mainstream*. Enquanto pesquisadores *mainstream* possuem seu foco em questões mais práticas (afirmação avaliativa em *muito empirista*), os não *mainstream* buscam dialogar com diferentes teorias de diversas áreas (afirmação avaliativa em *interdisciplinares*). Nessa distinção, Adriana identifica que pesquisadores não *mainstream* possuem um maior interesse em se aprofundar teoricamente e procurar diferentes lentes teóricas para analisar os fenômenos da área contábil. Esse aprofundamento direciona para um maior desenvolvimento da capacidade teórica de argumentação (presunções valorativas em *capacidade teórica e desenvolve*) e a um destaque em discussões teóricas. Essa distinção de foco de pesquisa e de interesse teórico ocasiona tanto um sentimento de orgulho pelo reconhecimento da capacidade teórica e do destaque em argumentações, quanto um sentimento de não pertencimento e isolamento por não fazer parte do grupo hegemônico (afirmação avaliativa em *muito ambíguo* e metáfora ontológica em *se mistura*). Essa ambiguidade de sentimentos também aparece nos seguintes excertos:

[13] **Adriana:** Mas, claro, acho que o maior problema foi que durante o processo de doutorado eu me senti *muito isolada*. Não tinha ninguém pra conversar, não tinha ninguém pra *trocar ideia*. É enquanto eu falava de [teoria interdisciplinar], [teoria interdisciplinar] ou... ou [teoria interdisciplinar], tava todo mundo falando de teoria da agência, entendeu? Então, era uma coisa assim que por questões de interesse e de conhecimento, é eu não tinha com quem conversar, e isso *atrapalha* o nosso desenvolvimento, né? *A gente precisa*, como uma comunidade acadêmica, ter essa possibilidade.

[14] **Adriana:** E aí, assim, é tinha desse dessa galera de trinta, quarenta alunos, duas pessoas, talvez, que que tinham interesse é... crítico. E eu diria que... e *posso falar que talvez* eram os dois melhores alunos da sala. Hã... acho que posso falar *com certeza*, depois de todo o processo, é são duas pessoas que conseguiram *se posicionar muito bem* na academia.

Com relação ao sentimento de não pertencimento, Adriana salienta, no excerto 13, como as diferenças epistemológicas e de temáticas acarretaram em uma experiência solitária e segregatória (afirmação avaliativa em *muito isolada*) e sem a possibilidade de conversas sobre seus interesses de pesquisa que gerassem aprendizado (metáfora ontológica em *trocar ideia*). Esse isolamento acarreta não apenas no sentimento de exclusão, mas também em dificuldades no desenvolvimento dos pesquisadores não *mainstream* (presunção valorativa em *atrapalha*). Conforme apresentado nas pesquisas de Nganga et al. (2022) e Bartoluzzio et al. (2024), a baixa oferta de disciplinas que possibilitem debates sobre diferentes abordagens reforça a baixa diversidade epistêmica ao restringir o desenvolvimento de perspectivas diferentes do *mainstream*. Pelo uso da modalidade deôntica em *a gente precisa*, Adriana indica que considera o diálogo sobre os interesses de pesquisa com outros acadêmicos como uma condição para o desenvolvimento como pesquisadores, sendo necessário que a comunidade acadêmica propicie essa oportunidade. Os apontamentos de Adriana corroboram os estudos de Bartoluzzio et al. (2024) e Homero Junior (2021), que apresentam como as barreiras de integração sofridas pelos pesquisadores não *mainstream* levam ao isolamento e dificuldades em se ter debates sobre suas teorias e temáticas de interesse.

Com relação ao reconhecimento, Adriana indica no excerto 14 a probabilidade de que pesquisadores não *mainstream* possuam os melhores desempenho durante a disciplina por meio da modalidade epistêmica *posso falar que talvez*, posteriormente indicando sua certeza de que possuem boas trajetórias em suas carreiras acadêmicas (modalidade epistêmica em *com certeza*). A utilização da metáfora orientacional *se posicionar muito bem* direciona tanto para a ocupação de um espaço como para a escolha de qual posição tomar, podendo interpretar que Adriana reconhece sua capacidade e entende estar em uma posição merecida que foi de sua escolha. Enquanto no excerto 06 Adriana apresentava a identificação com uma posição subalternizada pela falta de reconhecimento dos colegas, no excerto 14 ela apresenta como

baseia sua identidade social como pesquisadora no reconhecimento obtido pela sua carreira e pela capacidade teórica desenvolvida.

Além da capacidade teórica e de argumentação, o reconhecimento também é embasado na utilização de estratégias comuns do *mainstream*, conforme compartilhado nos excertos seguintes:

[15] **Juliana:** Eu acho que uma coisa que uma experiência que também ajudou a fortalecer o argumento e a e a minha posição foi o intercâmbio também, porque hã *a gente sempre vê* as pessoas, principalmente quem tá no *mainstream*, fazendo bastante coisa fora do país, intercâmbio, vai no evento e tal, né? [...] E aí fazer intercâmbio nos Estados Unidos né, que também *sai muito visado*, foi algo *muito importante* assim pra *me fortalecer* enquanto pesquisadora. Eu sinto que tem... sabe, Andre, na minha constituição, enquanto uma pesquisadora que não está no campo do *mainstream*, porque é como se você *estivesse à margem*, né? Então, ter né certeza, segurança, ter confiança nos meus posicionamentos, também tem *muita influência* do intercâmbio. De tipo, ah, estudei... Ah, fulano estudou nos Estados Unidos? Ah, eu também estudei. Ah, fulano fala inglês? Eu também falo, vamos falar aí. Sabe, assim, são coisas que parecem pequenas, mas são coisas que são *marcadores, sabe, de diferenças*.

[16] **Bruno:** Então, assim, as exigências do programa eram, ó, *seja produtivista*. E eu já tava sendo, desde o mestrado, então... Era o *preço que eu pagava pra ter a minha liberdade* dentro do programa. Era como se a minha expertise e a minha competência fosse uma *moeda de troca*. O programa falava “você faz o que você quiser com essa tese, faz o que você quiser com a sua vida, desde que você entregue, desde que você performe”.

No excerto 15, Juliana discorre sobre a importância de ter feito um intercâmbio para que se identificasse como pesquisadora não *mainstream* (afirmação avaliativa em *me fortalecer* e *muita influência*). Considerado como uma experiência comum para pesquisadores hegemônicos (modalidade epistêmica em *a gente sempre vê*) e desejada pelo seu potencial de trazer mais reconhecimento para a trajetória acadêmica (afirmação avaliativa em *sai muito visado*), o intercâmbio feito por Juliana foi fundamental em seu processo de possuir mais convicção de seu posicionamento epistemológico e de suas competências (afirmação avaliativa em *muito importante*). Conforme compartilhado no excerto, a experiência internacional é um delimitador da divisão entre pesquisadores (presunção valorativa em *marcadores, sabe, de diferença*), servindo para garantir o status de superioridade de acadêmicos hegemônicos e subalternizar os acadêmicos *mainstream* (metáfora conceitual em *estivesse à margem*).

Por sua vez, Bruno se utiliza da visão neoliberal produtivista para obter reconhecimento e liberdade dentro do PPG que estava inserido. Ao utilizar metáforas sobre transações financeiras para descrever sua experiência (*preço que eu pagava pra ter a minha liberdade* e *moeda de troca*), Bruno demonstra como percebia sua aderência ao produtivismo como uma negociação com o programa. Ao atender a obrigatoriedade de se ter muitas publicações que era a maior preocupação do programa (modalidade deontica em *seja*

produtivista), foi possível obter reconhecimento e a possibilidade de realizar suas pesquisas com as temáticas e posicionamento epistemológico não *mainstream*.

Tanto Juliana como Bruno demonstram a inculcação de discursos *mainstream* em suas identidades sociais como forma de obter reconhecimento. Porém, ao invés de reproduzir os discursos sobre superioridade de status que a experiência internacional e o produtivismo trazem, ambos apresentam uma agência transformadora ao utilizar essas estratégias comuns ao *mainstream* como uma forma de obter reconhecimento na academia contábil brasileira e atuar contra o apagamento de suas perspectivas epistemológicas.

Os pesquisadores entrevistados identificam as resistências de colegas e professores como uma tentativa de invalidar suas identidades como pesquisadores e os seus lugares dentro da academia contábil. Nos seus processos reflexivos, os entrevistados adotam como resposta uma agência transformadora, baseada no questionamento e no debate. Por meio dessa agência, e do uso de símbolos do *mainstream* como o produtivismo e a experiência internacional, os pesquisadores entrevistados obtiveram o reconhecimento da academia contábil. Porém, apresentam os sentimentos ambíguos gerados por esse processo, se identificando como excluídos dentro da academia que os reconhece como pesquisadores.

4.1.2 Relação com orientadores: “A gente se percebeu enquanto pesquisador”

Em suas entrevistas, os pesquisadores participantes da pesquisa apresentaram diferentes perspectivas das relações com seus orientadores. Nos excertos a seguir, pode-se observar que Bruno e Juliana possuem interpretação similar de suas experiências:

[17] **Juliana:** Mas, então, eu lembro que quando eu peguei essa discussão, eu falei, bom, agora eu quero pensar essa [tema da tese]. [...] Eu pensava não, isso aqui não é do positivismo. *Não tinha como*, assim. Depois de conversas com [nome], né, minha orientadora e fiz disciplina de pesquisa interpretativista. [...] Aí me deu ah, nossa, calma, tem como pesquisar o que eu quero dentro da contabilidade com uma abordagem alternativa.

[18] **Bruno:** Com a orientadora de mestrado foi uma relação um pouco mais *acadêmica e profissional* mesmo. Então a gente lidava ali com a dissertação e era isso. Nós tínhamos *algumas discordâncias* de valores éticos, pessoais, políticos e sociais, mas tudo sempre foi *muito respeitoso*. Já com a minha orientadora de doutorado, vulgo [nome], foi uma relação *muito próxima*... muito próxima, seja acadêmica, pessoal, profissional. [...] E eu acho que *essa relação ela vem exatamente* pelos dois questionarem essa estrutura social, pelos dois acreditarem que a universidade tem sido violenta, que a universidade tem como mudar e que os nossos esforços eles não são individuais, eles são coletivos. Então, acho que essa *identificação* ajuda muito. Então, quando eu tive meus problemas no primeiro ano de doutorado, era com a [nome] que eu ia *chorar*. [...] Sabe, ela realmente viu *muito potencial* em mim, muito mais do que eu via inclusive, e *investiu*. Investiu com tempo, investiu com afeto, investiu com

dinheiro, investiu na construção de uma relação que fosse além da orientação estritamente acadêmica.

Em seu relato, Juliana demonstra a importância da sua orientadora para seguir com pesquisas não *mainstream*. Pela modalidade epistêmica em *não tinha como*, Juliana releva como não havia possibilidade de pesquisar o seu tema de interesse por uma abordagem funcionalista-positivista, passando a se aprofundar em outras abordagens epistemológicas após o encorajamento de sua orientadora. De forma semelhante no excerto 18, Bruno aponta boas relações com ambas suas orientadoras, apesar de serem relações de naturezas diferentes. Com sua orientadora de mestrado, a relação se mantinha apenas para questões ligadas à pós-graduação e não sendo considerada pessoal (afirmação avaliativa em *acadêmica e profissional*), em que haviam momento de divergência, porém essas eram resolvidas de forma amena para ambos (presunção valorativa em *algumas discordância* e afirmação avaliativa em *muito respeitoso*).

Ao utilizar a avaliação afirmativa *muito próxima* ao comentar sobre sua relação com a orientadora de doutorado, Bruno salienta a natureza íntima e pessoal dessa relação que se estende além do âmbito acadêmico e profissional. A modalidade epistêmica em *essa relação vem exatamente* e a presunção valorativa em *identificação* demonstram que Bruno se reconhece na postura questionadora das estruturas sociais e das práticas sociais de subalternização epistêmica de sua orientadora, o que direcionou a um processo de aproximação de ambos. Essa relação próxima forneceu um espaço de conforto durante as dificuldades na pós-graduação (presunção valorativa em *chorar*), podendo-se pressupor que Bruno considerava que sua orientadora entenderia suas vivências devido a identificação entre ambos. Bruno também comenta sobre como sua orientadora participou ativamente do seu processo de desenvolvimento acadêmico. A utilização da metáfora ontológica *investiu* direciona para a concepção de que o tempo, o afeto e a relação formada foram propositalmente aplicados, em que o desenvolvimento acadêmico seria o retorno esperado. Desta forma, Bruno percebe o seu processo de orientação do doutorado como um investimento da sua orientadora para que se desenvolvesse e atingisse todo seu potencial (afirmação avaliativa em *muito potencial*).

Nos excertos 17 e 18, são apresentadas relações de orientação que encorajam os pesquisadores a seguirem seus posicionamentos *mainstream* e a desenvolverem seu potencial acadêmico, em que as orientadoras possuem uma forte influência nesse desenvolvimento. Por influência dessas relações, Juliana e Bruno se identificaram e passaram a se posicionar como pesquisadores não *mainstream*. Porém, conforme nos excertos a seguir, essa relação entre orientando e orientador também pode ser conflituosa e de encorajamento ao mesmo tempo.

[19] **Felipe:** Eu acho que eu consegui é fomentar um pouco mais isso na minha tese, no desenvolvimento da minha tese, é na qual eu tive *bastante conflito epistemológico* com o meu orientador, né? O meu orientador é um orientador, foi um orientador é *extremamente presente*, então *nunca tive problemas* com isso de que eu não fui um orientando assistido, muito pelo contrário, mas é nós tivemos *muitos embates a*, né?

Por meio da utilização da afirmação avaliativa *extremamente presente* e pela modalidade epistêmica em *nunca tive problemas*, Felipe indica que seu orientador sempre se mostrou interessado e acompanhou o seu desenvolvimento acadêmico. Porém, nessa relação também estavam presentes divergências pelas diferentes posturas epistemológicas de ambos, levando a diversos debates sobre o assunto (afirmações avaliativas em *bastante conflito epistemológico* e *muitos embates*). Essas divergências levaram a um processo de convencimento do orientador, conforme indica Felipe:

[20] **Felipe:** Existe um processo de convencimento *muito forte* da minha parte em relação a ele. Então, a gente tinha conversas *muito longas*, assim, de “professor, eu acho que é isso”, ele “não é”, “professor, eu entendo dessa forma”, “não é”. Então, a gente teve *muita construção* que que, assim, foi foi *muito exaustivo*, sabe? [...] Então, teve um processo de muita... hã deixa eu ver uma expressão, aí sabe de de *amassar muito a massa do pão*, sabe? Vê se cresce. O o conceito de [tema da tese] tava muito, assim, não tava materializando e eu *indo prum lado* em termos de apresentar possibilidades de operacionalização e *ter que convencer ele*. Então, a gente teve *muitas idas e vindas* nesse processo.

[21] **Felipe:** Então, esse período foi *bastante exaustivo*, porque a gente tinha orientações muito longas e, como eu falei, ele é um orientador que ele *acompanha muito os seus passos*. Então, você vai dar um passo, *você não vai dar esse passo sem ele estar seguro que o passo vai dar certo*. Então, e às vezes eu *queria dar o passo no escuro*, entendeu? Porque eu também tenho a as minhas é... as *minhas ambições*, né? Então isso gerou talvez *um pouco de conflito*, mas *nada que atrapalhasse hoje*, por exemplo, nossa convivência, né?

No excerto 20, Felipe aponta que precisou convencer seu orientador da sua temática de pesquisa não *mainstream* e que esse processo foi difícil e demandou muito tempo (afirmação avaliativa em *muito forte* e *muito longas*). A utilização das metáforas conceituais *muita construção* e *amassar muito a massa do pão* para conceituar o processo de convencimento demonstram como esse ocorreu de forma lenta e em diversas etapas, necessitando de muito empenho de Felipe para argumentar nos diversos debates com o seu orientador (afirmação avaliativa em *muito exaustivo* e metáfora orientacional em *muitas idas e vindas*). A metáfora orientacional *indo prum lado* em conjunto com a modalidade deôntica em *ter que convencer ele* indica o esforço do entrevistado para manter seu direcionamento não *mainstream* e sua identidade como pesquisador, por meio de exaustivos esforços para convencer seu orientador.

No excerto 21, Felipe comenta como o acompanhamento constante do seu orientador em cada etapa da produção da sua tese fez todo o processo ser cansativo (afirmação avaliativa em *muito exaustivo* e metáfora conceitual em *acompanha muito os seus passos*). A modalidade deôntica em *you não vai dar esse passo sem ele estar seguro que o passo vai dar certo* demonstra como esse acompanhamento era identificado por Felipe, como uma demanda constante de convencimento da viabilidade da pesquisa. Porém essa demanda provinda de seu orientador era contrastante com a forma que Felipe gostaria de desenvolver sua tese. A combinação de avaliação afetiva com metáfora conceitual em *eu queria dar o passo no escuro* demonstra a maior afinidade de Felipe com situações de incertezas e campos ainda não explorados, fazendo parte de seu projeto de carreira explorar essas situações (presunção valorativa em *minhas ambições*). Essas diferenças em lidar com incertezas entre Felipe e seu orientador foi uma fonte de conflitos durante o processo de orientação (afirmação avaliativa em *um pouco de conflito*), porém que foram resolvidos para ambos (modalidade epistêmica em *nada que atrapalhasse hoje*). Ao refletir sobre toda a experiência de orientação, Felipe comentou o seguinte:

[22] **Felipe:** Então *a gente se percebeu enquanto é pesquisador*, e eu também considero que *eu fui um desafio pra ele* enquanto construí uma tese dentro de uma perspectiva [tema da tese], né? [...] Foi muito cansativo, porque uma tese cansa, mas *eu acho que talvez teria sido menos se ele tivesse uma mesma uma mesma posição epistemológica* que eu estava criando, que eu também não tinha, né? Mas assim, foi uma relação de *muita parceria e de não abandono*, sabe? Chegou uma hora que eu falei “não, agora ele vai me largar, agora acabou tudo mesmo” e *não largou*, assim. Ele foi é... *ele insistiu*, sabe?

No excerto 22, por meio da utilização da modalidade epistêmica em *a gente se percebeu enquanto é pesquisador*, Felipe demonstra considerar que o processo de orientação fez ele e seu orientador se reconhecerem como pesquisadores, apesar dos conflitos provindos das diferenças epistemológicas e de formas de trabalho, porém que toda a orientação seria menos exaustiva se ambos compartilhassem posicionamentos similares (modalidade epistêmica em *eu acho que talvez teria sido menos se ele tivesse uma mesma uma mesma posição epistemológica*). Porém, a modalidade epistêmica em *considero que eu fui um desafio pra ele* demonstra como o entrevistado se percebe dentro desse processo, sendo o desafio não apenas a tese de temática não *mainstream* mas também o seu desenvolvimento acadêmico com posicionamento epistemológico não hegemônico. Ao se identificar como um desafio, Felipe reconhece a importância da postura de seu orientador de manter-se na sua orientação e buscar

participar do seu desenvolvimento como acadêmico (afirmação avaliativa em *muita parceria e não abandono* e presunções valorativas em *não largou e ele insistiu*).

As experiências de Felipe demonstram uma relação diferente da experienciada por Juliana e Bruno, porém ainda marcada por uma forte influência do orientador no processo de desenvolvimento acadêmico. Para Juliana e Bruno, o encorajamento das suas orientadoras para a exploração de diferentes perspectivas epistemológicas foi fundamental para o fortalecimento de seus posicionamentos como pesquisadores. De forma diferente, Felipe aponta como o longo processo de convencimento e os diversos questionamentos de seu orientador também o fizeram se questionar de seus interesses de pesquisa e consolidar seu posicionamento epistemológico. Nesse processo, Felipe desenvolveu uma agência conciliadora, tentando balancear entre suas ambições e possibilidades que gostaria de explorar e a postura conservadora de seu orientador.

Diferente das experiências de Felipe, Bruno e Juliana a influência no processo de desenvolvimento acadêmico pode vir de outras pessoas além do orientador, conforme excerto a seguir:

[23] **Adriana:** Então, mesmo que, por exemplo, o meu orientador, mesmo muitas vezes ele falou “eu não entendo essa teoria, eu não faço pesquisa crítica, mas é eu acredito que você pode fazer. Então, eu consigo te ajudar com esses aspectos. Você precisa de um coorientador?” A gente até chegou a cogitar, mas aí por ques várias questões a gente não é enfim não teve nenhuma coorientação e eu acabei indo... *indo sozinha*, assim, lendo. É algumas vezes até conversei, por exemplo, com pesquisadores internacionais da minha área por e-mail. Mandava e-mail “ah, to fazendo pesquisa sobre isso, to usando essa teoria” e é, *surpreendentemente, a maioria tava interessada* em “ah, o que você está fazendo? Vamos marcar uma reunião e conversar?”. Então, *não era uma orientação formal*, mas eu tive essa *proatividade* e essa *abertura* dessas pessoas pra conversar.

Conforme compartilhado por Adriana, seu orientador de doutorado não tinha conhecimento do assunto pesquisado e da perspectiva epistemológica da sua tese. A metáfora orientacional *indo sozinha* demonstra como a entrevistada percebe que o seu processo de desenvolvimento da tese foi solitário, aludindo ao excerto 13 que a mesma apresenta um sentimento de isolamento ao não ter com quem debater sobre os temas pesquisados. Para ter essa possibilidade, Adriana tem a iniciativa de contatar pesquisadores internacionais (presunção valorativa em *proatividade*) mesmo indicando não acreditar que esses teriam interesse em conversar sobre sua pesquisa (modalidade epistêmica em *surpreendentemente, a maioria tava interessada*). As conversas e a receptividade dos pesquisadores internacionais (metáfora conceitual em *abertura*) foram uma forte influência no desenvolvimento de Adriana. Por meio da modalidade epistêmica em *não era uma orientação formal*, pode-se pressupor que as conversas com esses pesquisadores eram vistas como uma forma de orientação que ajudavam

no desenvolvimento acadêmico, porém sem a formalização de uma coorientação. Esse processo indica como a falta de debate sobre as temáticas de interesse geraram inicialmente uma autoidentificação com a falta de interesse pelas pesquisas não *mainstream*, porém ao assumir uma agência proativa para lidar com o isolamento que sentia, Adriana percebeu a receptividade de pesquisadores internacionais da área não apenas quanto a sua temática, mas também em relação a sua identidade de pesquisadora.

De forma diferente das experiências compartilhadas pelos outros entrevistados, a influência do orientador de Lucas não era diretamente em seu desenvolvimento acadêmico:

[24] **Lucas:** E aí, no fim das contas, eu circulei, aí eu disse “ah, eu vou aqui com esse cara, *espero que ele não me atrapalhe muito*”. Hã e aí foi, mas por causa di... e porque também ele era meio assim... eu eu, *se tivesse que brigar com todo mundo do departamento, ele iria brigar*, porque *já era brigado mesmo* com todo mundo enfim. Mas foi mais nesse sentido de *me proteger* assim e *ter alguém que me bancasse lá politicamente*, digamos assim, dentro do programa, dentro do departamento, se eu precisasse.

No excerto 24, Lucas demonstra que esperava que seu orientador não fosse muito presente durante seu doutorado (modalidade deontica em *espero que ele não me atrapalhe muito*), porém que lhe ajudasse a lidar com as retaliações e violências sofridas pelo seu posicionamento epistemológico (presunção avaliativa em *me proteger*). Para Lucas, o seu posicionamento não *mainstream* poderia gerar diversos conflitos dentro do PPG, sendo necessário alguém que lhe ajudasse a resolvê-los para que pudesse continuar suas pesquisas (modalidade deontica em *ter alguém que me bancasse lá politicamente*). Conforme apontam as modalidades epistêmicas *se tivesse que brigar com todo mundo do departamento, ele iria brigar e já era brigado mesmo*, Lucas entendia que seu orientador lhe defenderia por já possuir posições contrárias à maioria dos professores do departamento. Esse excerto demonstra o processo de identificação de Lucas como uma fonte de conflitos dentro do PPG, buscando uma relação de proteção com seu orientador para poder manter sua identidade de pesquisador.

Os pesquisadores entrevistados apresentam como as diferentes formas de orientações possuem impactos diferentes em seus processos identificacionais, direcionando para diversas agências. No caso de Juliana e Bruno, o encorajamento de suas orientadoras e a identificação com suas posturas questionadoras das estruturas sociais direcionaram para uma agência direcionada a explorar possibilidades, demonstrando a importância do encorajamento de orientadores para que seus orientandos busquem seus interesses próprios (Bartoluzzio et al., 2024). Para Felipe, as divergências epistemológicas e o longo processo de constante convencimento de seu orientador o fizeram se autoidentificar com um desafio a ser superado,

assumindo uma agência conciliadora para balancear a postura conservadora do seu orientador e suas ambições. Esse processo demonstra como funciona o desequilíbrio de poder existente na relação orientador-orientado e como os valores dos docentes orientam o processo de formação de seus orientandos (Bartoluzzio et al., 2024).

Na experiência de Adriana, o isolamento sentido pela falta de possibilidade de debater sua temática de interesse com seu orientador levaram a uma agência proativa, buscando na comunidade acadêmica outras possibilidades de orientações informais que lhe ajudassem no desenvolvimento acadêmico. Conforme argumentado por Magrini (2023), o engajamento coletivo entre os pesquisadores não *mainstream* contribui para o processo de desenvolvimento acadêmico e na formação de suas identidades. E, por fim, Lucas percebia-se como um gerador de conflitos dentro do PPG, buscando uma figura que lhe protegesse para que pudesse manter sua postura não *mainstream* e não sofresse com a vigilância epistêmica de colegas e professores.

4.1.3 Experiências em congressos: “Se você continuar fazendo esse tipo de coisa que você faz a gente vai continuar te agredindo até você obedecer”

Nos congressos brasileiros na área da contabilidade, os pesquisadores não *mainstream* também encontram resistências aos seus posicionamentos epistemológicos, conforme aponta Juliana:

[25] **Juliana:** Se você manda uma pesquisa pra um evento nacional que ele não não... tem que *os eventos são feitos pelas pessoas*, pelas coordenações, enfim, então a gente tem os *gatekeepers*.

Por meio da modalidade epistêmica em *os eventos são feitos pelas pessoas*, Juliana aponta a importância das pessoas envolvidas na organização dos congressos na forma como esses irão ocorrer, tendo entre esses organizadores pessoas contrárias a perspectivas de pesquisas não *mainstream*. A utilização da presunção valorativa *gatekeepers*, que alude a figura de uma pessoa que controla o acesso a algo ou alguém, demonstra como Juliana se percebe como alguém tentando acessar os espaços dos congressos, porém lidando com pessoas que validam quais pesquisas podem ou não serem aceitas. Esse controle de acesso e validação das pesquisas aparece nas avaliações feitas dos artigos submetidos:

[26] **Adriana:** Hã... Qual que é a minha visão, assim? É... começa ali com o avaliador do congresso né, o a pessoa que vai ler o seu trabalho. Geralmente, a pessoa ela... *você percebe que ela não entende bem*, porque ela faz comentários é... [...] questão de é...

validade, da quantidade, assim, uma *linguagem mais positivista* pra avaliar os trabalhos. [...] Mas eu ainda vejo que *as pessoas não têm o conhecimento pra avaliar aquele trabalho*. [...] Então, *não é um comentário que agrega valor*.

[27] **Bruno:** Só que a avaliação do artigo veio *um tanto quanto violenta e um tanto quanto incoerente*. Então [orientadora] e eu sentamos na casa dela, lá na sala, abrimos o computador dela e escrevemos um e-mail para a coordenação de área falando “olha, a gente queria reclamar desse parecer, queria falar sobre essa situação porque é *inaceitável*, não é uma pesquisa mainstream, não é uma pesquisa quantitativa pra ser avaliada como tal”. E a pessoa que estava na coordenação de área só respondeu “período de avaliação encerrado”.

No excerto 26, as modalidades epistêmicas *you perceive that she does not understand well and the people do not have the knowledge to evaluate that work* demonstram como Adriana compreende que avaliadores possuem dificuldades em entender as pesquisas não *mainstream* que são submetidas em congressos devido à falta conhecimentos sobre temáticas, teorias e metodologias. Isso acarreta em avaliações que não colaboram com o desenvolvimento do estudo (presunção valorativa em *it is not a comment that adds value*) e ainda procuram normalizar as pesquisas sob os padrões *mainstream* de produção (afirmação avaliativa em *linguagem mais positivista*). De forma geral, na academia contábil brasileira poucos avaliadores possuem conhecimentos para avaliar artigos não *mainstream* (Bartoluzzio et al., 2024).

Essa mesma postura de avaliadores procurar normalizar as pesquisas não *mainstream* aparece também no excerto 27. Na experiência compartilhada, Bruno indica como a avaliação recebida era inadequada por utilizar parâmetros *mainstream*, além de ser carregada de hostilidade contra o não *mainstream* (afirmações avaliativas em *um tanto quanto violenta e um tanto quanto incoerente e inaceitável*). As avaliações hostis podem ocorrer tanto contra a pesquisa como direcionadas ao pesquisador (Bartoluzzio et al., 2024; Magrini et al., 2024; Nganga, 2019). Essa hostilidade também é sofrida durante as apresentações dos trabalhos:

[28] **Felipe:** A professora [nome] foi lá e *macetou a ideia*, macetou, nossa, acabou com com nossa acabou, acabou no sentido de que... *na época você pensa que é com você, mas é a proposta*, não tem nada a ver comigo, é a minha proposta, né, são coisas diferentes. Mas ela questionou operacionalização, questionou conceito, questionou se era contabilidade, teve *muitos questionamentos*, assim. É... *se implicou* um pouco um pouco com o [tema].

[29] **Bruno:** Apresentei meu projeto, a pessoa debatedora debateu, aí abriu pra audiência... [...] A pessoa que tava na coordenação de área começou a fazer várias várias, várias várias perguntas subindo *um tom muito agressivo*. E terminou com uma conclusão que eu lembro até hoje. Que foi “eu tenho duas hipóteses sobre a sua tese, uma é que a sua tese é tão inovadora, tão genial e tão brilhante que você vai ganhar um prêmio Nobel por ela, que você não quis apresentar ela aqui pra ninguém querer roubar a sua ideia. A segunda é de que o que vo que você tem é o que você apresentou, então você gastou os seus 20 minutos apresentando, gastou os 20 minutos da debatedora que tava tentando salvar isso que você chama de tese, e os 40 minutos da plateia ouvindo um projeto que não vai dar em nada, que não tem futuro”. Nossa, *eu*

engoli seco, agradei. Mas, como Deus é bom o tempo todo, quem que tava na minha sessão se preparando pra debater o projeto seguinte? [nome]. [...] O ser humano acabou, a debatedora passou pra [nome] e a [nome] já começou “discordo plenamente de tudo que você disse”. [...] Aí ela começou “porque ele começou dizendo que tá no primeiro semestre do doutorado, todas essas perguntas que você fez são perguntas pra banca de qualificação, não sei o que”. [...] A hora que ela *acabou com o ser humano*, ela virou pra mim “porque eu vejo a tese dele, contribuindo com isso, isso e isso. Pode ir por esse lado, pode ir por aquele. Tem esse caminho, tem esse caminho, não sei o que”.

No excerto 27, a metáfora conceitual *macetou a ideia* alude ao golpeamento do projeto de pesquisa do Felipe, demonstrando como o entrevistado percebeu hostilidade nas interações com a professora avaliadora durante a apresentação em congresso. Essa hostilidade teria origem no tema da pesquisa que não era aceito pela avaliadora (presunção valorativa em *implicou*). Pela modalidade epistêmica em *na época você pensa que é com você, mas é a proposta*, interpreta-se que Felipe percebeu as críticas como direcionadas diretamente a sua pessoa na época do congresso, apenas posteriormente as percebendo como direcionadas a pesquisa. Essas críticas buscavam questionar seu espaço na área contábil e normalizá-la sob os preceitos do *mainstream* (afirmação avaliativa em *muitos questionamentos*).

No excerto 28, Bruno compartilha uma experiência de violência sofrida durante a apresentação em um congresso, em que determinada pessoa começa a fazer diversos questionamentos com o intuito de hostilizar e invalidar o trabalho (afirmação avaliativa em *um tom muito agressivo*). Por meio da metáfora ontológica *engoli em seco*, Bruno demonstra como se sentiu obrigado a permanecer em silêncio e sem a possibilidade de argumentar os comentários violentos que lhe foram direcionados. No episódio compartilhado, Bruno contou com a defesa de outra pessoa presente na sessão que, ao perceber a importância do projeto e o tom hostil do avaliador, buscou argumentar como a postura do avaliar e seus comentários não se adequavam ao trabalho apresentado e ao ambiente do congresso (metáfora em *acabou com o ser humano*).

Esses episódios em que pesquisadores sofrem com comentários hostis configuram censuras explícitas às abordagens e pesquisas que não sigam as normas hegemônicas (Homero Junior, 2021). Sobre essas experiências de violências em ambientes públicos, Bruno apresenta que elas possuem um caráter disciplinar:

[30] **Bruno:** E eu acho que o que aconteceu comigo nesses espaços *foram exatamente atos comunicativos*, tanto pra mim quanto pra quem estava assistindo. Porque era um ato comunicativo do tipo *se você continuar fazendo esse tipo de coisa que você faz a gente vai continuar te agredindo até você obedecer* e vocês que tão assistindo se quiserem seguir pro lado dele, vai seguir na porrada também. [...] Mas em ambientes

públicos, talvez eu tenha sido pego pra *disciplinar* os outros. Então, oh tá vendo? *Se vocês fizerem isso daí, vocês vão apanhar igual ele tá apanhando*. Então, não sigam.

Com a modalidade epistêmica em *foram exatamente atos comunicativos*, Bruno aponta como percebe as violências sofridas como formas de informar que pesquisadores não *mainstream* não teriam espaço na área contábil. As modalidades deônticas em *se você continuar fazendo esse tipo de coisa que você faz a gente vai continuar te agredindo até você obedecer e se vocês fizerem isso daí, vocês vão apanhar igual ele tá apanhando* demonstram como essa negação a um espaço funciona por meio de agressões constantes até que os acadêmicos aceitam serem normalizados sob os padrões hegemônicos (presunção valorativa em *disciplinar*). Episódios como esses podem levar acadêmicos a se afastarem dos ambientes de congresso, conforme excerto a seguir:

[31] **Lucas:** Mas enfim, eu eu lembro que essa sessão lá no a sessão plenária no [congresso]. Eu fui lá, apresentei, aí tinha uma professora da [país] lá, que que tinha vindo. [...] E aí a gente *meio que tretou* lá na sessão e tal, e eu tava *muito revoltado* assim, que eu cheguei lá, tanto que eu tava aquele ano todo afastado lá de [cidade], aí fui pro [congresso]. Eu cheguei lá, eu cheguei meia hora antes da minha apresentação, terminei a apresentação, fui embora porque *não queria ficar*. E aí depois daquilo eu disse cara, por que eu vim aqui? Gastei dinheiro, passagem, hospedagem pra ficar em [cidade], sendo que *eu não quero*. E depois daquilo eu nunca mais submeti lá, nem aceito, não revisei artigos pra lá, enfim, *eu risquei do meu horizonte né de possibilidade*.

No excerto 31, Lucas compartilha como as interações conflituosas com uma avaliadora durante um congresso o fizeram ficar em estado de extrema irritação (afirmação avaliativa em *meio que tretou*). Ao utilizar a afirmação avaliativa *muito revoltado*, o entrevistado alude tanto à sua irritação como à sua indignação com as avaliações recebidas. As afirmações afetivas em *não queria ficar* e *eu não quero* demonstram o processo reflexivo de Lucas sobre suas experiências que culminaram na decisão de não frequentar mais congressos, com a metáfora conceitual *eu risquei do meu horizonte né de possibilidade* indicando o caráter definitivo dessa sua decisão.

Para continuar frequentando congressos e tendo interações construtivas com pares, os entrevistados apontaram a importância de escolher os espaços em que serão bem recebidos e as boas experiências que congressos direcionados para a comunidade acadêmica não *mainstream* proporcionam:

[32] **Felipe:** Eu vejo que hoje, pra congresso, *a gente tem é... possibilidades maiores de diálogo*, porque nós temos hoje áreas que se dedicam para uma contabilidade não *mainstream*, né? Então, eu tenho área de diversidade, eu tenho área de organizações,

eu vou ter área de empreendedorismo feminino né, pensando no [congresso], área de história da contabilidade. [...] Então, para o congresso, eu vejo que a gente tem uma possibilidade boa de diálogo, porque *nós temos pessoas que entendem a temática* e que vão escolher pessoas boas pra fazer as avaliações.

[33] **Bruno:** Mas assim... Ao mesmo tempo que eu tive experiências extremamente desgastantes, eu tive experiências extremamente gratificantes. Então, é... alguns congressos que eu fui [...] são congressos *mais abertos* pra a comunidade crítica e quase voltados os ex exclusivamente pra a contabilidade crítica, alguns deles. Então são trocas *muito ricas*, são trocas *muito afetuosas*, são trocas que *te ajudam a construir de verdade*, pensar e te mostram que *existe outra possibilidade de academia*, que *existe outra possibilidade de existir no mundo*, que existe outra maneira de fazer academia. Então... essas outras experiências me moldaram muito significativamente de maneira positiva.

Para Felipe, no excerto 32, alguns congressos estão mais receptivos às pesquisas não *mainstream* e oferecem espaços para trocas que sejam construtivas para os trabalhos (modalidade epistêmica em *a gente tem é... possibilidades maiores de diálogo*). Essa receptividade se deve pela abertura de diversas áreas temáticas que não costumam ser estudadas pelas pesquisas *mainstream* e pela presença de pessoas que possuam conhecimento dos assuntos estudados, possibilitando avaliações que contribuam com os trabalhos (modalidade epistêmica em *nós temos pessoas que entendem a temática*).

No excerto 33, Bruno aponta a mesma percepção que Felipe de que há congressos que são mais receptivos aos pesquisadores não *mainstream* (afirmação avaliativa em *mais abertos*), possibilitando interações que trazem contribuições valorosas para os trabalhos e para o desenvolvimento como acadêmico (afirmações avaliativas em *muito ricas* e *muito afetuosas* e presunção valorativa em *te ajudam a construir de verdade*). Para Bruno, frequentar esses congressos possibilita a formação de uma academia mais receptiva a diferentes tipos de pesquisa e com interações construtivas (modalidade epistêmica em *existe outra possibilidade de academia*), além de influenciar na formação de sua identidade social como pesquisador (modalidade epistêmica em *outra possibilidade de existir no mundo*). Conforme apresenta Magrini (2023), esses espaços receptivos aos pesquisadores não *mainstream* proporcionam uma sensação de acolhimento que auxilia na construção de uma noção de pertencimento à comunidade acadêmica.

[34] **Juliana:** Mas aí eu acho que agora, como professora, acho que eu *escolho pra onde vou mandar*. Vou mandar pro congresso tal, tem aquela tem aquela comunidade X. [...] Então, aí eu fico escolhendo, né? Porque eu falo, eu quero ir no evento, quero receber os feedbacks e tal, as coisas pra ajustar, mas de *uma forma respeitosa*, de maneira que o trabalho seja reconhecido. [...] Então, hoje em dia eu me sinto assim, mas é porque *eu sei como onde dialogar*, dialogar com eventos fora do país, né? Então, eu faço esses movimentos e eu *acho que é uma coisa também relacionada à autoestima né, à confiança que eu tenho*. É dificilmente alguém vai vir e falar coisas aleatórias X sobre a pesquisa e obviamente que *eu vou rebater*, entende?

Juliana destaca, no excerto 34, a liberdade que possui ao poder escolher para quais congressos irá submeter seus trabalhos (modalidade epistêmica em *eu escolho pra onde vou mandar*), podendo participar de eventos que proporcionarão avaliações construtivas para suas pesquisas (avaliação afirmativa em *uma forma respeitosa*). A partir das modalidades epistêmicas em *eu sei como onde dialogar* e *acho que é uma coisa também relacionada à autoestima né, à confiança que eu tenho*, interpreta-se que a agência de Juliana em escolher quais congressos participar se baseia na sua percepção de si mesma como uma pesquisadora proeminente e na segurança de seu posicionamento epistemológico. A autoconsciência formada é um importante direcionador no processo reflexivo e na formação da agência (Fairclough, 2033). Essa segurança também aparece na metáfora conceitual *eu vou rebater*, indicando uma convicção de seu posicionamento e a agência de contestar críticas que não sejam construtivas e busquem normalizar suas pesquisas dentro dos padrões hegemônicos.

Nas entrevistas realizadas, os pesquisadores apresentam como percebem existir um controle dos seus acessos nos congressos da área contábil, sofrendo com avaliações que não contribuem para suas pesquisas e os hostilizam. As hostilidades sofridas são percebidas como atos comunicativos, buscando suprimir suas identidades como pesquisadores e, ao mesmo tempo, servir de aviso para a comunidade acadêmica contábil que não existe espaço para pesquisadores não *mainstream* na área. Como forma de lidar com essa dificuldade de acesso, os entrevistados demonstram maior convicção de seus posicionamentos epistemológicos e buscam espaços mais receptivos às suas abordagens que validem suas identidades sociais.

4.1.4 Experiências com periódicos: “O processo de publicação não é objetivo”

Assim como nos congressos, os pesquisadores não *mainstream* também encontram dificuldades com as avaliações dos periódicos da área, conforme excertos a seguir:

[35] **Lucas:** E aí eu escrevi aquele artigo e mandei ele pro... pra [periódico] e ele passou por... Quando passou no desk review e eu recebi um... revisa e resubimenta, eu achei olha *estranho* né os caras vão aceitar, quase aceitaram. Hã... mas aí ele ficou cinco rodadas na revisão e tinha um dos revisores lá *enchendo o saco*, querendo que eu fosse *mais... neutro*, mas né. E eu disse ah, no fim das contas eu disse ah deu, olha não vou ajustar aqui, eu eu não posso, porque *aí perde o sentido*.

[36] **Adriana:** Mandei primeiro para a [periódico], aí passou do desk review, que já o meu orientador [nome] na época ficou já achou que já... na [periódico] né, *você imagina, que é a cara do mainstream no Brasil*. É passou do desk review, aí veio os comentários dos avaliadores, e aí acho que *já aparece né a primeira dificuldade deles entenderem*. [...] Mas a dificuldade de entender, no meu caso, foi principalmente a

contribuição. Tá, legal, mas qual que é a contribuição disso? E aí eu volto de novo na questão de não conhecer a literatura daquela área, porque aí *você não consegue ver a contribuição*. [...] Então, acho que já tem uma cara aí, quer dizer, a gente passou para frente *para dizer que a gente é aberto*, mas na primeira oportunidade a gente já rejeita, né? Não dá nem a chance da pessoa... é trabalhar, porque isso também é um pouco de direcionamento do editor da revista.

No excerto 35, Lucas apresenta a sua surpresa em um artigo não ser reprovado imediatamente e o periódico possibilitar a revisão (presunção valorativa em *estranho*), porém as avaliações buscavam descaracterizar o artigo (afirmação avaliativa em *mais... neutro*). O entrevistado também demonstra o seu incômodo com a insistência do revisor para que o tom do artigo fosse alterado (metáfora epistêmica em *enchendo o saco*), entendendo que essa alteração esvaziaria o propósito da pesquisa realizada (metáfora orientacional em *aí perde o sentido*).

De forma similar, Adriana também apresenta a surpresa de uma pesquisa não *mainstream* não ser reprovada imediatamente em um periódico que privilegia artigos que sigam os padrões hegemônicos (modalidade epistêmica em *você imagina, que é a cara do mainstream no Brasil*). Porém a mesma situação que ocorre com as avaliações em congressos se repete, como a modalidade epistêmica em *já aparece né a primeira dificuldade deles entenderem* demonstra, em que os avaliadores não possuem conhecimento necessário de temáticas, teorias e métodos não hegemônicos para realizar uma avaliação que traga contribuições para o artigo. Essa falta de conhecimento acarreta na dificuldade dos avaliadores entenderem a importância da pesquisa e da sua publicação (modalidade deontica em *você não consegue ver a contribuição*). Adriana aponta que a passagem de artigos não *mainstream* na avaliação preliminar, porém sem avaliadores que possuam conhecimento necessário, representa uma falsa diversidade epistêmica dos periódicos (metáfora epistêmica em *para dizer que a gente é aberto*).

Em alguns casos, as pesquisas não *mainstream* não passam da avaliação preliminar feitas pelos editores dos periódicos, conforme experiência compartilhada por Felipe:

[37] **Felipe:** [Periódico] tem um editor é *extremamente quadrado*, que eu mandei uma pesquisa é crítico-narrativa, que ele reprovou porque ele julgou que aquilo era uma biblio um artigo bibliográfico. Daí eu expliquei com as próprias palavras do texto que não era um artigo bibliométrico né, não era bibliográfico [...] e ele simplesmente ignorou os os apontamentos do texto e *tocou a vida*, sabe? Com uma *falta de respeito muito grande*, porque é você vê o texto é bem recebido nos lugares e daí na revista, porque um cara detém o poder né, isso é importantíssimo, *ele detém esse poder, ele vai legitimar* o que é pra eu ler e o que é pra eu não ler. Então, quando ele escolhe não mandar o meu texto de [tema], quando ele escolhe não mandar a minha narrativa crítica, é porque *ele não quer que a comunidade leia também*, porque pra ele é

confortável perpetuar uma contabilidade econômica, perpetuar o berço da contabilidade, né?

No excerto 37, Felipe compartilha sua experiência ao tentar dialogar com um editor com um posicionamento conservador com relação aos tipos de pesquisas que aceitava para publicação (metáfora epistêmica em *extremamente quadrado*). Ao não abrir a possibilidade de um diálogo e desconsiderar os argumentos feitos por Felipe (metáfora epistêmica em *tocou a vida*), o editor do periódico fez com que o entrevistado sentisse que não estava recebendo a consideração que deveria receber como um pesquisador em processo de submissão para publicação de um artigo (afirmação avaliativa em *falta de respeito muito grande*). Conforme pode-se interpretar a partir das modalidades epistêmicas em *ele detém esse poder, ele vai legitimar e ele não quer que a comunidade leia também*, para Felipe esse episódio se caracteriza como uma invalidação de seu posicionamento como pesquisador não *mainstream*, em que o editor utiliza de sua posição de escolher o que será publicado no periódico para manter a subalternização de pesquisadores que não possuem um posicionamento hegemônico. Ao manter essa subalternização, o editor também mantém o controle do que a comunidade acadêmica contábil terá acesso para leitura, privilegiando pesquisas que atendam os interesses da hegemonia *mainstream* da área (Magrini et al., 2024).

Sobre o processo de publicação privilegiar as pesquisas *mainstream*, Adriana compartilhou o seguinte:

[38] **Adriana:** É... mais recentemente, é acho que a gente também sabe que tem uma questão de *o processo de publicação não é objetivo, né? As pessoas podem querer achar que é ou não é*, é mas mas tem ali um um um *viés*, né? [...] Então, o problema que eu vejo no Brasil é que você ainda tem, além de você ter poucas opções de revista, digamos que a da [Universidade] não entra no qualis, aí muita gente não vai querer mandar porque não está no qualis, e aí só sobra da [Universidade]. E aí fica difícil publicar né toda hora na mesma revista. Você até pode, mas assim toda hora é meio difícil também, né? Então, *you não tem muita opção ali*.

Por meio da modalidade epistêmica em *o processo de publicação não é objetivo*, Adriana demonstra como percebe que existem questões subjetivas que direcionam o processo de publicação dos artigos. Apesar de esse processo ser passado como objetivo e com etapas transparentes de avaliação (modalidade epistêmica em *As pessoas podem querer achar que é ou não é*), a entrevistada observa que existem valores e perspectivas que distinguem os posicionamentos epistemológicos e favorecem os trabalhos alinhados ao *mainstream* (presunção valorativa em *viés*). Esse favorecimento ocorre tanto pela priorização de pesquisas *mainstream* como pela utilização de critérios não adequados para avaliar pesquisas que não

sigam a abordagem dominante (Homero Junior, 2021; Pereira et al., 2019). Essa situação acarreta em barreiras na publicação para pesquisadores não *mainstream*, com poucos periódicos receptivos às suas pesquisas (modalidade epistêmica em *você não tem muita opção ali*).

Como forma de lidar com as barreiras impostas por editores e avaliadores, os pesquisadores entrevistados desenvolveram estratégias para publicar suas pesquisas, conforme compartilham nos excertos a seguir:

[39] **Bruno:** A minha principal estratégia é olhar o corpo editorial. Eu vejo quem que tá na editoria, dou uma olhada nos artigos que têm sido publicados, e falo vale a pena tentar? Hm vale. E aí e aí assim, se eu vejo que o corpo editorial é um corpo editorial *mais aberto, mais diverso, mais... menos normativo*, aí eu *arrisco*.

[40] **Juliana:** Então, eu vejo assim, quando você escolhe bem uma revista, aquele editor ali já *tem uma cabeça*. Há também o movimento de escolher bem os revisores. Mas *isso não é muito da nossa área*, porque um artigo que eu tive um diálogo bom com os revisores está na [periódico], que é de administração. O outro está na [periódico], que é de educação. Então, assim, o menos, o mais, dos três artigos da tese, o mais... assim, *quadrado*, que é uma análise ali da [tema do artigo], tá na [periódico], que é da área.

[41] **Lucas:** Então eu disse, ah, pra que eu vou tar *me estressando* aqui tentando publicar na [periódico] se eu olho pro lado aqui na área de administração tem periódicos que são *bem mais interessantes*. E o processo de revisão também no [periódico da área de administração] daquele artigo foi bacana porque aí tu via que os revisores *eles entendiam daquilo ali* de [tema do artigo] e fizeram apontamentos que *me ajudaram* a melhorar o artigo, enquanto na [periódico] foi só ficar de *picuinha e disputa* assim com o revisor. Então eu disse ah eu não quero mais saber disso. E aí depois eu publiquei um no [periódico] também que é outro periódico da área de administração tem o A2, hã era... Então eu passei, eu decidi ali, a partir daqui agora vou tentar direcionar meus artigos pra esses periódicos da área de ADM.

A estratégia utilizada por Bruno, apresentada no excerto 39, é verificar a composição do corpo editorial do periódico. Pela utilização da presunção valorativa *arrisco*, pode-se interpretar que o entrevistado busca minimizar o risco de sofrer avaliações hostis ao identificar perfis de editores que tenham interesse em diferentes tópicos de investigação e em pesquisas que não sigam os padrões hegemônicos *mainstream* (afirmações avaliativas em *mais aberto, mais diverso e menos normativo*).

De forma similar, Juliana no excerto 40 compartilha que busca por periódicos com editores que possuam um histórico de aceitar para a publicação pesquisas não *mainstream* (metáfora conceitual em *tem uma cabeça*). Porém, conforme a modalidade epistêmica em *isso não é muito da nossa área*, a entrevistada aponta que os avaliadores dos periódicos da área contábil não costumam fornecer oportunidade de diálogo sobre a pesquisa e os apontamentos feitos. Por esse motivo, tem focado suas publicações em periódicos de outras áreas, publicando

na área contábil os artigos que estejam mais próximos dos padrões hegemônicos (metáfora conceitual em *quadrado*).

No excerto 41, Lucas compartilha que também tem focado suas publicações em periódicos de outras áreas, pois estes oferecem um processo de publicação com menos complicações e com avaliações que ajudam no desenvolvimento da pesquisa (presunção valorativa em *me estressando e me ajudaram* e afirmação avaliativa em *bem mais interessante*). Lucas salienta que, diferente da área contábil que existe uma relação conflituosa com os revisores que buscam a normalização das pesquisas (presunção valorativa em *picuinha e disputa*), nos processos de publicação de outras áreas os avaliadores possuem conhecimento das temáticas pesquisadas (modalidade epistêmica em *eles entendiam daquilo ali*).

Os pesquisadores entrevistados apresentam que no processo de publicação de suas pesquisas, os avaliadores buscam descaracterizar seus estudos pedindo alterações que os normalizem dentro dos padrões do *mainstream*. Além disso, editores mais conservadores se negam a publicar pesquisas não *mainstream*, mantendo a manutenção da hegemonia da área. Para evitar essas barreiras, os entrevistados agem na priorização periódicos que possuam um corpo editorial mais diverso e com histórico de publicações não *mainstream*, além de buscar dialogar com revistas de outras áreas.

4.1.5 O entrelaçamento de identidades marginalizadas: “Minhas identidades se somavam para ser exatamente o oposto ao mainstream”

Durante as entrevistas, os pesquisadores entrevistados salientaram como o processo de subalternização epistêmica causado pela hegemonia epistemológica *mainstream* se entrelaça com outros aspectos marginalizados de suas identidades. No excerto a seguir, Juliana compartilha uma experiência com a avaliação de uma pesquisa submetida a um congresso que questionou sua presença como mulher no campo contábil:

[42] **Juliana:** Um exemplo de resistência de congresso que eu coloquei, que eu mandei um trabalho, [...] era sobre mulheres, na contabilidade, comparando ali Brasil, Estados Unidos, alguma coisa assim. [...] Eu lembro de ver um dos avaliadores escreveu assim “não vejo sentido em pesquisar mulheres na contabilidade porque a gente não vê pesquisas, por exemplo, sobre mulheres na urologia”. Ele basicamente quis dizer assim, olha, *contabilidade é coisa de homem, pra que pesquisar sobre mulheres?* Tipo?

A partir da modalidade epistêmica em *contabilidade é coisa de homem*, Juliana demonstra como percebeu que o comentário do avaliador ia além da pesquisa submetida e

questionava a presença de mulheres no campo contábil. Desta forma, se o campo deveria ser formado apenas por homens, não haveria a necessidade de pesquisas sobre a presença feminina (modalidade deôntica em *pra que pesquisas sobre mulheres?*). Construída de forma masculinizada, a academia contábil brasileira possui dinâmicas sexistas enraizadas em seu funcionamento, em que as práticas sociais reforçam o ambiente masculino e o sentimento de deslocamento das mulheres da área (Lima et al., 2024).

Além de construída das dinâmicas sexistas, a academia contábil brasileira também é cisheteronormativa (Haynes, 2013; Lopes & Lima, 2022, Rumens, 2016), ocorrendo processos de marginalização de identidades não heterossexuais, conforme compartilhado no excerto a seguir:

[43] **Bruno:** Então assim, tem esse livro que eu gosto muito, que é o *Community as Rebellion*, que a Lorgia García Peña ela propõe a epistemologia do *The One* que é o que acontece quando você é um corpo subalternizado. *Você é sempre o único* e por ser o único você praga *você paga um preço altíssimo* nesse sentido. Então eu sinto que... em diversos momentos da minha trajetória eu paguei esse preço seja por ser um homem gay, seja por ser um pesquisador qualitativo crítico, *seja pelos dois*, seja por qual lá motivo. E *isso é uma coisa que eu sempre me questionei*, eu nunca sabia porque eu tava apanhando. Eu tava apanhando porque eu era o gay, o mais novo. Porque assim, minha turma de doutorado era 35 pra cima, eu entrei com 26, 27. Pessoal vindo de auditoria, de empresa, não sei o quê. Eu vindo direto do mestrado. Então eu nunca sabia se eu estava apanhando por ser o mais novo, por não ter experiência profissional, por ser gay ou por ser crítico. Então, *minhas identidades se somavam* para ser exatamente o *oposto ao mainstream*.

No excerto 43, Bruno aponta como o processo de marginalização de suas identidades o fazia se sentir isolado e sozinho (modalidade epistêmica em *você é sempre o único*), em que as violências sofridas se entrelaçavam entre ser sobre seu posicionamento epistemológico e sobre sua sexualidade (modalidade epistêmica em *você paga um preço altíssimo e seja pelos dois*). Pela modalidade epistêmica em *isso é uma coisa que eu sempre me questionei*, Bruno demonstra como esse entrelaçamento o colocou em estado de constante inquietação sobre qual a origem das violências sofridas, em um processo em que passou a identificar suas identidades como foco para hostilidades (metáfora ontológica em *minhas identidades se somavam*). Na presunção valorativa em *oposto ao mainstream*, Bruno indica como passou a se identificar como o contrário do que era aceito dentro da acadêmica contábil brasileira. Esse processo de identificação o direcionou para a certeza de seu posicionamento, conforme excerto a seguir:

[44] **Bruno:** Porque me mostrou que... muitas vezes eu tava num lugar que eu não eu não deveria estar, por por *ser um corpo que não pertence ali*, por ser um corpo subalterno, por ser um corpo abjeto. Então, *pra que que eu vou aderir a cumplicidade ao meu opressor?* Então, pra tentar fazer um mundo melhor pra mim e pros próximos

que virão, pra que não tenham que passar pelas violências que eu passei, eu comecei a enveredar pelo lado crítico, *pra tentar fazer alguma mudança*, nem que seja na minha vida, que seja assim, eu gosto de fazer essa pesquisa, então *é isso que eu vou fazer*.

Conforme apresentado por Bruno, a percepção de que suas diversas identidades não eram aceitas pelo *mainstream* o levaram ao processo reflexivo de seus posicionamentos e de suas ações, questionando o seu papel na colaboração para a manutenção ou mudança do padrão hegemônico (modalidades epistêmicas em *ser um corpo que não pertence ali e pra que que eu vou aderir a cumplicidade ao meu opressor?*). Nesse processo reflexivo, Bruno se reconheceu como pesquisador não *mainstream* comprometido com a busca por transformações sociais e o questionamento de hegemonias (modalidades deônticas em *pra tentar fazer alguma mudança e é isso que eu vou fazer*).

A consciência da importância das transformações sociais e como elas possibilitam que diferentes identidades marginalizadas possam obter espaço na academia contábil é salientada por Felipe:

[45] **Felipe:** A gente precisa pensar lá na *semente que foi plantada lá atrás*, que eu... Um dos fatores que eu colocaria é a o ingresso na universidade pública por meio das cotas. [...] Hoje a gente tem essa *revolução* de sala de aula, de pós-graduação, porque grupos não hegemônicos foram *colocados dentro da sala de aula*, como um processo de reparação histórica. Então, hoje, a gente já começa a *colher esses frutos*, né? E é um fruto que demora quanto tempo pra colher? Dez anos, no mínimo dez anos, né? Pra a gente poder viver uma transformação de sala de aula, de pesquisa, de entender a contabilidade. Porque pensou se não tivesse existido meios, cotas, é políticas de ingresso na universidade? Os grupos ainda iam ser os mesmos, a pós-graduação ainda seria a mesma e a gente não teria essa *evolução*, né? [...] Então, hoje, é esse corpo preto, gay, dentro de uma universidade pública que, né? Olha a *mudança de chave*, que eu tenho uma aluna de pós-graduação que é preta, que é periférica, que tá fazendo mestrado, que tá junto comigo, orientando uma aluna que é de periferia, que tá estudando cota. Então, a gente tem três gerações extremamente revolucionárias. Tipo, eu só sou parte de tudo isso, mas assim poderia ser outra pessoa que... Eu tava dando orientação com elas, eu falei “gente, vocês tão vendo como isso é revolucionário? Tipo, não é porque é nós, é porque é o que nós representamos pruma sociedade, né?” É você *quebrar o mainstream* de uma forma assim muito pesada. [...] Então, é a semente que foi plan que foi plantada lá atrás, *que faz com que essas pessoas vejam contabilidade*, e a gente vai mudando isso, sabe?

No excerto 45, Felipe demonstra como percebe o processo das políticas afirmativas, em que estas precisam de tempo depois de aplicadas para que seus resultados sejam vistos na sociedade (metáforas conceituais em *semente que foi plantada lá atrás e colher esses frutos*). Neste contexto, o entrevistado salienta a importância das políticas de cotas para que grupos não hegemônicos, como pessoas negras, pudessem acessar a educação superior (metáfora orientacional em *colocados dentro da sala de aula*). Ao utilizar as presunções valorativas

revolução e *evolução* para se referir a possibilidade de acesso aos ambientes acadêmicos, Felipe alude tanto à mudança radical como ao caráter político e social dessa conquista dos grupos não hegemônicos. Dessa forma, Felipe reconhece a importância da sua presença como homem negro e homossexual em uma universidade pública e na transformação e desenvolvimento da sociedade. Essas transformações trazidas com a presença de grupos não hegemônicos no ambiente acadêmico possibilitam que diferentes perspectivas de pesquisa e ensino surjam (metáfora conceitual em *mudança de chave*) e que a hegemonia epistemológica *mainstream* seja questionada e desafiada (metáfora ontológica em *quebrar o mainstream*), viabilizando novas formas de se entender a contabilidade e que essa atenda também aos interesses de grupos não hegemônicos (modalidade deôntica em *que faz com que essas pessoas vejam contabilidade*).

Nas experiências compartilhadas por Juliana, Bruno e Felipe, percebe-se como as resistências às suas identidades como pesquisadores não *mainstream* está ligada aos seus posicionamentos como pessoas pertencentes a grupos marginalizados socialmente. Dessa forma, busca-se desassociar as questões político-corporais dos pesquisadores da área, subalternizando aqueles que mantêm questionamentos sobre as dinâmicas hegemônicas (Grosfoguel, 2007). Entre os entrevistados, o processo reflexivo sobre essa tentativa de desassociação e a importância de ver semelhantes tendo acesso à academia os direcionou para uma agência transformadora na contabilidade, buscando englobar os interesses de grupos não hegemônicos na área.

4.2 AS IDENTIDADES SUBALTERNIZADAS DE PESQUISADORES NÃO *MAINSTREAM* E A MANUTENÇÃO DA COLONIALIDADE

As práticas sociais de subalternização epistêmica da academia contábil brasileira epistêmica visam normalizar os pesquisadores dentro dos padrões hegemônicos (Bartoluzzio et al., 2024; Homero Junior, 2021; Magrini et al., 2024). Por meio da vigilância epistêmica intensa durante o processo de formação, tanto por parte de colegas como de professores, essas práticas geram questionamentos sobre a competência e a presença de pesquisadores não *mainstream* na área contábil (Bartoluzzio et al., 2024; Homero Junior, 2021). Esses questionamentos são reforçados pelo privilegiamento da perspectiva *mainstream* pelos currículos dos PPGs da área que não promovem debates epistemológicos (Bartoluzzio et al., 2024; Nganga et al., 2022) e pela falta de conhecimento de professores e orientadores, conforme aponta Adriana:

[46] **Adriana:** Então, tem também uma forma de uma ausência de suporte organizacional no sentido de que a gente é uma escola *mainstream* e a gente pode fazer isso. E eu hoje entendo que... é eu entendo o motivo, né? Na minha opinião é: os professores de lá, eles têm essa formação, eles fazem essa pesquisa. Então, não tem como eles orientarem uma pessoa crítica, eles podem até abrirem ali uma exceção, como o meu orientador fez, mas eles não vão conseguir... [...] Então é uma limitação que a gente tem é como indivíduo, e aí eu acho que um um único caminho é você abrir espaço pra pessoas que sabem fazer isso tarem ali dentro.

Ao promover uma estrutura curricular que prioriza a assimilação acrítica da hegemonia dominante da área e não abrir espaço para acadêmicos com conhecimento sobre outras perspectivas, a academia contábil brasileira dificulta o desenvolvimento de pesquisadores não *mainstream* (Homero Junior, 2021; Magrini et al., 2024). Na inculcação do discurso presente nessas práticas em seu processo identificacional, os pesquisadores que não seguem a abordagem hegemônica percebem uma divisão entre eles e os acadêmicos *mainstream*, se identificando em uma posição subalterna pela dificuldade em obter reconhecimento e conhecimentos de seus interesses.

Os atos de exclusão e violências que ocorrem nos diferentes ambientes acadêmicos reforçam essa divisão e promovem o isolamento dos pesquisadores não *mainstream*. As avaliações das pesquisas e os comentários hostis durante as apresentações em congressos buscam forçar a normalização dos pesquisadores, reforçando o discurso que perspectivas diferentes da hegemônica não possuem espaço na academia contábil (Bartoluzzio et al., 2024; Magrini et al., 2024; Nganga, 2019). Essas experiências fortalecem a identificação de pesquisadores não *mainstream* como excluídos da academia, direcionando para a participação de congressos que são mais receptivos e reforçam suas identidades como pesquisadores não *mainstream*.

O processo de exclusão e isolamento causado pela falta de espaços e oportunidades para debate afeta a qualidade das pesquisas desenvolvidas, conforme aponta Adriana:

[47] **Adriana:** Então, acho que tem gente fazendo coisas legais e tal, mas eu acho que também eu tenho, enfim, visto algumas bancas de defesa e qualificação de doutorado e que você vê que ainda é muito fraco. E eu acho que um dos... dos motivos é justamente esse, a pessoa tem que ir sozinha. E aí algumas pessoas conseguem se desenvolver sozinha melhor, mas outras não conseguem tanto. Às vezes elas têm uma limitação do da profundidade que elas vão, do tempo que elas dedicam pra aquilo. Então, eu acho que pensando em comunidade, é... isso é um problema, né, no Brasil em termos de como é que tá sendo a qualidade e depois a legitimação, porque aí você escuta muita gente *mainstream* falando é, mas a pesquisa é crítica não tem rigor, pesquisa, né, esse tipo de comentário e algumas eu concordo, algumas não tem mesmo.

Com poucas oportunidades para debate e aprendizado dentro dos PPGs e com dificuldades em obter comentários construtivos em congressos, os pesquisadores não *mainstream* tem que se desenvolver sozinhos, buscando o entendimento de teorias e tópicos de pesquisas de forma solitária. Essa situação cria dificuldades no desenvolvimento acadêmico e na produção de suas pesquisas, podendo gerar trabalhos que não possuam tanta qualidade e profundidade. Essa falta de qualidade pode ser usada pela hegemonia *mainstream* como um motivo para deslegitimar as pesquisas que não seguem seus preceitos. Além disso, as barreiras sofridas durante o processo de publicação reiteram esse processo de normalização ou isolamento. Conforme compartilhado por Felipe, essas barreiras de publicação se concentram nos editores dos periódicos:

[48] **Felipe:** Os nossos editores de revistas científicas, de periódicos científicos no Brasil são professores doutores, professoras doutoras inscritas em uma é epistemologia empírica positivista e de base de dados e de regressão e de hipóteses. Então, esse é o perfil dos editores das nossas revistas. Então, pra que a gente possa começar a dialogar com o periódico nacional, nós vamos precisar de uma mudança de editorias ou numa humildade dos editores pra tentar se esforçar e entender que a contabilidade não é mais uma ciência, uma área do conhecimento, econômica, simplesmente. Existem outras lentes que eu consigo enxergar a contabilidade, sabe?

A visão da contabilidade como uma ciência que atende às necessidades do sistema neoliberal de medidas econômicas objetivas e orientada às questões práticas da profissão é compartilhada pelos editores dos periódicos contábeis brasileiros, criando resistências às pesquisas que possuem outra forma de conceituar a contabilidade e buscando normalizá-las (Homero Junior, 2021; Magrini et al., 2024; Pereira et al., 2019). Ao não acatarem as alterações solicitadas nas avaliações de periódicos da área que buscam descaracterizar suas pesquisas, os pesquisadores não *mainstream* recorrem as poucas revistas brasileiras da área contábil receptivas a pesquisas com abordagens diferentes da hegemônica, além de buscar dialogar com publicações de outras áreas.

Essas práticas sociais de subalternização buscam promover um apagamento de perspectivas diferentes ao forçar a normalização para que esses pesquisadores se sintam aceitos na academia e, conseqüentemente, manter a reprodução de conhecimentos e temáticas que atendam aos interesses do Neocolonialismo (Grosfoguel, 2007; Sauerbronn et al., 2023b). Essa normalização tange até a colonização das identidades dos pesquisadores, conforme compartilhado por Bruno:

[49] **Bruno:** O mainstream é super ok, é um jeito válido de fazer pesquisa e enxergar o mundo e tudo mais. O problema é a galera que adota, que acha que são os donos da

verdade. Então esse é o meu problema com o mainstream. Não é ele existir, é ele querer que eu não exista. É ele querer me doutrinar, me colonizar, falar esse é o jeito que você vai fazer, que você vai existir, que você vai se comportar.

Ao forçar a inculcação do discurso hegemônico nas identidades dos pesquisadores, o *mainstream* visa desassociar as reflexões dos pesquisadores de sua localização social e manter dinâmicas de colonização (Grosfoguel, 2007). Os que resistem à normalização, sofrem com exclusões e dificuldades para acessar espaços acadêmicos. Dessa forma, as práticas sociais promovidas pela hegemonia epistemológica subalternizam e isolam os pesquisadores que mantêm a sua localização social em suas reflexões. Esse isolamento direciona os pesquisadores a criarem e frequentarem espaços alternativos em que suas perspectivas epistemológicas são bem recebidas, porém que ainda são periféricos dentro da área (Homero Junior, 2021; Magrini, 2023). Nesse contexto, pesquisadores não *mainstream* permanecem sendo marginalizados ao possuírem acesso limitado dentro da academia contábil (Homero Junior, 2021). Essa situação reforça a dinâmica de separação entre o *mainstream* e outras perspectivas epistemológicas, restringindo o diálogo entre pesquisadores com abordagens e temáticas diferentes. Nessa dinâmica, os pesquisadores não *mainstream* que teriam potencial para desafiar a colonização das reflexões na área possuem dificuldades em acessar os principais meios de divulgação e questionar de forma ampla as estruturas hegemônicas. Sem a possibilidade desses questionamentos, a Colonialidade na área contábil permanece sendo reproduzida pelas relações de poder que regulam o acesso aos espaços e pela propagação dos discursos hegemônicos.

4.3 A AGÊNCIA TRANSFORMADORA DOS PESQUISADORES NÃO *MAINSTREAM*

As práticas sociais de subalternização epistêmica, que forçam a normalização ou isolamento de pesquisadores não *mainstream*, atuam na manutenção da Colonialidade da área contábil, mantendo a assimilação acrítica da perspectiva hegemônica dominante e a produção de conhecimentos que atendam as demandas neoliberais (Grosfoguel, 2007; Pardo, 2019; Resende & Ramalho, 2006; Sauerbronn et al., 2023b). Os pesquisadores entrevistados percebem o direcionamento temático e epistemológico que existe na academia contábil e as tentativas de colonizar suas identidades e apagar as reflexões que questionem a hegemonia *mainstream* da área.

Frente às tentativas de colonização, os pesquisadores entrevistados demonstraram um processo reflexivo que não permitiu a inculcação dos discursos hegemônicos e desenvolveram agências transformadoras (Fairclough, 2003; Ramalho & Resende, 2011). As agências

transformadoras buscam promover mudanças na academia contábil brasileira e o engajamento com os conhecimentos subalternizados por meio de ações coletivas e individuais (Fairclough, 2003; Ramalho & Resende, 2011). Nessa busca, os entrevistados demonstram a importância de promover as perspectivas não *mainstream* por meio da ocupação e participação de diferentes espaços na academia:

[50] **Juliana:** Eu acho que um locus importante pra pensar essa questão de construir conhecimento cien científico da área, hã desenvolver pesquisas, etc, são os ambientes da pós-graduação. Eu acho que eles são, assim, de onde sai ali, né? As pesquisas, enfim, é onde está correndo o movimento aí né de desenvolver a área enquanto ciência. Eu acho que é um um espaço importante. Aí depois de muitos anos e muitas resistências e muita reflexão, eu entrei no programa de pós. Eu acho que isso é uma forma de contribuir pra que se minimamente mude um pouco a área.

[51] **Adriana:** Então acho que tem toda essa questão de é como é que eu posso influenciar, então acho que uma das minhas estratégias é participar dos espaços, participar dos congressos, ir nos programas de pós-graduação, fazer uma apresentação né, tentar inspirar nesse sentido.

No excerto 50, Juliana comenta sobre a importância de estar inserida nos ambientes da pós-graduação da área contábil. Considerando a atuação dos PPGs na produção de conhecimento, na formação de acadêmicos e no desenvolvimento científico da contabilidade, a inserção de pesquisadores não *mainstream* nesses ambientes pode fomentar mudanças na academia contábil. Ao trazer diferentes perspectivas para dentro dos PPGs, os pesquisadores não *mainstream* contestam a formação voltada para as normas hegemônicas e a produção de conhecimento direcionada a atender as demandas capitalistas (Homero Junior, 2021; Nganga et al., 2022). De forma correlata, Adriana comenta no excerto 51 sobre a importância de estar presente nos ambientes da pós-graduação para ter possibilidade de inspirar outros acadêmicos a seguir com posicionamentos não hegemônicos. A apresentação de abordagens de pesquisa diversas incentiva acadêmicos a buscar seus interesses de estudo, mesmo que não estejam alinhados com a pesquisa *mainstream* (Bartoluzzio et al., 2024).

Porém, para que mudanças sejam possíveis, Felipe aponta a importância de se manter consciente da colonização presente na academia para que seja viável a construção de outras formas de entender a contabilidade:

[52] **Felipe:** Então são sementinhas que a gente vai plantando e sinalizando que a gente tem consciência, né? Porque não adianta nada, eu cheguei aqui como professor e eu vou reproduzir tudo que eu aprendi, acabou, vou fazer minhas pesquisas e vou morrer e tá tudo certo. Não, se a gente tem uma história, uma trajetória que foi questionada, a gente precisa melhorar isso também, né? A gente precisa transformar essa sociedade por meio desse nosso posicionamento, né? Nem a informação contábil é neutra, muito menos nós, a gente precisa se posicionar. Não, eu defendo isso. Não,

eu acredito naquilo. Porque senão a gente não vai evoluir tanto enquanto pessoa como ciência, né? A gente precisa dessa junção, desse fortalecimento.

No Excerto 52, Felipe argumenta sobre a importância de evitar a reprodução das práticas de subalternização epistêmica e manter um posicionamento de transgressão para promover o desprendimento dos padrões coloniais na área contábil. O reconhecimento do contexto cultural, político e econômico da contabilidade, e de seu poder em afetar a sociedade, questiona a neutralidade imposta pelo *mainstream* e as estratégias de sua manutenção (Nascimento et al., 2022; Resende & Ramalho, 2006; Soares et al., 2024).

O posicionamento de transgressão direciona ações dentro da sala de aula e para a permanência de grupos socialmente marginalizados na academia contábil, conforme apontam os excertos 53 e 54:

[53] **Juliana:** Eu acho que muito do meu posicionamento enquanto pesquisadora vai pra a sala de aula também [...]. Então, eu percebo assim que eu deixo uma contribuição pros alunos. [...] Então, eu tenho boas devolutivas no sentido de seu jeito de dar aula é diferente, professora, eu gosto da sua aula. E deixo uma contribuição até para a formação cidadã do estudante, pra além do conteúdo x ou y.

[54] **Felipe:** E como hoje a gente tá construindo um outro lado da moeda né, porque eu tava numa perspectiva de estudante e hoje eu to em uma perspectiva de professor, você vai tentando buscar meios pra tornar a vida das pessoas ao seu redor um pouco melhor, né? Que, por exemplo, ah eu tenho grupos de vulneráveis [...], tem vários alunos do mestrado e doutorado que vivem vulne vivem em vulnerabilidade econômica. O que nós, enquanto professores, podemos fazer? Ah nós podemos fazer uma vaquinha? Nós podemos correr atrás de patrocínio? Nós vamos viabilizar a ida desse aluno como? Pra que a gente não repita a história. [...] A gente vai ficar reproduzindo isso a vida toda, vida toda, vida toda, e e achar que isso é normal, sabe? Então, são algumas né formas que a gente vai trabalhando pra melhorar e mudar essa estrutura, sabe? Porque se a gente tem essa tomada de consciência, a gente precisa trabalhar pra essa mudança.

Em seu comentário, Juliana aponta como aplica o seu posicionamento epistemológico na sua forma de ensinar, por meio de uma formação que não tange apenas o conteúdo programático, mas também proporciona reflexões sobre o papel que seus alunos possuem na sociedade. Essa reflexão contribui para a percepção da possibilidade de outras formas de pensar e existir (Walsh, 2018). Essas outras possibilidades também são fomentadas por ações que viabilizem a permanência de grupos socialmente marginalizados dentro da academia contábil, como a apresentada por Felipe. Com as estratégias para auxiliar no desenvolvimento acadêmico de grupos vulneráveis, Felipe promove a inclusão perspectivas epistêmicas que reconheçam a localização social dos indivíduos e sua influência nas possibilidades de conhecimentos (Grosfoguel, 2007; Resende, 2019).

Nas ações desenvolvidas para promover mudanças nas práticas sociais, os pesquisadores entrevistados também apontaram a importância de um processo de re-humanização da academia contábil, promovendo a formação de uma comunidade ao invés da individualização:

[55] **Bruno:** É... além disso, eu tenho adotado práticas que não sejam violentas. Então, uma das coisas que mais me marcou durante o doutorado, que lá em [cidade] a gente faz disciplinas pessoal do mestrado e do doutorado juntas, as obrigatórias. E uma orientada do [professor], que era co-orientada pela [orientadora], nós éramos muito amigos. Ela tava no mestrado e no doutorado. Então eu ajudava muito ela, discutia muito ela, trabalhava muito próximo com ela. E nos agradecimentos da dissertação dela, ela coloca lá, que agradece a mim pro pra por mostrar a ela que a academia não precisa ser tão violenta, que a academia pode ser leve. Então eu acho que a maior contribuição que eu tento trazer é re-humanizar a academia. Tentar lembrar que nós não somos máquinas. [...] Porque você é um ser humano, você tem sentimentos, você tem problemas, e você não vive só em função da academia, você não vive só em função de publicar artigo. [...] Então acho que esse movimento de construir comunidades ao invés de construir competição tem sido também uma das minhas práticas mais fortes.

No excerto 55, Bruno comenta sobre a importância de reconhecer os acadêmicos como seres humanos que possuem vivências, abandonando a falsa noção de uma produção de conhecimento neutra e desvinculada da experiência pessoal. As pressões acadêmicas de produtividade, o incentivo para a competitividade acadêmica e a falta de estímulos para pesquisas que tanjam vivências pessoais impõem a noção de que acadêmicos devem manter suas questões pessoais externas à academia (Nganga et al., 2023). No processo de re-humanização, a colaboração entre acadêmicos surge como uma estratégia para formação de um ambiente acadêmico receptivo, mitigando as violências que surgem do processo de individualização e competição. Por meio dessa colaboração, é fomentada a troca de experiências e promovida a pluralidade de pensamentos:

[56] **Adriana:** Então eu acho que a questão do espaço é importante. E depois criar essa comunidade com pessoas que possam trabalhar né e desenvolver pesquisas de de alto nível também. Então, muitas vezes eu tenho trabalhado com pessoas que não faziam pesquisa crítica, mas que têm um interesse em fazer [...] Então, acho que também é uma forma de você... é ter um impacto positivo não só de falar, mas também de trabalhar com essas pessoas e daí na interação né eu poder dividir um pouco da minha experiência e ver e e... essas pessoas também vão evoluindo né do lado de outra forma assim.

Ao colaborar com acadêmicos que possuem interesse em conhecer outras abordagens de pesquisa além da *mainstream*, Adriana proporciona a oportunidade de um diálogo entre os diferentes lados da divisão epistemológica que a hegemonia dominante ocasiona. Esse diálogo

viabiliza diferentes reflexões para os acadêmicos envolvidos e a possibilidade de uma revisitação dos conhecimentos considerados superiores assimilados de forma acrítica por meio da colonização das reflexões da área (Nganga, 2019; Sauerbronn et al., 2023b).

Os pesquisadores também apontaram a importância de ações que promovam a diversidade de metodologias, temáticas e teorias na academia contábil, conforme compartilhado por Bruno:

[57] **Bruno:** E eu também acho que uma coisa que eu tenho tentado fazer, principalmente a partir da minha própria prática, da minha própria linha de pesquisa, é incentivar que as pessoas pesquisem o que elas gostam. Parar com essa ideia de que aí contabilidade é só isso. Aí não, tem que pesquisar o que está em alta. Não, se a pesquisa não brilha meu olho, não anda, não vai, não rola. [...] Então se afastar daquele monte de equação que ninguém nem entende, pra pensar poxa, eu consigo fazer uma pesquisa mais reflexiva, consigo fazer uma pesquisa com entrevistas, consigo fazer uma pesquisa com documentos, com imagens, com outros materiais, outras metodologias. E muitas vezes a gente não faz porque a gente tem medo. Porque a gente tem medo de que não vai ser aceito pelo orientador, que não vai ser aceito pelo professor, que não vai ser aceito no congresso, que não vai ser aceito na revista. Até a gente ver alguém fazendo a primeira vez.

O incentivo para realização de pesquisas que estejam em concordância com os interesses dos acadêmicos auxilia na diminuição das inseguranças relacionadas com a produção de estudos que não estejam em conformidade com a hegemonia dominante. A cultura produtivista e o direcionamento *mainstream* dos congressos e periódicos da área desencorajam abordagens não hegemônicas, sinalizando que existe o custo de não publicação para os pesquisadores não *mainstream* (Bartoluzzio et al., 2024; Nganga et al., 2023). Dessa forma, o incentivo de Bruno visa tanto diminuir o medo com as rejeições de periódicos e congressos, quanto incentivar a maior variedade de pesquisas.

O fomento da diversidade nas fontes e formas de investigação científica promove o afastamento da lógica matemática e de comprovação de hipóteses da hegemonia *mainstream*, proporcionando mais oportunidades para a construção de conhecimentos contábeis desvinculados da lógica colonial e dos interesses neoliberais (Bartoluzzio et al., 2024; Denzin, 2018; Magrini et al., 2024). Essa desvinculação também permite estreitar o diálogo da área com a sociedade:

[58] **Juliana:** Óbvio, porque eu acho que é é uma coisa que eu também gosto da pesquisa crítica, que é esse compromisso assim. Tem um compromisso forte em desenvolver uma pesquisa e deixar uma contribuição prática. Tipo assim, não fazer a pesquisa pra guardar ela ali, tipo, num numa pastinha do computador, publicou e a vida segue. Não, tá, qual é a contribuição prática dessa pesquisa, sabe? Eu gosto desse lado da pesquisa crítica. Eu acho que toda pesquisa, na verdade, deveria fazer um esforço.

Ao fugir da reprodução de temáticas para atender aos interesses do Neocolonialismo, as pesquisas não *mainstream* produzem conhecimentos que consideram a contextualização histórica, cultural, política e econômica local, estreitando o relacionamento da área com as diferentes esferas da sociedade (Alvesson & Deetz, 2000; Ryan et al., 2002). Essa aproximação da academia contábil com a sociedade ocorre tanto pelas contribuições práticas das pesquisas quanto para a transformação e emancipação social. A produção de conhecimentos baseados nas experiências sociais locais auxilia no processo de contestar ordens sociais estabelecidas, desafiar injustiças sociais e suscitar resistências às práticas de opressão (Denzin, 2018).

As diferentes ações dos pesquisadores não *mainstream*, possibilitadas por suas agências transformadoras, promovem o engajamento com conhecimentos e vivências subalternizadas (Mignolo, 2007b; Pardo, 2019), possibilitando a construção de formas alternativas de se ver a ciência contábil além da propagada pela hegemonia da área. Por meio da ocupação e participação em diferentes espaços acadêmicos, os pesquisadores entrevistados buscam fomentar mudanças e incentivar outros acadêmicos a seguirem posicionamentos não *mainstream*. Os pesquisadores também buscam transformações por meio de formas de ensinar que proporcionem reflexões aos alunos e de estratégias para o desenvolvimento e permanência de grupos vulneráveis na academia. Os pesquisadores entrevistados apontaram também a importância de re-humanizar o ambiente acadêmico, salientando que a produção de conhecimento não é neutra e desvinculada das experiências pessoais e promovendo uma cultura colaborativa entre acadêmicos. Além disso, foi salientado a importância de promover a diversidade de metodologias, temáticas e teorias nos estudos da área contábil, encorajando pesquisas não *mainstream* e promovendo oportunidades para a criação de conhecimento desvinculado da lógica colonial.

As diferentes ações dos pesquisadores não *mainstream* tem seu foco em promover uma acadêmica mais inclusiva para diferentes perspectivas epistemológicas, considerando a importância da localização social dos acadêmicos para a produção de conhecimento que compreenda a contextualização histórica, cultural, política e econômica da contabilidade. Ao se posicionarem e agirem no desfazimento das estruturas e práticas sociais que colonizam as reflexões da área, os pesquisadores entrevistados assumem uma postura decolonial que atua na insurgência contra a regulação das formas de identificação promovida pela Colonialidade que constrange os acadêmicos dentro das normas hegemônicas (Mignolo, 2007b; Pardo, 2019). Conforme perspectiva do enquadre teórico da Análise de Discurso Crítica Relacional-Dialética, a alteração de um elemento que compõem as práticas sociais ocasiona a alteração dos outros e

com as estruturas e eventos (Fairclough, 2003). Pela relação dialética, a mudança nos discursos e nas relações sociais desenvolvidas nos ambientes acadêmicos contábeis afeta os fenômenos mentais e as atividades materiais, reformulando as práticas sociais e permitindo outras possibilidades estruturais (Fairclough, 2003).

5 REFLEXÕES FINAIS

Nesta pesquisa, tive como objetivo compreender o processo identificacional de pesquisadores não *mainstream* frente às práticas sociais de subalternização epistêmica na academia contábil brasileira. Como acadêmico com posicionamento epistemológico crítico na academia contábil brasileira, vivencio as práticas sociais de subalternização epistêmica que tentam colonizar minhas reflexões e minha identidade. Assim como os relatos compartilhados pelos participantes das entrevistas, também sou afetado com tentativas de desassociar minha localização social, e as questões geopolíticas e político-corporais que tangem minha existência, das minhas reflexões como pesquisador, em prol de uma produção de conhecimento dita neutra. Dessa forma, a construção da pesquisa e as interpretações realizadas são influenciadas pelas minhas vivências, assim como meu posicionamento crítico pela emancipação social e a noção das tentativas de normalização de acadêmicos não *mainstream* nos padrões hegemônicos.

Os relatos dos pesquisadores não *mainstream* foram acessados por meio da realização de entrevistas, que conduzi priorizando a troca de experiências e buscando possibilitar oportunidades de reflexão. Os pesquisadores entrevistados demonstraram ter consciência do funcionamento da hegemonia epistemológica dominante da área ao revisitar suas experiências, porém apresentaram pausas para refletir sobre suas ações transformadoras e como elas colaboram com mudanças na academia contábil brasileira. Dessa forma, entendo que as entrevistas contribuíram com o processo reflexivo e para a reafirmação da postura decolonial dos pesquisadores entrevistados, reforçando os seus comprometicimentos em promover transgressões e agir para o desprendimento das dinâmicas coloniais.

As entrevistas foram realizadas de forma semiestruturadas, com roteiro baseado nas práticas de subalternização epistêmica já identificadas em estudos anteriores (Bartoluzzio et al., 2024; Homero Junior, 2021; Magrini et al., 2024; Nganga, 2019; Nganga et al., 2022; Pereira et al., 2019). Ao priorizar experiências envolvendo as práticas já identificadas, outras tentativas de subalternização não foram exploradas. Considerando a dinâmica complexa da Colonialidade e sua reprodução por meio de diferentes relações e práticas, nesse trabalho apresento uma visão parcial de como acontece a subalternização epistêmica e o processo identificacional de

pesquisadores não *mainstream* da área contábil. A seleção dos participantes da pesquisa também corrobora com essa visão parcial do funcionamento das práticas sociais de subalternização epistêmica. Ao focar a investigação no processo identificacional dos pesquisadores não *mainstream* da academia contábil brasileira, entrevistei pessoas que não cederam ao processo de normalização que ocorre na academia, se identificando socialmente como não *mainstream* e atuando em investigações com perspectivas epistemológicas diferentes da hegemônica.

Para a análise e interpretação das experiências compartilhadas, baseado no enquadre teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica Relacional-Dialética, priorizei os relatos dos pesquisadores entrevistados, centralizando o trabalho em torno de suas vivências. Dessa forma, atuo em conformidade com a perspectiva crítica e sua busca por dar voz a grupos marginalizados (Denzin, 2018). A promoção de espaços para que esses grupos possam desafiar as dinâmicas de poder é importante para a inspiração de resistências e para a emancipação social (Alvesson & Deetz, 2000; Denzin, 2018; Ryan et al., 2002). Para realizar as interpretações, busquei me basear no diálogo promovido durante as entrevistas e nas minhas próprias vivências como pesquisador não *mainstream*. Ao possuir um posicionamento subalternizado pela hegemonia dominante da área semelhante ao dos entrevistados, entendo que a reflexão sobre minhas próprias experiências ajudou a compreender nuances apresentadas nos relatos compartilhados. Conforme apontado por Chouliaraki e Fairclough (1999), a interpretação discursiva é feita de uma perspectiva particular, em que outras interpretações podem surgir de perspectivas e posicionamentos diferentes.

Na interpretação das experiências compartilhadas, constatei que os pesquisadores não *mainstream* percebem uma divisão entre eles e os acadêmicos que seguem a abordagem hegemônica. Na inculcação dos discursos presentes nas práticas sociais de subalternização epistêmica, os entrevistados se identificam em uma posição subalterna pelas dificuldades de obter reconhecimento e de debater suas temáticas de interesse. Frente a esse processo de subalternização, os pesquisadores reforçaram suas identidades sociais como não *mainstream*, desenvolvendo agências questionadoras e buscando o reconhecimento por meio de conquistas acadêmicas. Para lidar com o isolamento sentido pela divisão causada pela subalternização, os pesquisadores buscam apoio na própria comunidade não *mainstream*, focando seus esforços na participação de congressos e na publicação em periódicos receptivos a abordagens diversas.

Ao forçar a normalização ou isolamento, as práticas sociais de subalternização epistêmica dificultam o acesso dos pesquisadores não *mainstream* aos principais meios de divulgação científica da área contábil e evitam que a hegemonia seja questionada de forma

ampla na academia. Dessa forma, as dinâmicas coloniais permanecem e a Colonialidade na área contábil é mantida, orientando a produção de conhecimento para atender aos interesses neocoloniais. Como forma de insurgência contra as relações de poder que regulam os acessos aos espaços acadêmicos e aos discursos colonizadores, os pesquisadores não *mainstream* desenvolveram agências transformadoras decoloniais. Por meio da ocupação e participação em diferentes espaços acadêmicos, de ações para permanência de grupos marginalizados na academia, da promoção da colaboração entre acadêmicos e do estreitamento do diálogo com a sociedade, os pesquisadores agem para o desfazimento das estruturas e práticas sociais que colonizam as reflexões da área contábil.

A compreensão do processo identificacional dos pesquisadores não *mainstream* frente às práticas sociais de subalternização epistêmica me permitiu reflexões sobre a Colonialidade na academia contábil. Essa Colonialidade age nos processos identificacionais dos pesquisadores não *mainstream*, afetando a constituição de suas identidades de diferentes formas por meio da vigilância epistêmica. Durante suas trajetórias acadêmicas nos PPGs da área, os pesquisadores sofrem com a invalidação de suas identidades e de seus lugares na área contábil. Esses atos os isolam, fazendo com que se sintam à margem da academia contábil. Ainda nos PPGs, as diferentes formas de orientações recebidas impactam de diferentes maneiras na formação das identidades dos pesquisadores não *mainstream*, sendo marcadas pela percepção mútua entre orientador e orientado de suas identidades como pesquisadores.

A vigilância epistêmica se torna mais flagrante nos espaços dedicados a interação da comunidade acadêmica da área contábil. Nos congressos, os episódios de vigilância epistêmica salientam a inconformidade dos acadêmicos que mantêm a hegemonia *mainstream* com tentativas de insubordinação aos preceitos e valores dominantes, funcionando como atos comunicativos. Esses atos se utilizam de hostilizações aos pesquisadores não *mainstream* para comunicar a comunidade acadêmica que transgressões à hegemonia serão respondidas com agressões até que ocorra a obediência às normas hegemônicas e a normalização das identidades dos pesquisadores. Os agentes que atuam na manutenção da hegemonia *mainstream* também dificultam o acesso de pesquisadores com abordagens diferentes aos periódicos da área. Os editores e revisores privilegiam pesquisas que atendam os interesses hegemônicos, em um processo de publicação que não é objetivo e mantém a subalternização dos pesquisadores não *mainstream*.

As experiências e hostilizações sofridas pelos pesquisadores não *mainstream* nos episódios de vigilância epistêmica também visam suprimir as questões político-corporais que os atravessam. Ao buscar desassociar de suas reflexões os questionamentos referentes a grupos

marginalizados socialmente, a hegemonia epistemológica dominante da área contábil age para suprimir identidades que atuem como oposto à lógica capitalista, neoliberal e neocolonial do *mainstream*. Dessa forma, reflexões que tangem aspectos de gênero, sexualidade, etarismo, raça, desigualdade social, entre outros, nas identidades dos pesquisadores são subalternizados para manter a dinâmica colonial da área.

A vigilância epistêmica sofrida demonstra como a contabilidade é permeada pelas dinâmicas neocoloniais, tendo sua produção de conhecimento orientada para o atendimento de demandas neoliberais e capitalistas. Considerando o entrelaçamento da contabilidade com os processos sociais e a sua capacidade de moldar ativamente relações de poder (Lima, 2022, Sauerbronn et al., 2024), é importante reconhecer quais estruturas de poder estão sendo reforçadas ou desafiadas pela produção científica da área. Ao privilegiar perspectivas epistemológicas alinhadas ao Neocolonialismo e que reproduzem a falsa noção de neutralidade na pesquisa científica, a produção de conhecimento da área reforça as dinâmicas coloniais e a inferiorização das perspectivas baseadas nas experiências sociais e históricas locais. Nesse processo, o potencial emancipatório da contabilidade em questionar os processos que marginalizam indivíduos e direitos sociais é pouco explorado.

O entendimento da forma que a Colonialidade se mantém e os seus efeitos nos indivíduos e na produção de conhecimento é necessária para nossa prática reflexiva decolonial (Queiroz, 2020). Dessa forma, a compreensão de como as práticas sociais de subalternização epistêmica atuam em nível identificacional e como os discursos hegemônicos são inculcados nas identidades de pesquisadores contábeis auxilia na ação reflexiva da academia contábil e a reforma dessas práticas. A identificação de que muitas das resistências para o desenvolvimento de perspectivas não *mainstream* se concentram no apagamento e inferiorização de identidades sociais e da desassociação de questões geopolíticas e político-corporais demonstra a importância de considerar o processo de colonização do ser para reforma decolonial das práticas sociais da academia contábil brasileira.

A compreensão sobre a agência transformadora decolonial assumida pelos pesquisadores entrevistados e as ações desenvolvidas, também me permitiu refletir sobre as estratégias utilizadas para a decolonização da academia contábil brasileira. Os esforços em ocupar diferentes espaços e promover uma comunidade acadêmica focada na colaboração e na humanização dos acadêmicos servem como contraponto do isolamento de pesquisadores não *mainstream* e da cultura individualista e competitiva da academia. Esse processo de re-humanização da área auxilia no questionamento da noção de ciência neutra perpetuada pela

hegemonia *mainstream* e promove a possibilidade de reconhecimento de epistemes diversas que contestem as relações de poder por trás dos discursos hegemônicos.

Para aumentar a compreensão da complexa reprodução da Colonialidade na academia contábil brasileira, investigações futuras podem explorar outras práticas subalternizadoras, se beneficiando de entrevistas mais amplas para buscar identificar outras formas como a vigilância epistêmica ocorre. Além disso, indico também a realização de pesquisas etnográficas que se aprofundem nos aspectos culturais coloniais da academia contábil brasileira. Pesquisas futuras podem explorar também a hegemonia *mainstream* por meio da utilização das outras ordens de discurso propostas por Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (1992/2001; 2003), analisando as relações de poder e práticas sociais subalternizadoras são representadas nos discursos e os modos de agir e interagir colonizadores presentes nos gêneros discursivos de acadêmicos contábeis. Além disso, também podem buscar compreender como ocorre o processo identificacional dos pesquisadores que foram normalizados pela hegemonia *mainstream* e seguiram a epistemologia dominante em detrimento de outras perspectivas.

REFERÊNCIAS

- Alvesson, M., & Deetz, S. (2000). *Doing critical management research*. Sage Publications.
- Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD). *Eventos*. Disponível em: https://anpad.com.br/pt_br/index_event. Acesso em 08 agosto de 2024.
- Ballestrin, L. (2013). América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 11, 89–117. <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/2069>
- Bartoluzzio, A. I. S. de S., Lima, J. P. R. de, & Sauerbronn, F. F. (2024). Boundaries, barriers, or bridges? Unraveling the integration of doctoral students in the accounting academic community. *Accounting Education, latest articles*, 1–32. <https://doi.org/10.1080/09639284.2024.2326963>
- Bauer, M. W., Gaskell, G., & Allum, N. C. (2008). Qualidade, quantidade e interesses em comum: evitando confusões. In Bauer, M. W., & Gaskell, G. (Eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 17-35). Vozes.
- Bhaskar, R. (2008). *A realist theory of science*. Routledge.
- Chouliaraki, L., & Fairclough, N. (1999). *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh University Press.
- Chua, W. F. (1986). Radical developments in accounting thought. *Accounting, the Social and the Political*, 61(4), 55–66. <https://doi.org/10.2308/bria-52377>
- Denzin, N. K. (2017). Investigação Qualitativa Crítica. *Sociedade Contabilidade e Gestão*, 13(1), 105. https://doi.org/10.21446/scg_ufrj.v13i1.14178
- Fairclough, N. (2001). *Discurso e mudança social*. Editora UNB. (Original publicado em 1992).
- Fairclough, N. (2003). *Analysing discourse: textual analysis for social research*. Routledge.
- Flick, U. (2008). *Introdução à pesquisa qualitativa (3rd ed.)*. Artmed.
- Fox, K. A. (2018). The manufacture of the academic accountant. *Critical Perspectives on Accounting*, 57, 1–20. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2018.01.005>
- Gaskell, G. (2008). Entrevistas individuais e grupais. In Bauer, M. W., & Gaskell, G. (Eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 90-113). Vozes.
- Giddens, A. (1990). *The consequences of modernity*. Polity Press.
- Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*. Zahar. (Originalmente publicado em 1999).
- Gómez-Villegas, M., & Larrinaga, C. (2023). A critical accounting project for Latin America? Objects of knowledge or ways of knowing. *Critical Perspectives on Accounting*, 93(102508), 102508. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2022.102508>

- Grosfoguel, R. (2007). The epistemic decolonial turn: Beyond political-economy paradigms. *Cultural Studies*, 21(2–3), 211–223. <https://doi.org/10.1080/09502380601162514>
- Haynes, K. (2013). Sexuality and sexual symbolism as processes of gendered identity formation: An autoethnography of an accounting firm. *Accounting Auditing & Accountability*, 26(3), 374–398. <https://doi.org/10.1108/09513571311311865>
- Homero Junior, P. F. (2017a). A constituição do campo científico e a baixa diversidade da pesquisa contábil brasileira. *Revista de Educação e Pesquisa Em Contabilidade (REPeC)*, 11(3), 314–328. <https://doi.org/10.17524/repec.v11i3.1565>
- Homero Junior, P. F. (2017b). Paradigma e ordem do discurso da pesquisa contábil brasileira. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, 10(1), 039–053. <https://doi.org/10.14392/asaa.2017100103>
- Homero Junior, P. F. (2021). Reflexões sobre a prática da pesquisa crítica em contabilidade no Brasil. *Revista de Educação e Pesquisa Em Contabilidade (REPeC)*, 15(2), 225–242. <https://doi.org/10.17524/repec.v15i2.2823>
- Homero Junior, P. F. (2023). Para Que(m) Serve a Pesquisa Contábil? Uma Análise Crítica do Discurso do Primeiro Fórum Acadêmico-Profissional da ANPCONT. *Sociedade Contabilidade e Gestão*, 17(3), 1–20. https://doi.org/10.21446/scg_ufrj.v0i0.53861
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2016). Nomes mais populares no Brasil. Censo 2010. <https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/ranking>
- Leal, F. G., & Moraes, M. C. B. (2018). Decolonialidade como epistemologia para o campo teórico da internacionalização da Educação Superior. *Education Policy Analysis Archives*, 26, 87. <https://doi.org/10.14507/epaa.26.3026>
- Lima, J. P. R. de, Casa Nova, S. P. de C., & Vendramin, E. de O. (2024). Sexist academic socialization and feminist resistance: (de)constructing women's (dis)placement in Brazilian accounting academia. *Critical Perspectives on Accounting*, 99(102600), 102600. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2023.102600>
- Lopes, I., & Lima, J. P. R. de (2022). Diversidade e Inclusão: Reflexões e Impactos da Natureza Política da Contabilidade. *Revista Contabilidade & Inovação*, 1(1). <https://doi.org/10.56000/rci.v1i1.71482>
- Lourenço, R. L., & Sauerbronn, F. F. (2016). Revistando possibilidades epistemológicas em contabilidade gerencial: em busca de contribuições de abordagens interpretativas e críticas no Brasil. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, 13(28), 99–122. <https://doi.org/10.5007/2175-8069.2016v13n28p99>
- Magrini, V. de O. (2023). *Constituição de uma comunidade de prática paradigmática interpretativa e crítica em pesquisa contábil: um estudo sobre as potencialidades e desafios do QRCA – Qualitative Research and Critical Accounting* [Tese de doutoramento em Controladoria, Universidade Federal de Uberlândia]. Repositório UFU. <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/38036>

- Magrini, V. de O., Silva, M. A. da, Silva, S. M. C. da, & Soares, E. C. (2024). Barreiras e desafios paradigmáticos na contabilidade: relatos de uma pesquisadora não mainstream. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, 17(1), 098–111/112. <https://doi.org/10.14392/asaa.2024170105>
- Martins, E. (2005). Normativismo e/ou positivismo em contabilidade: qual o futuro? *Revista Contabilidade & Finanças*, 16(39), 3. <https://doi.org/10.1590/S1519-70772005000300001>
- Martins, E. A. (2012). *Pesquisa contábil brasileira: uma análise filosófica* [Tese de doutoramento em Ciências Contábeis, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://doi.org/10.11606/T.12.2012.tde-14022013-171839>
- Mignolo, W. D. (2007a). DELINKING: The rhetoric of modernity, the logic of coloniality and the grammar of de-coloniality. *Cultural Studies*, 21(2–3), 449–514. <https://doi.org/10.1080/09502380601162647>
- Mignolo, W. D. (2007b). 'Epistemic Disobedience': the de-colonial option and the meaning of identity in politics. *Gragoatá*, 12(22), 11-41. <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33191>
- Mignolo, W. (2011). *The darker side of Western Modernity: global futures, decolonial options*. Duke University Press.
- Mignolo, W. D. (2014). Further Thoughts on (De)Coloniality. In Broeck, S.; Junker, C. (Eds.). *Postcoloniality - Decoloniality - Black Critique: joints and fissures* (pp. 21-52). Campus.
- Nascimento, J. P. de B., Campos, C. L. O., & Sauerbronn, F. F. (2023). Da neutralidade à ação social: os papéis da contabilidade como prática social e discursiva. *Revista De Contabilidade Do Mestrado Em Ciências Contábeis Da UERJ*, 27(2), 3–18. <https://doi.org/10.12979/rcmcuerj.v27i2.61161>
- Nganga, C. S. N. (2019). *Abrindo caminhos: a construção das identidades docentes de mulheres pelas trilhas, pontes e muros da pós-graduação em Contabilidade* [Tese de doutoramento em Contabilidade, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://doi.org/10.11606/T.12.2019.tde-14082019-155635>
- Nganga, C. S. N., Casa Nova, S. P. de C., & Lima, J. P. R. de. (2022). (Re)Formação docente em Contabilidade: uma reflexão sobre os programas de doutorado no Brasil. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 16, e191038. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-6486.rco.2022.191038>
- Nganga, C. S. N., Casa Nova, S. P. C., Lima, J. P. R. de Silva, S. M. C. Da. (2023). Publicar ou pesquisar? Reproduzir ou ensinar? Reflexões sobre as experiências de mulheres doutorandas em ciências contábeis. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, 31(45). <https://doi.org/10.14507/epaa.31.7377>

- Pereira, R. C. M., Constantino, F. D. F. da S., Sauerbronn, F. F., & Macedo, M. A. D. S. (2019). Pesquisa qualitativa em contabilidade: um panorama de sua evolução no congresso ANPCONT à luz da literatura internacional. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, 16(41), 204–224. <https://doi.org/10.5007/2175-8069.2019v16n41p204>
- Queiroz, A. S. (2020). *Educação crítica decolonial e agenciamentos: um estudo etnográfico-discursivo sobre o programa Mulheres Inspiradoras* [Tese de doutoramento em Linguística, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UNB. <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/40184>
- Quijano, A. (1992). Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Perú indígena*, 13(29), 11-20.
- Quijano, A. (2000). Coloniality of power, ethnocentrism, and Latin America. *Nepantla: Views from South*, 1(3), 533–580.
- Pardo, M. L. (2019). Decolonização do conhecimento nos estudos do discurso. In Resende V. de M. (Org.). *Decolonizar os estudos críticos do discurso* (pp. 47-62). Pontes Editores.
- Ramalho, V., & Resende, V. de M. (2011). *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Pontes.
- Resende, V. de M. (2019). Perspectivas latino-americanas para decolonizar os estudos críticos do discurso. In Resende V. de M. (Org.). *Decolonizar os estudos críticos do discurso* (pp. 19-46). Pontes Editores.
- Resende, V. de M., & Ramalho, V. (2006). *Análise de discurso crítica*. Editora Contexto.
- Rumens, N. (2016). Sexualities and accounting: A queer theory perspective. *Critical Perspectives on Accounting*, 35, 111–120. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2015.05.003>
- Ryan, B., Scapens, R. W., & Theobald, M. (2002). *Research method and methodology in finance and accounting*. Thomson.
- Sardeiro, L. S. M. (2024). *Análise de discurso sobre a primazia dos investidores no contexto da estrutura conceitual* [Tese de doutoramento em Ciências Contábeis, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UNB. <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/50971>
- Sauerbronn, F. F., Ayres, R. M., da Silva, C. M., & Lourenço, R. L. (2024). Decolonial studies in accounting? Emerging contributions from Latin America. *Critical Perspectives on Accounting*, 99(102281). <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2020.102281>
- Sauerbronn, F. F., Homero Junior, P., Araujo, M. C., Carvalho, T. F. C., & Lima, J. P. R. (2023a). Pesquisa crítica em contabilidade: um campo de possibilidades. *Revista Mineira de Contabilidade*, 24(3), 4–11. <https://doi.org/10.51320/rmc.v24i3.1579>
- Sauerbronn, F. F., Lima, J. P. R., & Faria, A. (2023b). Decolonizando-recolonizando currículo em gestão e contabilidade. *Revista de Administração Contemporânea*, 27(6), e230050. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2023230050.por>

- Silva, C. M., Sauerbronn, F. F., & Thiollent, M. (2022). Decolonial studies, non-extractive methods, and participatory action research in accounting. *Revista de Administração Contemporânea*, 26(4), e210014. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2022210014.en>
- Soares, E. C., Lima, N. C., & Magrini, V. D. O. (2024). Philosophical characteristics of mainstream accounting science and its limitations. *Revista Contabilidade e Controladoria*, 16(1). <https://doi.org/10.5380/rcc.v16i1.88972>
- Zimmerman, J. L. (2001). Conjectures regarding empirical managerial accounting research. *Journal of Accounting and Economics*, 32(1–3), 411–427. [https://doi.org/10.1016/s0165-4101\(01\)00023-4](https://doi.org/10.1016/s0165-4101(01)00023-4)
- Walsh, C. E. (2018) The decolonial for: resurgences, shifts and movements. In Mignolo, W. D., & Walsh, C. E. *On decoloniality: concepts, analytics, praxis* (pp. 15-32). Duke University Press. <https://doi.org/10.1215/9780822371779>

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

O objetivo desta entrevista é coletar informações sobre como os pesquisadores não *mainstream* se identificam discursivamente frente às práticas sociais de subalternização epistêmica na academia contábil brasileira. Essas práticas sociais buscam a manutenção da hegemonia epistemológica *mainstream* presente na área, que orienta a construção de conhecimentos para que estejam em conformidade com seus pressupostos.

Saliento que essa pesquisa tem natureza estritamente acadêmica e que será garantido o sigilo sobre as respostas. Para começarmos, gostaria de pedir autorização para gravar a entrevista, para facilitar a transcrição e a análise das informações coletadas.

Bloco I – Questões introdutórias

- 1) Poderia comentar um pouco sobre sua trajetória acadêmica?
- 2) Para você, o que é a hegemonia epistemológica *mainstream* na academia contábil brasileira?
- 3) Como você se identifica epistemologicamente?

Bloco II – Questões sobre as práticas sociais de subalternização epistêmica

- 4) Por que você fez essa escolha epistemológica? Algo te direcionou para isso ou foi uma escolha sua?
- 5) Você encontrou alguma resistência em relação ao seu posicionamento epistemológico? Por parte dos seus pares, de orientadores ou do seu programa?
- 6) Como tem sido sua experiência com a submissão de trabalhos não *mainstream* em congressos? E em periódicos?
- 7) Como pesquisador(a) não *mainstream*, você considera que colabora com o desprendimento dos padrões hegemônicos que orientam a construção de conhecimento? Quais atitudes, projetos ou ações você considera que ajudam nesse desprendimento?

APÊNDICE B – REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO

Título do Projeto: A hegemonia *mainstream* e a subalternização epistêmica na academia contábil brasileira

Pesquisador/a responsável: Sayuri Unoki de Azevedo

Pesquisador/a assistente: Andre Schedeloski

Você está sendo convidado/a a participar de uma pesquisa. Este documento, chamado “Registro de Consentimento Livre e Informado” visa assegurar seus direitos como participante da pesquisa. Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para tirar suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou depois de assiná-lo, você poderá buscar orientação junto a equipe de pesquisa. Você é livre para decidir participar e pode desistir a qualquer momento, sem que isto lhe traga prejuízo algum.

A pesquisa intitulada A hegemonia *mainstream* e a subalternização epistêmica na academia contábil brasileira, tem como objetivo compreender a constituição discursiva das identidades sociais de pesquisadores não *mainstream* frente às práticas sociais de subalternização epistêmica na academia contábil brasileira.

Participando do estudo você está sendo convidado/a a:

- i) Participar de uma entrevista on-line por meio da plataforma Microsoft Teams;
- ii) A entrevista ocorrerá de forma individual e com questões que abrangem seu posicionamento epistemológico e sua experiência com relação a hegemonia *mainstream* da academia contábil brasileira;
- iii) A estimativa de duração da entrevista é de 1 (uma) hora.

Desconfortos e riscos:

- i) Desconfortos e riscos: é possível que você experimente algum desconforto, principalmente relacionado a mal-estar, constrangimento, insegurança e desconforto emocional, porém o risco de ocorrência é baixo. Tais riscos são relatados no RCLI para que o participante os conheça e fique livre de participar ou não da pesquisa.;
- ii) Providências e cautelas: a transcrição da entrevista será enviada para conferência e validação, você podendo solicitar a exclusão de qualquer trecho que considere inadequado ou que gere desconforto ou risco. Adicionalmente, qualquer alusão ao participante na pesquisa será feita através de um pseudônimo, garantindo sigilo, privacidade e confidencialidade;
- iii) Forma de assistência e acompanhamento: caso você experimente algum desconforto, você pode solicitar o encerramento da entrevista a qualquer momento;
- iv) Benefícios: a participação na pesquisa poderá contribuir com a literatura científica sobre as abordagens epistêmicas da academia contábil brasileira e sobre a formação das identidades sociais dos pesquisadores da área. Essa contribuição é importante para a continuidade dos debates sobre maior diversidade de vertentes ontológicas, epistemológicas, abordagens e métodos nas pesquisas contábeis e para contribuir para a pluralidade das formas de investigação e de conhecimentos na área (Magrini et al., 2024; Nganga et al., 2023).

Os dados obtidos para este estudo serão utilizados unicamente para essa pesquisa e armazenados pelo período de cinco anos após seu término, sob responsabilidade do (a) pesquisador (a) responsável (Resol. 510/2016).

Forma de armazenamento dos dados: as gravações das entrevistas, as transcrições e os termos de consentimento ficarão sob guarda da pesquisadora principal, Sayuri Unoki de Azevedo, em arquivo digital, pelo período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

Sigilo e privacidade: Você tem garantia de manutenção do sigilo e da sua privacidade durante todas as fases da pesquisa, exceto quando houver sua manifestação explícita em sentido contrário. Ou seja, seu nome nunca será citado, a não ser que você manifeste que abre mão do direito ao sigilo.

() Permito a gravação de imagem, som de voz e/ou depoimentos unicamente para esta pesquisa e tenho ciência que a guarda dos dados são de responsabilidade do(s) pesquisador(es), que se compromete(m) em garantir o sigilo e privacidade dos dados.

() Não permito a gravação de imagem, som de voz e/ou depoimentos para esta pesquisa.

Ressarcimento e Indenização: as despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade. Fica informado, ainda, que na ocorrência de qualquer um dos riscos informados, os pesquisadores se fazem à disposição de esclarecer toda e qualquer dúvida que se apresentar. No caso de persistência dos riscos, fica garantido aos respondentes a livre escolha de interromper a pesquisa ou solicitar o cancelamento, a todo e qualquer momento. Em caso de desistência o participante poderá solicitar, se preferir, a desconsideração de seu RCLI pelo e-mail: andre.schedeloski@ufpr.br. Diante de eventual despesa, você será ressarcido pela equipe de pesquisa. Diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, você terá a garantia ao direito à indenização

Resultados da pesquisa: Você tem direito de conhecer os resultados desta pesquisa. A divulgação dos resultados do estudo acontecerá primeiramente na Defesa de Dissertação do pesquisador assistente Andre Schedeloski, prevista para o dia fevereiro de 2024. Após essa cerimônia e aprovação, o trabalho será publicado no repositório da Biblioteca da UFPR, disponível em: < <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/39789> > e os resultados encontrados serão divulgados via e-mail aos participantes da pesquisa. Os resultados também serão divulgados em eventos nacionais e internacionais por meio de artigos científicos e em trabalhos acadêmicos. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a identidade do participante seja preservada e mantida sua confidencialidade.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a equipe de pesquisa:

Pesquisador(a) responsável: Sayuri Unoki de Azevedo. Endereço: Av. Prefeito Lothário Meissner, 632-Jardim Botânico, Curitiba, Estado do Paraná, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, 1º andar, Laboratório de Educação e Pesquisa Contábil, em horário comercial. Telefone: (41) 3360-4193. E-mail: sayuri.unoki@ufpr.br

O Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade Federal do Paraná é um órgão que avalia e acompanha os aspectos éticos de pesquisas envolvendo seres humanos. Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas deste estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do CEP/CHS. Nossos contatos: Rua General Carneiro, 460 – Edifício D. Pedro I – 11º andar, sala 1121, Curitiba – Paraná, Telefone: (41) 3360 – 5094, e-mail cep_chs@ufpr.br. Você tem o direito de acessar este documento sempre que precisar. Basta solicitar seu RCLI pelo e-mail: andre.schedeloski@ufpr.br ou sayuri.unoki@ufpr.br.

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais da UFPR sob o número CAAE nº 82536324.0.0000.0214 e aprovada com o Parecer número 7.057.341 emitido em data 05 de setembro de 2024.

Consentimento livre e informado:

Após ter lido este documento com informações sobre a pesquisa e não tendo dúvidas, informo que aceito participar.

Nome do/a participante da pesquisa:

(Assinatura do/a participante da pesquisa)

Data: ____/____/____

ANEXO 1 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A HEGEMONIA MAINSTREAM E A SUBALTERNIZAÇÃO EPISTÊMICA NA ACADEMIA CONTÁBIL BRASILEIRA

Pesquisador: Sayuri Unoki de Azevedo

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 82536324.0.0000.0214

Instituição Proponente: Programa de Pós-graduação em Contabilidade da UFPR

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.057.341

Apresentação do Projeto:

O projeto explora as práticas e desafios na academia contábil brasileira, com vistas a entender como diferentes estruturas impactam a produção de conhecimento. A pesquisa envolve entrevistas e análises, sempre priorizando a confidencialidade dos participantes. Os resultados visam contribuir para um debate mais amplo sobre diversidade epistemológica e inclusão na área contábil.

Objetivo da Pesquisa:

A pesquisa busca entender como pesquisadores que não seguem a linha convencional da contabilidade se posicionam diante das ideias dominantes na área. Busca também analisar como práticas acadêmicas dificultam a aceitação de abordagens alternativas, e identificar formas de superar essas dificuldades e incentivar uma maior diversidade de ideias na contabilidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Sobre os riscos, os autores comentam que os participantes podem sentir desconforto emocional ou insegurança durante a entrevista. No entanto, podem interromper a participação a qualquer momento e solicitar a exclusão de trechos desconfortáveis.

Quanto aos benefícios, é citado que a pesquisa pode enriquecer o conhecimento sobre

Endereço: Rua General Carneiro, nº 460, Edifício D. Pedro I, 11º andar, sala 1121

Bairro: Centro

CEP: 80.060-150

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3360-5094

E-mail: cep_chs@ufpr.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS**



Continuação do Parecer: 7.057.341

diferentes abordagens na contabilidade, promovendo uma maior diversidade de métodos e perspectivas na área.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Não há comentários ou considerações relevantes para melhoria da pesquisa no âmbito da ética.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatórios foram enviados e estão de acordo com as exigências da CEP.

Recomendações:

Sem recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não foram identificadas pendências ou inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2398877.pdf	11/08/2024 08:03:18		Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRostoassinada.pdf	10/08/2024 22:03:04	Sayuri Unoki de Azevedo	Aceito
Outros	AprovacaoProjeto.pdf	10/08/2024 17:46:52	Sayuri Unoki de Azevedo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetodePesquisa.docx	10/08/2024 17:45:43	Sayuri Unoki de Azevedo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	RCLI.docx	10/08/2024 17:45:17	Sayuri Unoki de Azevedo	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua General Carneiro, nº 460, Edifício D. Pedro I, 11º andar, sala 1121

Bairro: Centro

CEP: 80.060-150

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3360-5094

E-mail: cep_chs@ufpr.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS



Continuação do Parecer: 7.057.341

CURITIBA, 05 de Setembro de 2024

Assinado por:
ANDREA BARBOSA GOUVEIA
(Coordenador(a))

Endereço: Rua General Carneiro, nº 460, Edifício D. Pedro I, 11º andar, sala 1121

Bairro: Centro

CEP: 80.060-150

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3360-5094

E-mail: cep_chs@ufpr.br